BIZZ

KURT COBAIN UM ANO DEPOIS

ídolo pode ter sido assassinado

STEVIE WONDER
A VOLTA DO REI POP

SANGUE E DROGAS EM
TEMPO DE VIOLÊNCIA

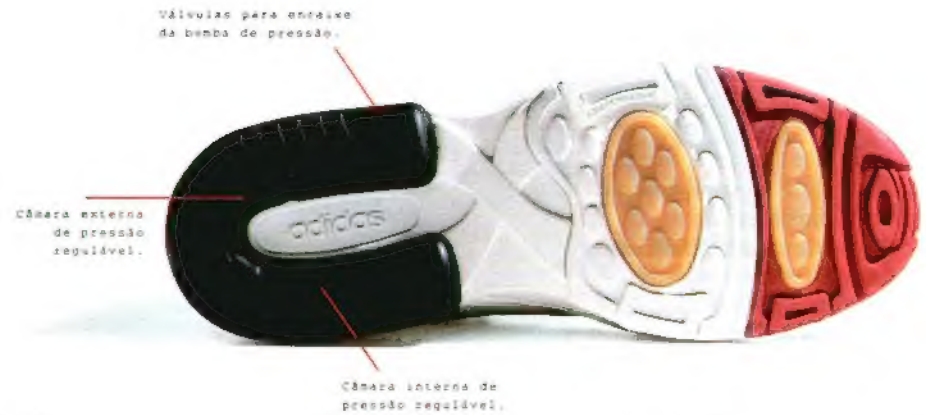
os novos rumos de

RENATO RUSSO

entrevista exclusiva

ESTUDAMOS
DETALHADAMENTE
O MOVIMENTO HUMANO.
ANALISAMOS
PROFUNDAMENTE
A SUSPENSÃO DOS CARROS.
OUVIMOS
SISTEMATICAMENTE
A OPINIÃO DOS
ORTOPEDISTAS.
COPIAMOS
DESCARADAMENTE
A ESTRUTURA DOS PNEUS.

(E AÍ SÓ DEMOS
UMA MEIA-SOLA.)



AMORTECIMENTO AJUSTÁVEL POR REGULAGEM DE PRESSÃO.

ADIDAS TUBULAR. O ÚNICO COM BOMBA DE PRESSÃO COM VISOR DIGITAL, QUE PERMITE AJUSTE DE AMORTECIMENTO NO SOLADO, DE ACORDO COM O PESO E A ALTURA DO ATLETA.

CROSS TRAINER XTR TUBULAR.

RUNNER TUBULAR.

adidas® THE BRAND WITH THE THREE STRIPES

tubular TECHNOLOGY

BIZZ

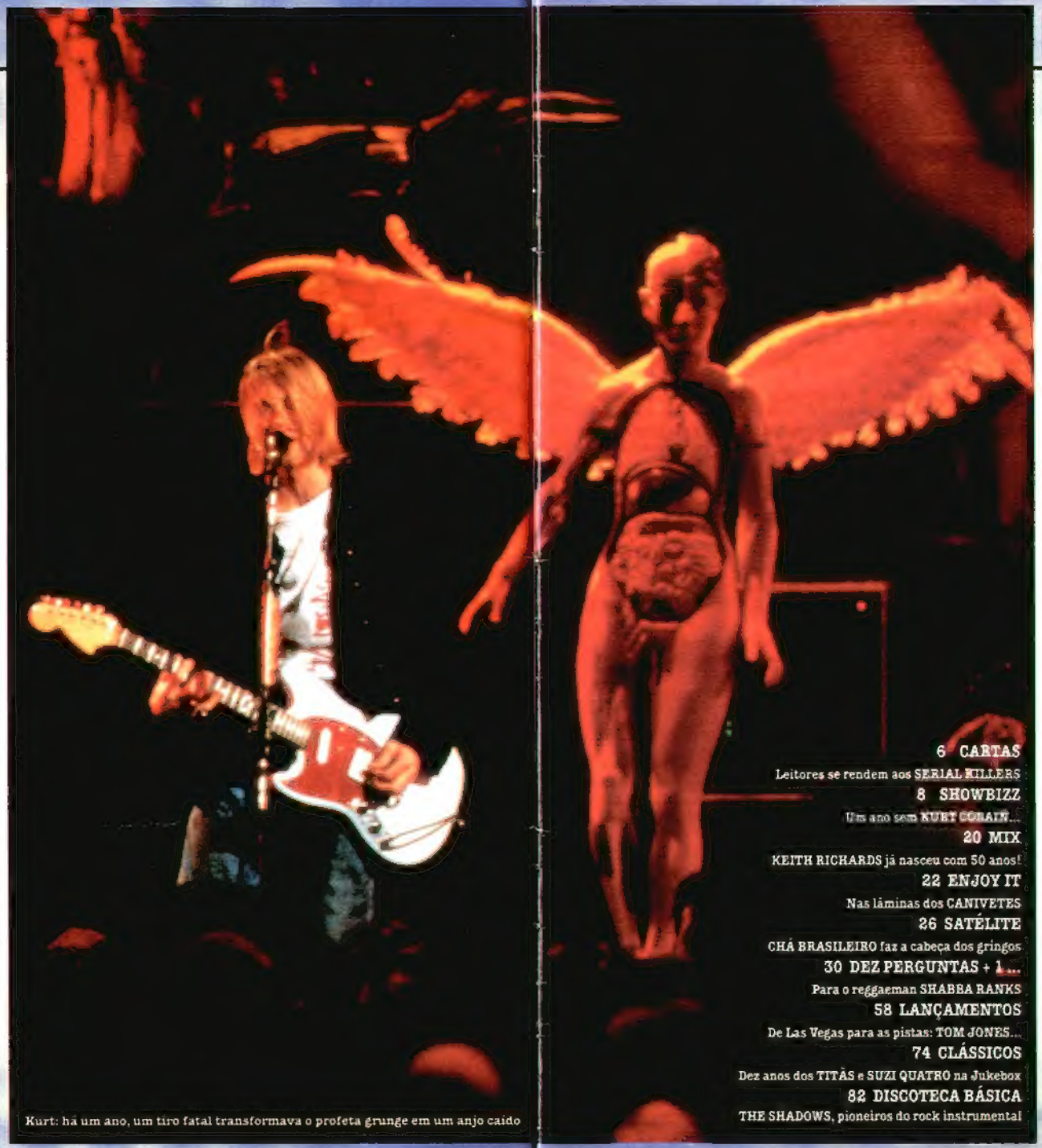
Marcos Prado

Ano 11 • Nº03 • Edição 116 • Março, 1995

Entrevistar Renato Russo é sempre uma aventura. Nunca se sabe como o líder da Legião Urbana vai se apresentar. Ele pode estar eufórico ou na maior deprê. Os mecanismos que definem o estado de espírito dele são indecifráveis. A única chave do enigma é sua poesia.

Escrevendo poesia introspectiva, Renato conquistou a cabeça do público. Mesmo uma década atrás, quando o rock nacional paria sucessos a toda hora, Renato e a Legião Urbana injetavam um tipo diferente de questionamento. O problema não era a namorada birrenta ou o carro que papai não queria emprestar. As letras buscavam um lugar no mundo onde fosse possível entender o porquê de tudo. Para chegar nessa miragem, o único caminho é o da evolução. Aliás, não importa muito chegar lá, o importante é aprender.

O Renato Russo que você vai encontrar nas páginas da BIZZ é alguém que conseguiu escapar do poder da dúvida e agora convive com suas imperfeições e com seu talento. Um novo Renato, assumido em todos os sentidos, que amplia os horizontes e parte em nova viagem. A entrevista com ele desvenda a constante metamorfose interior que a arte provoca. É a mesma que transforma as páginas da BIZZ para traduzir toda a velocidade que a cultura pop imprime nas mudanças deste final de milênio. As viagens de Renato e da BIZZ são uma só: a da evolução.



Kurt: há um ano, um tiro fatal transformava o profeta grunge em um anjo caído

SUPA PRESS

este mês

34

RENATO RUSSO abre a sua casa e recebe Felipe Zobaran e Hélio Gomes para uma entrevista exclusiva. O ídolo revela seu modo de vida atual, faz um balanço da carreira e conta os planos para o futuro, que incluem até um disco em italiano!

44

Tempo de Violência - Pulp Fiction é o filme que lançou o diretor **QUENTIN TARANTINO** ao estrelato. Em entrevista a José Emilio Rondeau, o bad boy do cinema americano explica a onda da ultraviolência

48

STEVIE WONDER está de volta depois de oito anos. Sérgio Martins foi a Miami, conferiu o novo show e, de quebra, numa conversa exclusiva, descobriu o que está passando pela cabeça do gênio da música soul

54

As gatas da nova geração simplesmente estão preferindo elas. Virou chique uma mulher dizer que está apaixonada por outra. É tudo um **JOGO DE IMAGEM?** Robert Halfoun e Cláudia Grechi investigam esta nova face do comportamento feminino

6 CARTAS
Leitores se rendem aos SERIAL KILLERS

8 SHOWBIZZ
Um ano sem KURT COBAIN...

20 MIX
KEITH RICHARDS já nasceu com 50 anos!

22 ENJOY IT
Nas lâminas dos CANIVETES

26 SATÉLITE
CHÁ BRASILEIRO faz a cabeça dos gringos

30 DEZ PERGUNTAS + 1...
Para o reggaeman SHABBA RANKS

58 LANÇAMENTOS
De Las Vegas para as pistas: TOM JONES...

74 CLÁSSICOS
Dez anos dos TITÃS e SUZI QUATRO na Jukebox

82 DISCOTECA BÁSICA
THE SHADOWS, pioneiros do rock instrumental

Cartas

ASSASSINOS POR NATUREZA

Adorei a reportagem de Sérgio Martins sobre os serial killers brasileiros. De forma completamente isenta, o jornalista provou que o perigo pode estar muito mais perto do que se imagina.

Patrícia Louzano, *Belo Horizonte/MG*

Leio esta revista há oito anos. Mas agora tenho a dizer que a edição de janeiro (BIZZ 114) está perfeita, em todos os aspectos. Mas especialmente a matéria "Eles Estão Entre Nós". Parabéns ao Sérgio Martins. *P.S.:* Também adorei as ilustrações do Kipper. Elas são realmente fantásticas.

Otaídes Faustino Moura, *Goiânia/GO*

A NOVELA DA "MALDITA"

Nós, abaixo-assinados, vimos, por meio desta, manifestar toda a nossa tristeza e insatisfação pela retirada do ar da rádio Fluminense FM. Reivindicamos que providências sejam tomadas, pois entendemos que a rádio jovem Pan teria outras maneiras de entrar no Rio de Janeiro, sem que para isso tivesse sido necessário acabar com a nossa única rádio rock. Queremos a Fluminense!! *(assinam o documento anexo 265 pessoas)*

Marcelo Coutinho e Santos, *Rio de Janeiro/RJ*

Caro Marcelo e demais participantes do abaixo-assinado, a BIZZ sempre estará de olho no que anda acontecendo nas ondas do rádio brasileiro. Quanto ao lamentável episódio do final da Fluminense, só podemos lamentar e esperar que essa febre de extinções não se espalhe pelo país. Leia mais sobre o assunto no Showbizz da edição 115.

ELA É SUPER!

Sou assinante da BIZZ e adorei a reportagem sobre Teri Hatcher – a Lois Lane de *As Novas Aventuras Do Superman*, entrevistada por José Emílio Rondeau. Ela é maravilhosa, só de olhar para sua foto fico completamente doido! Sou tarado por essa mulher. Se possível, gostaria que a BIZZ me presenteasse com um poster dela, de preferência nua e numa pose bem sexy.

Roberto Neres Cordeiro, *Marabá/PA*

Ô Roberto, poster da Teri Hatcher pelada! Não é bem por aí... Quanto ao feitiço que nossa Teri lançou sobre você, não fique preocupado: grande parte de nossa redação também foi contaminada por ele. E parece que é incurável...

CARTA ABERTA A LULU SANTOS

Foi com surpresa que ouvi suas declarações. Você disse que tem orgulho de ser carioca (ou fluminense). Pois eu tenho orgulho de ser paulista. Porém, não devemos simplesmente acreditar que isso é uma briga envolvendo paulistas e cariocas, já que sua pessoa não pode representar uma cidade que tem entre os seus filhos músicos nomes como Renato Russo e Cazuza. Se alguém está na frente de um microfone ou de uma câmera, deve tratar o público com o respeito que ele merece. Seja o público baiano, paulista, paranaense, mineiro, carioca....

José L. Pedroso, *São Paulo/SP*

Toda mundo sabe: não há maior tolice do que a velha "briga" entre Rio e São Paulo. Num momento em que o rock brasileiro é sacudido por novos grupos e ídolos – diga-se de passagem, muitos deles vindos de fora de ambas as cidades –, Lulu Santos não precisava correr o risco de pisar no calo dos paulistas, ao vivo na terceira maior rede de televisão do país. Não é mesmo, Lulu?

"A edição de janeiro está ótima. A revista foi superbem bolada, mas as melhores páginas foram as da reportagem de Sérgio Martins, 'Eles Estão Entre Nós' "

Esdras Fróes Santos, *São Francisco/SP*

A MOÇADA SÓ QUER DIVERSÃO (E CINDY LAUPER)

Escrevo para responder uma pergunta feita por Lourival C. S. Júnior na edição 114 da BIZZ, "será que no atual mercado fonográfico ainda existe público para ela?" Sim, existe. Sei que a Cindy Lauper de hoje não faz o sucesso que fez durante os anos 80, mas existe um público que viveu aquela época, e que compra coletâneas de seus artistas prediletos.

André L. M. Biondo, *Bauru/SP*

Vocês querem saber se existe público para Cindy Lauper? Pô, que pergunta boba! É claro que sim, tanto que o show dela em São Paulo, em novembro, ficou lotado de curiosos, fãs antigos e recentes.

Dalton Costa C. de Lima, *Fortaleza/CE*

Ok, meninos, não há como contestar a popularidade de Cindy quando lembramos do show que ela fez em São Paulo. Mas fã que é fã não precisa esquentar a cabeça: a loirinha (ao que tudo indica) ainda tem muitos e muitos hits a fazer – ou recriar, como fez com "Girls Just Want To Have Fun".

PAULO CAVALCANTI E OS FÃS DO BON JOVI

Em seu texto sobre o lançamento do coletâneo Crossroads, *do grupo Bon Jovi (BIZZ 114), o crítico Paulo Cavalcanti levantou uma questão a ser respondida pelos fãs da banda: "Fãs do Bon Jovi, vocês realmente existem?" Pois bem, vinte leitores enviaram cartas à redação solucionando o mistério. Leia abaixo algumas das respostas mais criativas à questão de Cavalcanti.*

Respondendo à pergunta do senhor Paulo Cavalcanti, eu existo!! E o senhor deve ser uma caricatura de um ser humano. Cavalcanti foi um tanto quanto mal educado e inoportuno ao se referir tão agressivamente ao Bon Jovi.

Karina Bellinfanti, *Arujá/SP*

Não existimos. Somos apenas miragens, e por coincidência estamos espalhados pelo mundo inteiro. Se você não sabe, aqui vai uma dica: o Bon Jovi faz sucesso porque é um grupo que agrada a gregos e troianos. Você, infelizmente, parece não pertencer a nenhum dos dois grupos.

Antonio José Santos Neto, *Pedro Segundo/PI*

Gostaria de dizer algumas coisinhas ao Paulo Cavalcanti: baba e farofa existem no seu cérebro, e coisa insuportável é você. Como "Livin' On A Prayer" e "Bed Of Roses" chegaram ao topo? É porque graças a Deus não existem pessoas iguais você... Deus não erra duas vezes.

Marta Rossi, *São Paulo/SP*

Quanto àquela pergunta "maldosa e pertinente", ela só tem uma resposta: é óbvio que os fãs do Bon Jovi existem. Caso contrário, eles nunca ficariam no topo das paradas com músicas inesquecíveis como "Livin' On A Prayer" e "Bed Of Roses". Infelizmente para você, nós existimos.

Fernanda C. Bongiovi, *Rio de Janeiro/RJ*

E AS PEDRAS ROLARAM PELO BRASIL

Escrevo esta carta para agradecer à redação da BIZZ pela excelente entrevista com os Rolling Stones, publicada na edição de janeiro.

Wilton de Carvalho, *Rio de Janeiro/RJ*

Gostaria de dar meus parabéns pelo lindo álbum especial dos Rolling Stones produzido pela BIZZ. Lembrar do show da maior banda do mundo ficou ainda melhor com o álbum.

Fernando G. Silva, *São Paulo/SP*

DIVERSÃO, NOITADA, CERVEJA GELADA E MULHER PELADA...

A BANDA DAS
VELHAS VIRGENS
FOI BOM PRA VOCÊ?

"Se foi bom para mim? Ôrra meu!!! Até que enfim rock'n'roll puro, sem gelo, "nos cano" mora! É tudo uma declaração de honestidade sexual explícita, com cheiro de criançada sacana que não tem papas na língua, nem em qualquer parte do corpo. Deliciosamente escrotas, as VV gozam de você, em você, com você e pra você."

RITA LEE

Prize® Records

LANÇAMENTO NACIONAL
CD LP K7
TELEMARKETING (041) 252-9771

CORZ®

O túmulo de Cobain, em Seattle, arrasta romarias de fãs todos os dias

KURT COBAIN

UM ANO DEPOIS

Um ano depois de sua morte, ocorrida em 7 de abril de 94, o fenômeno Kurt Cobain/Nirvana ainda se mantém firme e forte. As livrarias estão recheadas de biografias do cantor e pelo menos três discos do Nirvana – *Nevermind*, *In Utero* e o póstumo *Unplugged In New York* – ainda freqüentam as paradas da revista *Billboard*. E essa situação ilustra o quanto o Nirvana foi importante para os anos 90 – mesmo que muitos puristas insistam em torcer o nariz para isso. O túmulo de Cobain em Seattle virou uma romaria constante, onde os fãs rendem homenagens ao ídolo da chamada "geração grunge".

Chato mesmo, só quando aparece um mané querendo faturar em cima de Cobain. Um desses tipos atende pelo nome de Tom Grant e trabalha como detetive. Ele havia sido contratado por Courtney Love depois que Cobain fugiu de uma clínica de recuperação de drogados. Grant sustenta a tese – anunciada em rádios e nos principais veículos de mídia impressa nos Estados Unidos – de que Cobain teria sido assassinado. "Acredito que Cobain estava tão drogado que nem se deu conta do que estava acontecendo", apontou Grant. "Alguém colocou o revólver na boca de Cobain, colocou o dedo dele no gatilho e atirou."

A carta-testamento deixada por Cobain – lida pela viúva do cantor, em seu funeral – é, segundo Grant, uma despedida do cantor ao mundo do *showbiz*. Alguém teria acrescentado as duas últimas linhas da carta para dar a impressão do suicídio. O investigador só não encontrou a resposta mais óbvia: quem e por que teria matado Kurt Cobain?

BOATOS DE QUE O LÍDER DO NIRVANA TERIA SIDO ASSASSINADO SACODEM SEATTLE

Love contratou o autor da fofoca

Alheias a todo esse circo, as pessoas mais próximas a Kurt Cobain vão tocando a vida. O baterista Dave Grohl montou a banda Foo Fighters, ao lado de Pat Smear, que tocou com o Nirvana nos shows de *In Utero*; Krist Novoselic montou uma associação em Seattle – onde ele é presidente – cujo objetivo é defender os direitos dos artistas e de seus fãs.

Courtney Love já fala da relação com Kurt nas entrevistas. Suas declarações são repletas de inconformismo. "Imagine isso: você finalmente encontrou alguém do sexo oposto com quem pode escrever junto. Nunca havia acontecido antes em sua vida. E você está apaixonada, tem um melhor amigo, um parceiro de corpo e alma. É a única felicidade que jamais tive", declarou ela à revista *Spin*.

Love mora na mesma casa em que vivia com Cobain. As cinzas do cantor se encontram espalhadas em vários cantos da residência – e outra parte foi despachada para a Índia. Alheia aos boatos de que estaria namorando com Evan Dando (Lemonheads) e Michael Stipe (R.E.M.), Love prepara a trilha de *Tank Girl*, filme baseado na história em quadrinhos homônima. Certo, ela ainda apronta: recentemente foi presa na Austrália depois de xingar uma aeromoça – que insistia para Love tirar os pés da parede do avião – e se joga na platéia de um jeito tão violento que sai dos shows do Hole toda arranhada. Mas o que você espera de uma garota que teve três pais diferentes, uma casa freqüentada por toda a comunidade hippie e ainda se casou com um *rockstar* problemático que enfiou uma bala na própria cabeça?

SÉRGIO MARTINS

pink floyd lança disco ao vivo

Os brasileiros poderão saciar – pelo menos em parte – o desejo de conferir de perto um show do **PINK FLOYD**. Enquanto não se confirmam os boatos de que o grupo se apresentará no Brasil, chega às lojas no início de abril, via Sony Music, um álbum duplo ao vivo gravado durante a recente turnê do grupo pelos Estados Unidos e Europa. A novidade do lançamento é que um dos discos será nada menos que a versão *live* de *The Dark Side Of The Moon*, a obra-prima do Pink Floyd e que até hoje circula entre os discos mais vendidos em todo o mundo. A primeira tiragem do disco virá numa embalagem especial – cujo conteúdo ainda é segredo de Estado.

BOB "MAREY", NÔ?

ILUSTRAÇÃO SOBRE FOTO : FLÁVIO VIANNA

BOB MARLEY era descendente de chineses. A teoria, exposta recentemente por um membro da comunidade musical jamaicana e levantada pelo semanário inglês *New Musical Express*, está deixando os fãs de reggae atônitos. Segundo o jamaicano, a história tida como oficial – de que o pai do "rei do reggae" era do exército inglês – foi inventada pelo dono da Island (gravadora a qual Marley pertencia), Chris Blackwell, para que o cantor fosse melhor aceito pela comunidade inglesa.

LISA FURACÃO

FOTO: EDUARDO CAMPOS

Sempre que o telão do show dos Rolling Stones mostrava as curvas generosas da vocalista **LISA FISCHER**, o público levantava. Bonita e gostosa, Lisa foi o assunto da festa. Trocou lambidas com Mick Jagger, levou palmada, rebolou muito e ainda encontrou fôlego para arrepiar na pesadona versão de "Gimme Shelter".

Ao apresentar a banda, Jagger gritou em português legítimo: "A gatíssima Lisa Fischer!" Num espetáculo onde a sensualidade está sempre vibrando, Lisa é o apelo visual mais perturbador. Fazendo o tipo liberadaça, se esfrega em Ron Wood, Keith Richards e no *backing vocal* Bernard Fowler durante todo o show. Como no palco é tudo encenação, resta saber de quem era a dura tarefa de acalmar Lisa Furacão nas madrugadas brasileiras.

REPRODUÇÃO

ELE SÓ PENSA "NAQUILO" [TRABALHO]

Além de cantar no Brasil, Bruce Dickinson entra em estúdio para gravar um novo álbum, comanda um programa de rádio na Inglaterra e encontra tempo para pilotar aviões.

O dono da voz comparada a uma sirene de ataque aéreo pode até não ser o melhor vocalista do mundo. Canta muito operisticamente para alguns. Mas sem dúvida **BRUCE DICKINSON** é um *rockstar* gente boa, sem arroubos de estrela. Corajosamente, largou a maior instituição do heavy metal – o Iron Maiden – para mergulhar de cabeça na carreira solo. Também é muito bem humorado. Atende o telefonema animado: "Hi, J.R." (J.R. é a forma como este repórter prefere se apresentar para estrangeiros). No decorrer da entrevista, gargalhou várias vezes. No fim, quando pedi desculpas pelo meu inglês macarrônico, Bruce Dickinson respondeu: "Não tem problema. Desculpe pelo meu pobre português também".

Dickinson trocou a poderosa gravadora EMI pelo selo Raw Power na Inglaterra, que acaba de lançar um disco duplo, ao vivo: *Alive In The Studio A* (no Brasil, Castle). Um disco foi gravado durante um show no Marquee e o outro ao vivo em estúdio para um programa de rádio norte-americano. "O som ficou tão bom que quis lançar a sessão de alguma maneira." São "duas ou três" músicas de *Tattoed Millionaire*, primeiro disco solo, e o resto do segundo, *Balls To Picasso*. Não nem nenhuma do Iron Maiden. "Nem covers", adianta Bruce.

Em meados de abril, um mês depois dos shows previstos para São Paulo e Rio, Dickinson e banda começam a gravar outro disco de estúdio. "Já temos dezoito músicas prontas, algumas vão ser apresentadas pela primeira vez no Brasil." São muito diferentes do *Balls To Picasso*? "Talvez um pouco mais pesadas."

Na atual turnê, Bruce tem cantado em lugares para 5.000 pessoas. No ano passado, Bruce fez um show em Sarajevo, na Bósnia, mas nega qualquer conotação política. "Não teve nada a ver com isto, e sim, fazer o público se divertir." A banda só enfrentou alguns problemas na chegada e teve que dirigir até o local dos shows sozinha, sem segurança. Quanto ao show, foi "inesquecível", diz Bruce. Inicialmente, quem deveria tocar em Sarajevo era o Motorhead. "Eles desistiram porque... eu não sei por que eles desistiram" (*gargalhadas*)...

Workaholic, além de agora ser dono de banda, escritor (já publicou dois livros e fez um roteiro para o cinema), Bruce dá uma de radialista. No ano passado, entrevistou bandas como o Sepultura durante o festival de Castle Donington. Este ano, ganhou um programa semanal na Radio One da BBC inglesa, é o *Bruce Dickinson's Rock Show*, com entrevistas e sessões ao vivo com boas bandas novas. "Só toco o que gosto." O cantor/radialista esperava fazer uma entrevista sobre o novo disco do Sepultura no Brasil, mas eu o avisei que o grupo está escrevendo o material em Phoenix, nos EUA. "*God damn it*", brincou. Tai a deixa para as bandas nacionais: não custa nada jogar sua demo ou CD na mão do cara.

Com tanta atividade, sobra tempo livre? "Um pouquinho, só um pouquinho." Uma ou duas vezes por semana pratica esgrima, seu esporte predileto. Há dois anos, cultiva um novo *hobby*: pilotar aviões.

Digo que no Brasil muitos jovens vocalistas de metal gostam de imitar o seu estilo. "Tudo bem. Cada um deve ter em mente que precisa buscar um estilo próprio." Mas vem cá, o Ian Gillan era uma grande influência pra você... "É verdade. Até hoje consigo fazer algumas vocalizações do Gillan"...

Bruce Dickinson espera que seu sucessor no Iron Maiden não tenha nenhum problema com os fãs da banda, ao contrário do que aconteceu nos seus primeiros shows na donzela de ferro (em 81, na Itália, ele foi vaiado por alguns fãs de Paul Di'Anno). "Todo mundo vai gostar de Blaze Bailey. Ele é um cara legal."

João Ricardo Lima

notas

Acredite, se quiser: **IKE TURNER** e **JIMI HENDRIX** são a mesma pessoa – pelo menos no cinema. Depois de viver o ex-marido de Tina Turner em Tina, o ator americano Laurence Fishburne (foto) pode vir a encarnar Hendrix nas telas. A produtora de Fishburne – que detém os direitos da biografia do guitarrista – está em acordo com a Disney para tocar o projeto adiante ***

RETNA

Laurence será Hendrix no cinema

Mais um ator se aventurando na música: **MEL GIBSON** (da série cinematográfica Máquina Mortífera) canta na trilha sonora do novo desenho da Disney, chamado Pocahontas *** Os integrantes do **METALLICA** estão trancados na casa do baterista Lars Ulrich. Motivo: a gravação do sucessor do multiplatinado "álbum preto" ***

Julie Delpy

Depois de inúmeras vãs tentativas, incluindo as estrelas Isabelle Adjani e Juliette Binoche, uma francesinha finalmente consegue um certo sucesso em Hollywood. **JULIE DELPY** é a estrela do filme *Before Sunrise* que estreou em janeiro nos Estados Unidos. Romântico sem ser piegas, o filme conta a história de um jornalista americano – Ethan Hawke, de *Sociedade Dos Poetas Mortos* – que conhece uma francesa em uma viagem de trem Budapeste-Paris e o delicado flerte entre os dois pelas ruas de Viena. Mesmo com o "karma" de sempre interpretar francesas em produções americanas, Julie vem se firmando como uma das poucas européias a terem conseguido conquistar seu espaço no mercado americano. Até o filme chegar por aqui, pode se conferir "o que a francesa tem" nos filmes *Os Três Mosqueteiros*, *A Igualdade É Branca* (disponíveis em vídeo) e *Parceiros Do Crime*. *Cláudia Grechi*

STILLS

Mais uma francesinha atiça a libido dos americanos

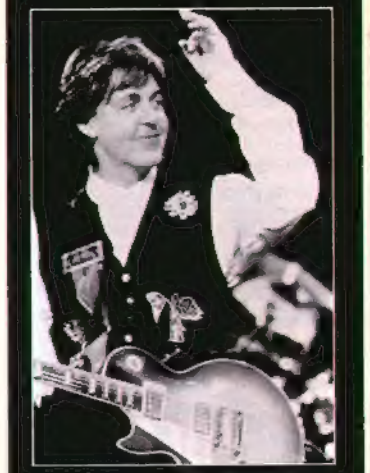
VOCÊ Vai OUVIR Falar DE PJ Harvey

STILLS

PJ Harvey dá novos rumos à carreira, trabalhando com o produtor do U2

PJ HARVEY já foi beatificada pela imprensa inglesa, apareceu várias vezes nas páginas da BIZZ mas nunca foi, digamos, um estouro de vendas – mesmo tendo talento suficiente para se tornar uma megaestrela do rock. A situação dessa guitarrista de 25 anos, apontada como a mulher mais provocadora da história do rock depois de Patti Smith, promete melhorar com o lançamento de *To Bring You My Love*. Produzido por Flood (o mesmo do magistral *Zooropa*, do U2), o novo álbum não tem a crueza do disco anterior de Harvey, *Rid Of Me* – "nem eu conseguia escutá-lo de uma levada só", confessou a guitarrista ao semanário inglês *New Musical Express*. Harvey trocou o esquema baixo-guitarra-bateria por uma banda de seis músicos e durante as gravações de *To Bring You My Love* se revezou na guitarra, teclados e percussão. Mais um motivo para prestar atenção em *To Bring You My Love* – que saiu lá fora no final de fevereiro: o disco será lançado em breve no Brasil. *Sérgio Martins*

DATAS



18/01 **JERRY GARCIA**, líder do Grateful Dead, sofre um violento acidente de carro na Califórnia. A BMW do guitarrista ficou completamente destruída. **GARCIA** não teve nenhum ferimento grave e afirmou que foi salvo pelo cinto de segurança.

24/01 O DJ **DAVID COLE** morre em Nova York, vitimado por uma meningite. Cole, ao lado do também DJ e produtor Robert Clivillés, era responsável pelo C & C Music Factory, um dos mais respeitados do cenário dance. A dupla também havia produzido os recentes trabalhos de Whitney Houston, Maryah Carey e Aretha Franklin.

31/01 Há dez anos, **MICHAEL JACKSON**, **LIONEL RICHIE**, **STEVIE WONDER** e **TINA TURNER**, entre outras estrelas da música pop americana, se reuniram no A&M Studios, em Hollywood, para a gravação da música "We Are The World" dentro da campanha USA For Africa. A música rendeu mais de 60 milhões de dólares em ajuda para reduzir o problema da fome na Etiópia.

23/03 É a data do concerto de **PAUL McCARTNEY** no palácio St. James, Londres, onde apresenta sua nova composição erudita. "A Leaf" é um concerto para piano, onde o "Macca" toca ao lado de Elvis Costello e do quarteto de cordas Brodsky.

06/02 Caso estivesse vivo, **BOB MARLEY** completaria 50 anos. Os jamaicanos comemoraram a data com um mini-show em tributo ao "rei do reggae". O concerto teve a presença da viúva de Bob – Rita Marley – , além do filho Ziggy Marley. O aniversário de Bob também motivou a Island, gravadora do cantor. Será lançado este ano o disco *Legend 2*, com músicas inéditas de Bob, que receberam novos arranjos – a cargo dos Wailers, antiga banda do "rei do reggae".

08/02 O astro do rap **TUPAC SHAKUR**, de 23 anos, foi julgado culpado da acusação de estupro, que aconteceu em novembro de 93. A pena, ainda não definida pela Justiça americana, pode chegar a quatro anos de prisão.

04/04 Rola a finalíssima do **SKOL GARAGE BAND**, show que tem apoio da **BIZZ**. As doze bandas finalistas do concurso vão se apresentar numa festa em local a ser definido. A vencedora vai gravar um CD pela gravadora Sony Music, além de um programa na 89 FM.

EM BREVE

Phil Collins

RETNA

Depois da devastação causada pelos Rolling Stones, o público brasileiro pode começar a recuperar o fôlego. No final do mês de abril (as datas não haviam sido confirmadas até meados de fevereiro), estará entre nós um dos maiores fenômenos do pop mundial, **PHIL COLLINS**. O vocalista do Genesis trará ao Brasil o show da *For Side World Tour*, que começou em 17 de março em Joanesburgo, na África do Sul.

O show é baseado nas canções do último disco de Collins, *Both Sides* (93). Mas é claro que os sucessos de um dos maiores *hitmakers* (literalmente, fazedor de sucessos) do pop vão rolar.

Collins já esteve no Brasil com o Genesis em 77, ou seja há "apenas" dezoito anos. O grupo ainda contava com Steve Hacket (guitarrista; permaneceu no grupo por mais três meses), Bill Brufford (baterista; futuro King Crimson), Tony Banks (teclados) e Mike Rutherford (baixo e guitarra). Hoje o grupo resume-se a um trio, composto por Collins, Banks e Rutherford.

Concebida para públicos distantes do eixo central das grandes turnês (Estados Unidos e Europa), a *For Side World Tour* levará Phil Collins a países como Cingapura, Tailândia, Austrália, Chile, Argentina, Hong Kong e Taiwan.

Collins deve mostrar 25 canções no show. Até o fechamento desta edição, os preços dos ingressos e os locais dos shows não estavam definidos pelos produtores brasileiros.

DEUSA PORNÔ INVADE A GLOBO

STILLS

Traci Lords será uma das gostosonas do seriado *Melrose*

Revolução é a palavra que define a nova fase da carreira de **TRACI LORDS**, a deusa pornô dos anos 80. Aos 26 anos (Traci já participava de clássicos da sacanagem como *New Wave Hookers* aos 16 anos de idade), a atriz finalmente desvinculou totalmente a sua imagem da pornografia, tornou-se mais um rostinho conhecido da televisão americana e se lança no mundo da música como cantora.

Desde janeiro, Traci divide a telinha com as "hypadíssimas" Heather Locklear e Laura Leighton e vive a gostosa Rikki em *Melrose Place*, o seriado recordista de audiência nos EUA (a Globo tem os direitos de exibição no Brasil).

Em março ela ataca com *1.000 Fires*, um disco dançante que ela mesma define como "uma espécie de Nine Inch Nails menos tecno e liderado por uma mulher". Antes de entrar na *fast lane* do *showbiz*, Norma Kuzma (o nome verdadeiro de Traci) começou sua "carreira séria" fazendo pontas nos filmes "B" de Roger Corman e participando de alguns episódios de enlatados como *Profissão Perigo (MacGyver)*.

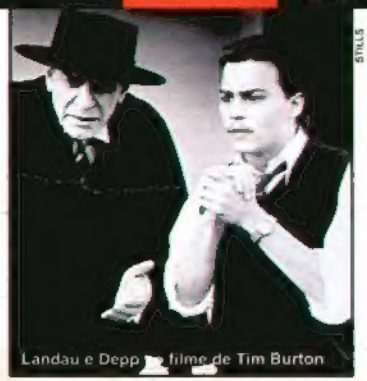
ROBERT HALFOUN

TIM BURTON NAMORA O PIOR DIRETOR DO MUNDO

O diretor Tim Burton diz se identificar com o companheiro de profissão Edward D. Wood Jr., guardadas as devidas diferenças. Burton é tido como um artesão marginal ao sistemão hollywoodiano, um criador muito particular, apesar de só trabalhar para grandes estúdios e de ser o responsável por um dos maiores sucessos de todos os tempos (o *Batman* de 89).

Já Ed Wood (1922/78), como é conhecido, passou para a história do cinema como o pior diretor de todos os tempos, além de ter sido um grande admirador e usuário do travestismo. Wood dirigiu clássicos da podreira cinematográfica, como *Glen or Glenda* (cujo segundo título, *I Changed My Sex*, já diz tudo), de 52, e o famoso *Plan 9 From Outer Space* (59).

Wood era um grande entusiasta da sétima arte. Realizou seus filmes mais conhecidos, quase sempre de temáticas sobrenaturais, com recursos mínimos e amigos na produção. Foi o responsável por dar trabalho a um Bela Lugosi em final de carreira, viciado em morfina. Era um artista autêntico, mas que nunca realizou um filme que tivesse qualquer mínimo valor qualitativo. Acabou pobre, alcoólatra e mergulhado em produções pornográficas.



STILLS

Landau e Depp no filme de Tim Burton

Tim Burton, porém, sempre admirou a figura de Wood e transformou a cinebiografia do cineasta em seu projeto mais querido e pessoal. Além da marginalidade que ambos conheceram, Burton também teve o seu Lugosi: fã número um de Vincent Price, Burton o usou para narrar um curta seu, *Vincent*, e lhe deu um último papel em *Edward Mãos De Tesoura* (90).

Em belíssimo preto-e-branco, Burton realiza um filme terno, reverente e bem humorado sobre esta que foi uma das figuras mais estranhas a surgir no cinema americano. Apoiado na ótima caracterização de Johnny Depp como Ed Wood (ele fica esquisitíssimo vestido de mulher!) e na encarnação kardecista de Martin Landau como Bela Lugosi (possessão recente só mesmo Val Kilmer como Jim Morrison em *The Doors*), o filme foi indicado a dois Oscar (ator coadjuvante para Landau e maquiagem). *Ed Wood*, o filme, tem previsão de estréia no Brasil em março.

CHRISTIAN PETERMANN

EMF no embalo do cha cha cha

EMF: longe dos tempos de hits fáceis como "Unbeliveable"

Sob o estranho título de *Cha Cha Cha*, o álbum revela uma banda mais amadurecida e ousada, deixando para traz o estigma de filhotes do Jesus Jones ou de versão inglesa do New Kids. Em entrevista exclusiva à **BIZZ**, o baixista Zac Fowley respondeu a três perguntas sobre o novo disco.

O título do álbum é bem desconectado do repertório. Em *Schubert Dip* e *Stigma* havia um sentido. De onde surgiu então a idéia de *Cha Cha Cha*?

É um título que nada tem a ver com as músicas. Surgiu de uma improvisação, portanto nem me lembro exatamente como rolou. A idéia de um título que não tenha nada a ver com o material gravado nesse caso é bem interessante, principalmente devido à complexidade das composições, que evidenciam um amadurecimento da banda.

Em *Cha Cha Cha* fica evidente a evolução do EMF. Quais as influências de cada membro para este resultado?

Estamos ouvindo tudo o que ouvíamos desde o começo, principalmente Led Zeppelin. O disco tem climas bem psicodélicos. As guitarras de Ian contribuem bastante para esta atmosfera. Além disso o resultado é devido a nossas próprias vivências e experiências pessoais que contribuíram inevitavelmente para o amadurecimento musical. Você vai fazendo turnês, convivendo em outros países com seus colegas de trabalho e aí surgem novas perspectivas de tudo que está ao seu redor, inclusive musicais.

Quando vocês vieram para o Hollywood Rock em janeiro de 92, além do repertório de *Schubert Dip* vocês tocaram "Far From Here" que mostrava uma nova direção. Tanto em *Stigma* e aparentemente em *Cha Cha Cha* não há nenhum hit como "Unbeliveable". Vocês sofreram alguma pressão da gravadora quanto a isso?

Não. Temos completa liberdade para fazer o que quisermos, mas acho que o álbum tem faixas com potencial para possíveis hits, mesmo não tendo sido orientadas para isto. "Unbeliveable" é bem comercial comparada às novas composições que podem ser bem trabalhadas em rádios rock. A principal preocupação foi o cuidado com que colocamos nossas idéias no disco, resultando num trabalho mais conceitual do que o primeiro e uma evolução natural do segundo. Foi uma experiência inacreditável tocar no Brasil. Seria maravilhoso poder voltar para o Brasil e mostrar ao vivo nossas novas músicas. Isso é uma coisa que eu gostaria muito de fazer. *Luiz A. Pecora*

Ninguém segura o sucesso dos irmãos Gallagher

OASIS

O MELHOR DE 94

Queridinhos da mídia inglesa, os rapazes do **OASIS** acabam de ter seu álbum, *Definitely Maybe*, eleito como o melhor de 94 pelo semanário *New Musical Express*. Na votação dos leitores, o grupo dos irmãos Noel e Liam Gallagher, além de ser eleito como melhor banda nova, teve o single "Live Forever" em primeiro lugar na preferência dos leitores. Sobre o prêmio, Noel deu uma simpática declaração: "Nada que tenha sido votado por leitores de qualquer revista significa muito para mim". O outro mimo dos ingleses, Blur, foi eleito melhor banda de 94 pelo *NME*.

OUÇA ESSA

"A diferença entre eu e Axl? Ele vem de uma merda de meio religioso, repressivo; isso que o torna furioso com o mundo hoje em dia. E joga todas as suas frustrações pra cima de mim. Eu já me acostumei e não levo as coisas tão seriamente" (Slash, do **GUNS N' ROSES** na *Rock & Folk*)

"Falando do revival do punk, para os americanos é tudo novidade. Isso tudo acontece agora: grunge, punk, é a primeira vez deles. Eu adoro, é como olhar para mim mesmo" (**MICK JONES**, ex-The Clash, na revista francesa *Rock & Folk*)

"O disco *Five O'Clock Somewhere* não chega a ser tão sombrio quanto uma turnê do Nirvana" (outra de **SLASH**, comentando seu álbum solo na francesa *Rock & Folk*)

"As pessoas são muito ingênuas sobre a dependência química das drogas, como é destrutivo." (**GARY OLDMAN**, recém saído de uma clínica de desintoxicação, na revista *Entertainment Weekly*)

"Qual a última coisa que Michael Stipe gostaria de fazer?"
- Bill Berry: "casar com a Brooke Shields"
- Peter Buck: "comer carne de porco"
- Mike Mills: "jogar golfe"
- Michael Stipe: "eu não descarto nenhuma possibilidade" (O **R.E.M.** em entrevista à *Details*)

"O que é cérebro? É um tipo de minhoca que a gente tem dentro da cabeça" (**BEAVIS & BUTT-HEAD**)

"Quentin Tarantino. Todo mundo chama ele de gênio e tudo que ele realmente faz é jogar mais sangue que Sam Peckinpah" (**CHRIS ROBINSON**, do Black Crowes, na *Kerrang!*)

"Fazer John Travolta dançar de novo em *Pulp Fiction*. Era muito importante, alguém tinha que fazer isso" (**MIKE D**, dos **BEASTIE BOYS**, respondendo à pergunta: "Qual o seu 'momento Tarantino' favorito?", na *Vox*)

"Aqui está a primeira música grunge, ouçam! Você sabe, a guitarra e a voz de McCartney... Eu não inventei o grunge, Seattle não inventou" (**BUTCH VIG**, produtor de *Nevermind*, do Nirvana, comentando a música "Helter Skelter" dos Beatles. Na *Vox*)

"Apelo erótico. Isso é tudo que Madonna possui. Eu tenho muito mais. Eu não preciso capitalizar isso no meu corpo porque estou vendendo minhas letras e minhas canções, que são de longe bem melhores que as dela" (**DOLORES O'RIORDAN**, do **CRANBERRIES**, na *Request*)

RETNA

BEASTIE BOYS NO BRASIL

É bom se preparar física e psicologicamente: os Beastie Boys estão chegando ao Brasil. Na estrada desde o ano passado – quando lançaram o ótimo *Ill Communication* (*veja matéria na BIZZ 109*) –, os três meninos de Nova York se apresentam em São Paulo (17 e 18 de abril) e no Rio (dia 19). Os locais dos shows não foram confirmados até o fechamento desta edição.

A turnê começou pelos Estados Unidos, partindo depois para o Japão. No início de novembro, a banda cancelou todos os shows marcados na Inglaterra e na Europa, alegando que o percussionista Eric Bobo não poderia apresentar-se com seu braço quebrado. A turnê foi completamente remanejada e – para felicidade geral – deve passar pelo Brasil, Chile e Argentina.

FOTO JORGE ROSENBERG

O FIM DOS RAMONES

Depois de 21 anos de carreira e dezessete discos lançados – incluindo coletâneas –, os **RAMONES** decidiram parar. Mas isso não significa que seus integrantes vão pendurar as chuteiras, pois Joey está trabalhando com o ex-baterista da banda, Marky, e CJ segue com seu grupo, Los Gusanos – que inclusive se apresentou no Brasil em fevereiro passado. O único que ainda não tem destino definido é o guitarrista Johnny. Aparentemente ele deve gastar seus dias assistindo filmes de terror, seu *hobby* predileto. O Brasil, país que deu o único disco de ouro aos Ramones – obtido com a vendagem de *Acid Eaters* –, não ficará esquecido: os Ramones deverão tocar pela última vez aqui, além de se apresentar num estádio na Argentina.

Luiz Melodia:

o novo pulo do gato

Papo de maldito é legal para boiola francês do século passado. Para um crioulo brasileiro que nasceu no morro e ousou fazer mais do que samba, essa história prejudica na hora das crianças beberem o leitinho. Portanto, bendito seja **LUIZ MELODIA**, que está lançando o disco *Relíquias*. O disco chega quatro anos depois de *Pintando O Sete*. "É que eu sou meio lento", diz. Misturando regravações de pérolas de

sua obra com novas composições, *Relíquias* inclui um achado, "Com Amor E Carinho", música de Eduardo Araújo que o Rei cantou na década de 60, e está assim de clássicos: "Magrelinha", "Estácio, Holly Estácio", "Vale Quanto Pesa", "Pérola Negra" e "Juventude Transviada". Além das inéditas "Paixão", "Jeito Danado" e "Saco Cheio", que Melodia define como "rap acústico", com a cuíca no lugar dos *scratches*.

O poeta gravou na maior tranqüilidade, chegando no estúdio por volta das 22h e saindo de madrugada. "Um fuso parecido com o de Caetano", garante o produtor Líbor Gadelha, para aquietar a turma da maldição. *Pedro Só*

STILLS

Eric Clapton: uma vida entregue ao blues

O bluesman inglês fala de seu disco From The Cradle, onde reverencia os seus mestres

Em 68, **ERIC CLAPTON** gravou com o Cream uma assombrosa versão ao vivo para "Crossroads", canção autobiográfica escrita por Robert Johnson nos anos 30. Clapton assinava ali de forma definitiva um pacto de vida e morte com o blues que o conquistou ainda nos primórdios de sua vida.

Não importa qual o mar navegado pelo guitarrista, uma certeza era absoluta: o porto seguro do blues sempre esteve ao seu alcance. "Eu tenho tido sempre este lugar seguro para ir, o blues, e este é o meu primeiro testemunho sobre esta relação."

Aos 49 anos, depois de oscilar drasticamente entre a dor causada pela perda de seu filho Connor e o sucesso estrondoso de seu *Unplugged*, Eric Clapton resolveu entregar-se de corpo e alma ao blues e lançar um álbum com algumas das músicas do estilo que definiram sua vida. O título não poderia ser mais apropriado: *From The Cradle* (*Desde O Berço*).

"Uma mera olhada nas canções de Bo Diddley ou Chuck Berry me levava a delírios. Então, quando ouvi o que estava atrás disso encontrei Muddy Waters, Robert Johnson e, mais além, as *worksongs* (*os lamentos cantados pelos escravos nas plantações do sul dos Estados Unidos*)", explica o guitarrista. "É claro que o blues mexeu comigo emocionalmente, mas existe algo muito mais profundo rolando, algo que não consigo definir e provavelmente nunca conseguirei em toda a minha vida."

Naturalmente, um tom fortemente emocional domina o álbum. "Tenho precisado de muita coragem para voltar. Estou retornando ao caminho dos tempos em que estava com John Mayall e os Bluesbreakers. O que estou fazendo agora é muito parecido com aquela época, é como se eu estivesse deixando Mayall e formando minha banda de blues. Você pode passar trinta anos andando pelas ruas para chegar até lá", revela Clapton.

Mas qual é a verdadeira intenção de Clapton ao gravar o que ele próprio chama de seu "primeiro testamento"? "A coisa está vindo do meu interior e da minha necessidade de pagar de volta o que ganhei às pessoas que ouvi desde o primeiro dia, do berço até o túmulo."

A fim de captar toda a atmosfera inebriante dos velhos discos de blues que o conquistaram, Clapton entrou no estúdio para gravar um disco ao vivo. É simples: com todos os músicos gravando juntos e ao mesmo tempo. Se alguém errar, todo o trabalho é refeito ou então o erro ficará registrado para a posteridade.

Ao gravar canções de Eddie Boyd, Ray Charles e Lowell Fussion, entre outros, Clapton diz ter encontrado maior dificuldade com "Hoochie Coochie Man" – clássico de um de seus maiores ídolos, Muddy Waters. "'Hoochie Coochie Man' é a jóia da coroa, não é? Quero dizer, para o público. Não chegue perto dessa música, ninguém pode chegar perto dela. E por que a estou gravando? Eu amo tanto este homem (*Waters*) e quero fazê-la da maneira mais perfeita possível", explica.

Clapton exala maturidade ao analisar o atual estágio de sua carreira. "As pessoas me perguntam sobre quais das minhas músicas significam mais para mim. São as mais fáceis de se escrever, como 'Wonderful Tonight'. Mas sempre senti que tocaria blues com minha guitarra, sempre vou estar certo de que encontrarei um lugar para inserir o blues em meus solos."

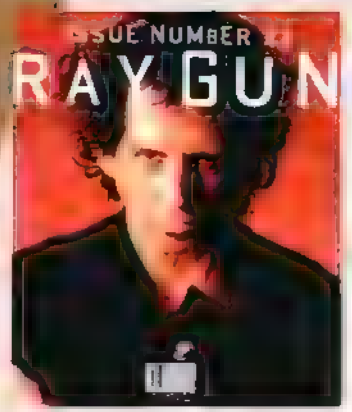
Entrevista cedida pela Warner

Coisas da vida. Depois de ser um dos responsáveis pelo resgate do violão no rock (o que seria dos *Unplugged* se não existisse o seu), Eric Clapton resolveu fazer um projeto do instrumento para ninguém menos que a mais tradicional fábrica dos Estados Unidos, a Martin Guitars.

REPRODUÇÃO

O modelo 000-42EC foi concebido a partir do *design* dos dois violões preferidos de Eric Clapton, o 000-42 e o 000-28. Apenas 461 instrumentos projetados pelo guitarrista serão produzidos – todos devidamente autografados por *Mr. Slowhand*. O duro é encarar o preço de cada uma dessas pequenas maravilhas: a "bagatela" de oito mil e cem dólares!

Only rock'n'roll



Dê uma olhada nessas duas fotos. De acordo com a *Raygun*, estamos diante da mesma pessoa, ninguém menos que **Keith Richards**. É claro que as rugas do **Baby Keith** foram obra da revista, acostumada a todo tipo de sacanagem. Não ficou demais?

O sangue de um poeta

Sob esse título, a *Details* publicou o perfil do novo "demônio da arte performática", um americano maluco chamado **Ron Athey**. O espetáculo estrelado pelo cara é uma celebração à autodestruição, regada por perfurações com agulhas dos mais variados tamanhos, cortes e mais cortes e flagelações de todo tipo. O nome de sua nova peça é mais que perfeito: *Quatro Cenas De Uma Vida Áspera*.

Risos e paixões

A revista gay britânica *attitude* (assim mesmo, em letras minúsculas) publicou um interessantíssimo artigo sobre a paixão – velada ou não – que existe entre qualquer dupla de comediantes. Apenas um exemplo: no filme *Their First Mistake*, do **Gordo E O Magro**, a mulher de Oliver Hardy pede o divórcio alegando que Stanley Laurel é a sua "outra mulher". E não pára por aí. **Beavis & Butt-head**, **Dean Martin & Jerry Lewis** e **Ênio & Beto** (da *Vila Sésamo*, lembra?) são outras duplas analisadas.

A marca de cada doido

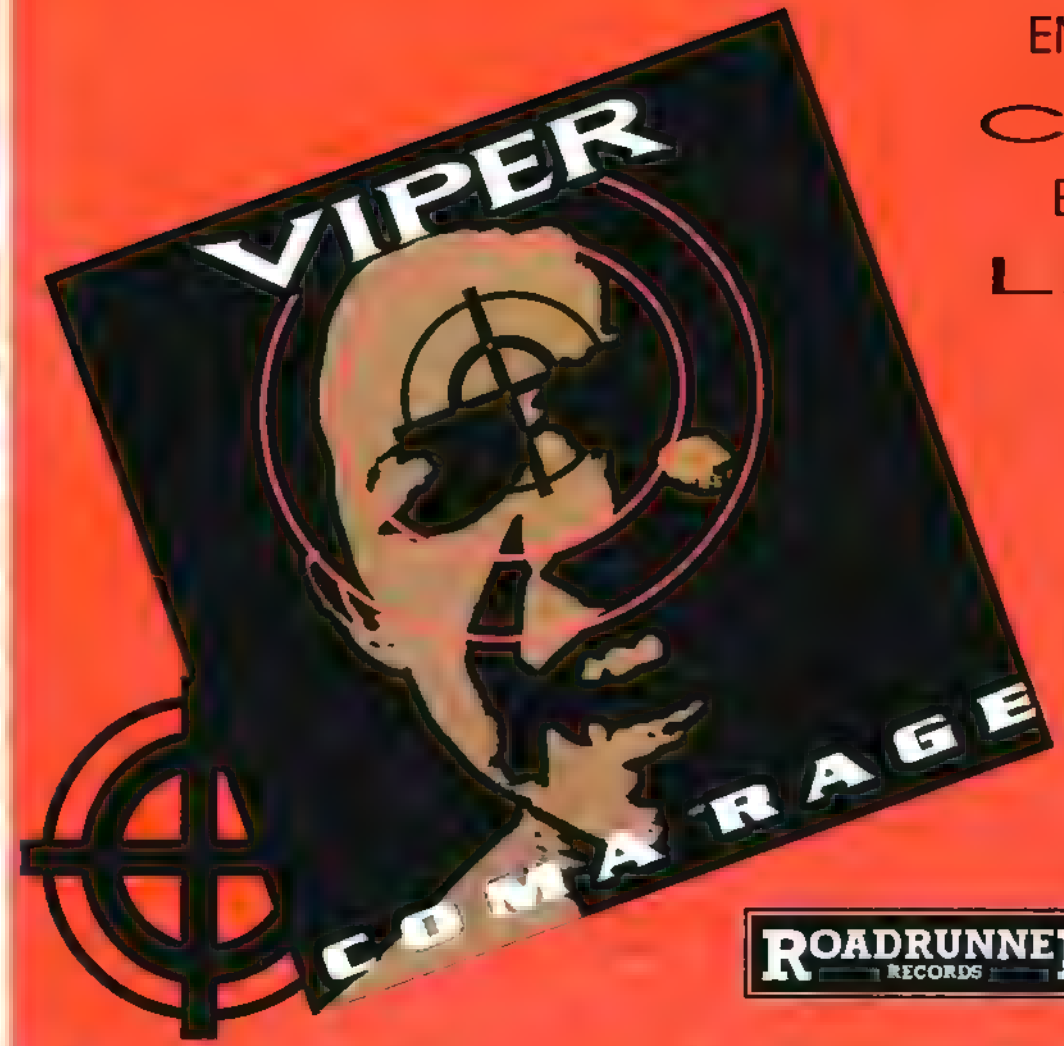
Deu na *Colors*. Seguindo uma velha tradição inaugurada pelos ácidos lisérgicos, as embalagens de drogas como a cocaína e a heroína ganharam marcas. A moda se espalhou rapidamente por praças como Zurique, Nova York e Amsterdã. A pacoteira aí ao lado contém uma grama e meia de heroína **Playboy** e é vendida por dez dólares nas ruas de NY.

A namorada de Nicolas Cage

Sim, é verdade. A beldade aí abaixo – fotografada por Sean Bolger para a americana *Platinum* – está com Mr Cage desde que se encontraram numa festa hollywoodiana. Com apenas 21 anos, **Kristin Zang** andou causando sensação na temporada de desfiles de Paris e com a campanha para o jeans americano Request. Não a perca de vista

Hélio Gomes

EM
CD
E
LP



ROADRUNNER RECORDS

Coma Rage gonna rise everyday.

CAIXA POSTAL 61.031

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL
BMG ARIOLA

ENJOY IT

O FIO DA NAVALHA

PAKISTAN 13.336 A união faz a força... Duas lâminas funcionam melhor do que uma. Ambas de aço inox e com cabo de madeira de lei. **R$ 21,00**

PAKISTAN 108 e 109 Extremamente estiloso e seguro. O cabo é inteiro trabalhado em latão e a trava garante a segurança. Em dois tamanhos, medem 18 e 22 centímetros. **R$ 9,50 e R$11,00**

CHINA 913 Típico "parece mas não é". Apesar do design de modelos automáticos, este canivete (18 cm) tem abertura manual. O cabo "estilo madrepérola" é de plástico (a imitação é perfeita). **R$ 11,00**

PUSH DAGGER Faz o estilo de peça medieval. É singelamente conhecido como "objeto de defesa" e é usado entre os dedos com o punho fechado. Todo em aço inox, mede 14 centímetros. **R$ 80,00**

ITALY ROSTFREI–AUTOMÁTICO Canivete automático é raridade até em lojas especializadas. Os aficcionados não gostam muito, parece coisa de marginal. Este italiano mede 19 centímetros e tem cabo de osso. **R$ 40,00**

CHINA 1525 O Sylvester Stallone vai morrer de inveja! Para se passar por Rambo ou outra viadagem parecida, pode ser o canal. Tem 21 centímetros e o cabo é de plástico. O melhor dele é o preço. **R$ 13,00**

JAPAN 520 e 522 Quem disse que o do japonês é pequeno? Com design *clean* todo feito em inox, o japa é disponível em dois tamanhos (12,5 e 22 cm). **R$ 48,00 e R$ 68,00**

JAPAN 11351 Este faz jus à fama dos nipônicos. Só tem 13 centímetros e é todo em inox trabalhado. **R$ 55,00**

JAPAN 2550 Perfeito para dar de presente àquela amiga peruа que está preocupada com a segurança do seu telefone celular. Em inox e com cabo de borracha, é pequeno do tipo "pra mulher" (18 cm). **R$ 53,00**

JAPAN 11375 Para o marido da amiga peruа. Não tenha dúvida que ele vai tirar a maior onda (junto com o telefone celular, é claro). Mede 20 centímetros e o cabo é em estilo madeira". **R$ 32,00**

CIGANO 690 Não é tão cafona quanto aparenta. Em dois tamanhos (12,5 e 17 cm), são feitos de aço inox (inclusive o cabo) e podem ficar alucinantes se os detalhes imitando pedraria forem substituídos por pedras de verdade. **R$ 37,00 e R$ 40,00**

WENGER Suíço legítimo, é praticamente uma jóia. Mais *cool* impossível! Folheado a prata, tem quatro funções: lâmina de corte, lixa, tesoura e argola. Mede 10 centímetros. **R$ 136,00**

Onde Encontrar Ao Gaúcho, Av. São João, 347 CEP 01035-000, São Paulo, SP. Fone: (011) 222-4122 e fax: (011) 220-7896. A loja também vende pelo correio, com uma pequena taxa de frete. Os canivetes só são vendidos para maiores de 18 anos. Menores devem ser acompanhados pelos pais na hora da compra.

Na próxima encarnação eu quero nascer centopéia.

DHARMA

Brasil exporta chá alucinógeno

Amazônia

Uma estranha doutrina espiritual entranhada no meio da Floresta Amazônica e na chapada do Planalto Central está chamando a atenção de alguns nomes do *showbiz* internacional. Trata-se do Centro Espírita Beneficente da União do Vegetal, uma espécie de versão organizada do Santo Daime, já famoso entre os artistas brasileiros. Embora a seita exija discrição total dos seus freqüentadores, o *popstar* Sting foi flagrado deixando o local e teve que abrir o jogo.

O cantor esteve secretamente na cidade-satélite de Planaltina (a 45 km do plano piloto de Brasília) nos últimos dias de 94 especialmente para participar do projeto ecológico-espiritualista e, além de "se divertir" com um chá que alucina e assistir algumas sessões, teve um culto espiritual promovido especialmente para ele.

O ritual da União do Vegetal é baseado na ingestão do chá alucinógeno hoasca, uma mistura do cipó mariri e da folha chacrona. Segundo a organização da seita, o chá é ingerido para que se possa atingir o êxtase religioso – um estado de lucidez contemplativa, que coloca as pessoas em contato direto com o plano espiritual.

Embora ainda não possa ser considerado convertido à religião, Sting levou de recordação vasto material sobre as ações ambientais da seita e a promessa de outras visitas em estilo *low profile* à União do Vegetal. Provavelmente outras celebridades andam freqüentando incógnitas as mega-reservadas (não é permitida a presença de curiosos) sessões espirituais.

Carlos Marcelo

Nova York

Pó Legal O tradicional guaraná em pó ou em cápsulas da amazônia – que os brasileiros consomem há anos como fonte de energia – está ganhando status de *smart drug* (drogas naturais que levantam ao invés de chapar) em Nova York e Londres. A droga é ingerida em doses cavalares com vodka. A quantidade "recomendada" para conseguir o efeito de euforia é de vinte cápsulas para uma garrafa de aguardente. Mas a "vitamina" pode ser dividida com outras pessoas.

O grande inconveniente da mistura é o poder diurético e laxativo do guaraná consumido em grandes doses.

A nova "droga" vem sendo usada principalmente pelos *clubbers* que elegeram o pó da amazônia como um substituto ao ecstasy: é barato, tem efeitos "sensoriais" semelhantes e é juridicamente legal.

Invasão de privacidade O programa sensação da televisão americana, *Taxicab Confessions*, exibe durante uma hora no canal HBO os segredos de passageiros de táxis nova-iorquinos revelados pelos próprios ao motorista do carro numa conversa informal.

O chofer é na verdade um jornalista cuja função é "manipular" a conversa, criando um clima de confissão entre ele e a "vítima". O taxi é equipado com cinco micro-câmeras. Mais de seiscentos depoimentos foram colhidos durante um mês.

Em uma das conversas, uma passageira revela a razão de tantos furos (pierces) espalhados pelo rosto e faz uma confissão íntima de que se fere porque já foi ferida por todos que amava: sua mãe e seu irmão morreram, seu pai é drogado e o namorado a abandonou.

Londres

Sexo frágil Não é só nas praias cariocas que tem arrastão. Gangues exclusivamente de garotas de 13 a 18 anos estão barbarizando as noites londrinas. As *Rude Girls*, *Original Gangster Girls* ou *Ghetto Girls* se reúnem em praças e atacam principalmente mulheres ou pequenas lojas. Os ataques são violentos e freqüentes. Até o novo símbolo sexual inglês, a atriz Elizabeth Hurley (foto), foi empurrada, chutada e por pouco não leva uma facada. Em outro caso, uma adolescente teve o nariz e as costelas quebradas pelas *Original Gangster Girls*, que usavam tacos de beisebol.

Culc Inglês 1995 é cultura na Inglaterra. Nos próximos doze meses o país terá mais de quinhentos eventos culturais que fazem parte do Festival Britânico de Artes e Cultura. A festa (em todo o Reino Unido) mescla desde encenações de Shakespeare a óperas e uma homenagem aos Beatles, que acontece em Liverpool. O Beatles Festival rola em agosto e além de música terá muito entretenimento, exposições e tudo que se refere aos Besouros.

A maioria dos eventos são gratuitos e outros (pagos) requerem reservas que podem ser feitas nas agências de turismo ou em quiosques nas respectivas cidades.

Calcinhas sujas à oriental

Tóquio

O novo *hype* sexual do Japão está levando os japas a passarem dos limites quando o assunto é depravação. Fotos de adolescentes mostrando a calcinha e as tais calcinhas usadas e não lavadas formam o kit bizarro mais consumido na cidade de Tóquio nos últimos meses.

O conjunto custa em média US$ 50,00 e pode ser encontrado em sex shops ou até em máquinas automáticas do tipo das que vendem refrigerantes.

Além das calcinhas juvenis, a tara dos nipônicos se amplia também a mulheres mais velhas. Há também kits com fotos e calcinhas com os "sabores" dona de casa, enfermeira e viúva (!!!).

Para a venda de produtos pornográficos são necessárias licenças especiais, mas a polícia japonesa não sabe se pode classificar o mercado de calcinhas sujas como pornografia ou simplesmente como comércio de roupas de segunda mão.

Já inventaram todos os tipos de televisões, inclusive as portáteis, daquelas que você pode levar de um lado para o outro. Mas por acaso você já viu alguém enfiando uma televisãozinha na bolsa e sair para o trabalho? Difícil, né? Pois essa é mais uma das grandes vantagens de você anunciar em revista. O seu anúncio pode acompanhar o consumidor em qualquer lugar, a qualquer hora, nos momentos mais inesperados. Seja no escritório, na sala de espera do dentista, no elevador, no banheiro, não importa. O seu anúncio vai estar trabalhando 24 horas por dia.

E ainda por cima, anunciando em revista, você fala diretamente com quem interessa, ou seja, com quem pode comprar seu produto: a revista é o meio que permite a melhor segmentação. Tanto que, para falar com você, resolvemos fazer este anúncio em revista.

ANER Associação Nacional dos Editores de Revistas

Quem pode comprar revista pode comprar seu produto.

10 + 1 perguntas para SHABBA RANKS

O jamaicano dispensa apresentações. Shabba Ranks é o maior nome da história do reggae desde a morte de Bob Marley. Ao contrário do Marley, que pregava a paz através de letras "conscientes", Shabba envereda pelos caminhos do rap e faz do sexo a sua maior arma. Suas músicas levam títulos como "Mr. Loverman" ("Sr. Amante") e "Wicked In Bed" ("Bom De Cama"). Durante a sua passagem no Brasil, em fevereiro, o novo rei do reggae deu uma entrevista exclusiva à BIZZ onde falou de sua origem pobre e anunciou uma parceria com Chuck Berry

Você é o primeiro *superstar* do reggae depois da morte de Bob Marley. E ambos vieram de Trenchtown – uma favela barra pesada de Kingston, capital da Jamaica. Existe alguma influência benéfica do local?
Trenchtown é um gueto onde você convive diariamente com a pobreza e a criminalidade. Assim como Bob Marley, eu fui forte suficiente para lutar e desenvolver a minha carreira. Mas não existe nada de especial em Trenchtown.

Você sabia que no Brasil o uso da maconha pode deixar de ser crime? Qual a sua opinião sobre a maconha?
O uso da maconha não pode ser considerado crime. A maconha foi usada por reis como Salomão e sábios que a fumaram ou consumiram a erva em forma de chá para ajudar na meditação. Eu, como todo homem negro, fui criado com ervas e raízes – entre elas a maconha. Não sou um criminoso.

Você esteve na posse de Nelson Mandela como primeiro presidente negro da África do Sul. Qual a importância disso?
A África está voltando para as mãos dos negros, que são os verdadeiros donos do continente. Mandela tem o poder nas mãos para unir brancos e negros e mudar as coisas na África do Sul.

Seu último disco foi *Rough And Ready Vol. 2*, que já era uma coletânea de remixes. Existem planos para um novo álbum?
Sim, ele se chama *A Mi Shabba* e vai chegar em breve às lojas. É um disco mais voltado para o som jamaicano, com participações de cantores de reggae famosos como Michael Rose, do Black Uhuru, e Leroy Sibbles (*ex-vocalista do trio The Heptones*). O primeiro single do disco se chama "Let's Get It On".

Houve um boato que você faria uma parceria com Chuck Berry. É verdade?
Sim, mas a música não está no disco novo, saiu apenas em single. Ela se chama "Go Shabba".

E como foi o encontro com Chuck Berry?
Na verdade, a gente nem se cruzou. Chuck gravou sua participação e mandou a fita para mim. Depois eu e meus produtores fizemos o resto.

O ano de 94 marcou sua volta à Jamaica depois de três anos sem se apresentar por lá (*veja a BIZZ de setembro*). Qual foi a emoção de tocar de novo na ilha?
A Jamaica é meu lar. Minha família ainda mora na ilha e voltar para casa significa reencontrar minhas raízes e recuperar as forças. É na Jamaica onde eu desfruto dos maiores prazeres da minha vida.

Ainda sobre a sua volta à Jamaica. Muitos criticaram você por morar nos Estados Unidos e dizem não gostar mais de seu trabalho. Como você reage a isso?
Jesus Cristo fez muitas coisas boas e as pessoas não falaram mal dele? Então, eu não me preocupo com o que as pessoas dizem a meu respeito. Eu apenas trabalho duro. Essas pessoas podem contar suas mentiras, mas não vão atrapalhar a minha carreira.

Outra faceta do seu trabalho bastante criticada são as letras, cheias de alusões ao sexo. O que você acha disso?
O sexo faz parte da vida do ser humano. Caso ele não existisse, como as pessoas nasceriam? Eu mesmo só estou no mundo porque meu pai e minha mãe gostavam muito de sexo!

Sobre as letras de reggae, o *guntalk* – uma espécie de primo distante do *gangsta rap* americano – anda fazendo suas vítimas na Jamaica. Vários DJs foram mortos em conflitos. Nesse caso, as letras não influenciam negativamente a população?
O problema não está nas letras, mas sim na educação. Os DJs morreram porque seguiam um estilo de vida perigoso. A solução nesse caso seria o governo investir cada vez menos em armas e bombas e arrumar um meio de incentivar as pessoas a irem para a escola. Só assim poderíamos resolver esse problema.

SÉRGIO MARTINS

Faça como os Aliados na 2ª Guerra: não perca o mundo.

O Folhão vai dar o Atlas Histórico Folha - The Times pra você a história do mundo em 320 páginas. E que páginas. Todas ilustradas, com impressão nobre e capa especial. E este atlas, só pra você ter uma idéia, é maior do que o Atlas Geográfico Folha The New York Times (ele poderia ser chamado de O Grande, como Alexandre Magno). A verdade é que não existe atlas histórico mais completo do que este em língua portuguesa. Você vai entender tudinho o que aconteceu desde a pré-história até os dias de hoje. E o melhor de toda esta história: o atlas vem todo domingo, de graça, no Folhão. Reserve logo o seu exemplar. E não perca nenhum dos fascículos. A guerra pelo Folhão promete ser maior do que a 1ª e 2ª Grandes Guerras juntas.

ATLAS HISTÓRICO FOLHA-THE TIMES.

A história do mundo em 320 páginas.

A PARTIR DE 12 DE MARÇO, AOS DOMINGOS, NAS BANCAS

Patrocínio

GM ACELERANDO O FUTURO

VARIG

FOLHA

O maior jornal do hemisfério.

as regras e os limites de

Renato Russo é um ídolo. Os fãs reconhecem nele a sinceridade e a sensibilidade que o sucesso não conseguiu transformar. E que sucesso: os sete discos da Legião Urbana venderam cerca de 3,5 milhões de cópias, sendo que Dois, o recordista de 86, vendeu 800 mil cópias. Na votação do Prêmio BIZZ 94 os leitores elegeram a Legião na categoria melhor show nacional. Renato, líder da banda, ganhou dois prêmios: melhor letrista e melhor vocalista.

Renato Russo

Dono de uma personalidade que alterna estados de depressão e alegria, Renato está curtindo, segundo ele mesmo, "uma fase boa". Mergulhado na carreira solo, gravou The Stonewall Celebration Concert. E agora, prepara uma coletânea de música pop italiana.

Renato Russo recebeu a equipe da BIZZ em sua casa, no Rio de Janeiro, para uma conversa sobre as regras e os limites que ordenam a criatividade e a loucura de um dos gênios da música brasileira

por Felipe Zobaran e Helio Gomes • fotos Marcos Prado

Era uma daquelas tardes cariocas em que as folhas das árvores nao se movem. Nenhuma brisa para refrescar o ar canicular de janeiro. Na rua Nascimento Silva, onde mora Renato Russo, o calor é ainda mais desconfortável porque vem carregado da umidade que emana da lagoa Rodrigo de Freitas e do mar de Ipanema.

O prédio que abriga Renato parece um pequeno castelo, uma miniatura. Três andares, sem porteiro e elevador. É o tipo de moradia mais cobiçada pelos artistas cariocas: simples, charmosa e low profile.

Tocamos a campainha. Quem atende é uma voz de mulher. Estranho, achávamos que estaríamos sozinhos com o cara. Duas portas são abertas eletronicamente. Subimos escadas, dois lances. O calor sufoca. A porta do apartamento já está aberta. De lá sopra um delicioso vento polar. Entramos afobadamente, quase esbarrando nas pernas esticadas de Russo, que fuma no sofá ao lado da porta.

"Nossa, que calor! E que ar condicionado delicioso". Primeiras palavras. Primeiros olhares. A voz de mulher se chama Tereza Durante, trabalha com Rafael Borges, empresário da Legião Urbana, e veio acompanhar a entrevista. Depois das amabilidades iniciais, ela senta e apenas observa a conversa das duas próximas horas.

Renato assume um ar prático e organiza a entrevista. Uma garrafa de água Minalba e quatro copos, um cinzeiro, um isqueiro e dois maços de cigarro, um Benson & Hedges mentolado e um Marlboro de caixinha sobre a mesa com tampo de mármore na sala de jantar. Durante a conversa fuma apenas os mentolados, ignorando o Marlboro.

As paredes do apartamento misturam tons leves e papel de parede clássico, estilo inglês. Os móveis sao antigos, trabalhados em madeira. Esculturas e bibelôs enfeitam os cantos. Sobre o chao, sofisticados tapetes kilim. Quadros grandes de inspiração primitivista dominam a sala. Ao lado da porta há três espingardas Winchester antigas penduradas, como se o dono da casa esperasse uma invasão de jagunços a qualquer momento.

"As espingardas são pra dar um ar macho no apartamento", explica Renato em tom de deboche. Ele veste uma camisa listrada e shorts. No pulso, um relógio com Nossa Senhora no mostrador. No dedo anular esquerdo, um anel de pedra azul. No rosto, barba cheia e óculos estreitos. Muita voz, muita energia e movimento, muita fragilidade.

Renato Russo está bem, segundo ele mesmo. É o que dizem também os amigos. E dizem com voz de alívio. Eles sabem o que acontece quando Renato está mal. Provavelmente não gostam nem de lembrar. O buraco, a descida, a queda. As drogas, o álcool, a perversão e o perigo. Quando Renato está mal, nenhum poço é fundo o suficiente.

O comportamento ciclotímico é parte da vida de Renato. Talvez seja o preço do seu gênio de poeta. Uma instabilidade interior, uma turbulência incessante. Este estado de espírito controla o filho de Brasília. Quando está mal, Renato implode. Quando está bem, pode canalizar a energia da loucura para seus projetos. Fala muito e gesticula sem parar, jogando na nossa cara sua formidável capacidade de comunicação. Parece coisa de mulher, esse jeito de agarrar a atenção do interlocutor com uma combinação de expressão verbal e corporal.

Renato não se preocupa em disfarçar a homossexualidade, pelo contrário, é uma das forças que o conduzem. Ele tem viajado bastante ultimamente, com a cabeça aberta para a pluralidade do mundo, deixando para trás as amarras culturais e agitando a peneira de valores que seleciona uma nova visão da vida e do trabalho de artista. É como se tudo fosse permitido, mas nem tudo aconselhável. "Sei que sou cheio de regras e limites", diz ele.

Numa entrevista recente, Renato soltou a seguinte frase: "você pega a BIZZ e vê que aquilo tudo está velho". Para quebrar o gelo, decidimos começar olhando para o nosso próprio umbigo.

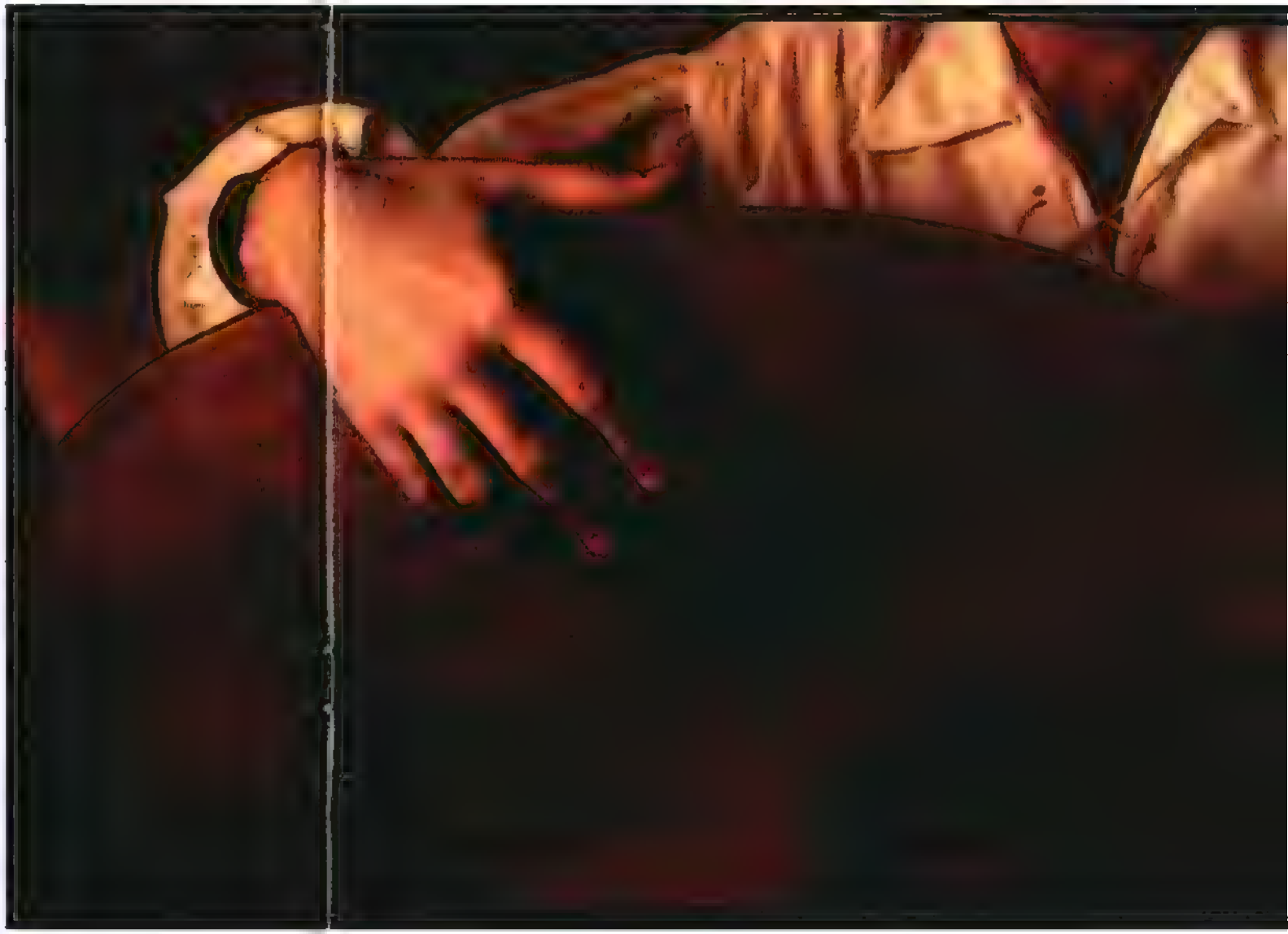
Qual é o problema da BIZZ?

Pra mim, o único problema da BIZZ é não informar o leitor que a revista fecha às vezes com até três meses de antecedência. Então, dada a cobertura que existe hoje nos grandes jornais, algumas informações da BIZZ e a sua própria linha editorial sofrem um pouco. Todas as entrevistas que eu dei até hoje, que a Legião deu, eram muito imediatas e quando saíam na revista estavam completamente defasadas – e não existe um conhecimento por parte dos leitores da BIZZ que as coisas são fechadas com muita antecedência. Essa é a minha única crítica. Mas isso é bobagem, eu acho a BIZZ muito legal, a gente já tocou em aniversário da BIZZ.

Como o fã de rock Renato Russo lida com o fã do Renato?

Ah, isso dá pra escrever um livro, né? Eu tenho ficado um pouco surpreso com uma certa intensidade dos fãs de uns dois anos pra cá. Eu realmente fiquei surpreso que o som no Ibirapuera (*em 16 de junho do ano passado – confira o* Ao Vivo *da BIZZ 109*) estivesse

Renato Russo está bem, segundo ele mesmo. É o que dizem também os amigos. E dizem com voz de alívio. Eles sabem o que acontece quando Renato está mal. Provavelmente nem gostam de lembrar



ruim e que nenhuma pessoa falou alguma coisa, até mesmo pra ajudar a própria banda. Nós não estávamos esperando... de uma certa maneira foi até pela reação do público que o show tava ruim. Nós somos um pouco inseguros, já levamos tanto na cabeça, a gente sempre acha assim: "será que eles ainda gostam da gente?" A gente não tem muita paciência pra fazer um esquema gigantesco, a gente começou com os punks e isso é uma coisa muito forte. Agora a gente virou dinossauro.

Você é um agressivo tiranossauro ou um pacato brontossauro?

Ai... Isso eu já não sei, não sei que bicho eu seria. Acho que eu sou um ancestral do cavalo, um unicórnio talvez, mais pra essa praia (*risos*). Na questão dos fãs, existe um comportamento passivo/agressivo por parte dos mais queridos que é uma coisa que às vezes incomoda, porque eles te dão muito mas também querem muito em troca. Eu recebo muitas cartas, muito

Isso te assusta?

Não assusta. O lance é o seguinte, seja você mesmo. Tudo bem gostar de uma banda, não é só a Legião Urbana, mas vira uma coisa muito Menudo, sabe? Teve uma época que eu me interessei pelo Menudo e tudo, sabe (*risos*) Quem são esses meninos de Porto Rico?" É que concepção interessante pra uma banda! John e Paul ficaram velhos então vamos arrumar outros John e Paul. Eu achava o trabalho deles bem interessante. Consegui até conhecer os caras do Menudo, *tête-à-tête*. Aqueles caras eram uns garotinhos de 17 anos? Que nada, eram todos uns talalaus de 20 e tantos anos, uns bofão lindos maravilhosos

E como será que eles estão agora?

Ah, sei lá, teve aqueles escândalos. Eu sei que eles eram galinhas pra caralho (tinha um, aquele Robby, Bobby, sei lá acho que era o Rob). Só dava buxixo porque ele gostava de mulher mais velha. É como os Beatles falavam, é

to discernimento. Quando eu vejo fã de uniforme, todos eles com bandanas e camisetas da Legião, jogando coisa no palco... Eu vou até fazer uma reclamação não joguem coisas no palco, pode ser o que for, mas não joguem! Tirando isso, essa coisa dos fãs é maravilhosa. Tem essa coisa curiosa, às vezes pinta cada garotão bonito nos shows. Eu fico dando em cima deles, mas não pode, né? O que eu sou pra eles é uma coisa que eles construíram no imaginário deles

O que você achou do suicídio do Kurt Cobain, no ano passado?

Tadinho, eu acho que era uma onda muito pesada pra ele segurar. Brasil é Brasil, né? Nós somos maravilhosos, agora vai viver lá nos Estados Unidos. É muito complicado. Pra ele foi uma viagem muito complicada, foi muito, muito grande. O problema dele foi a droga, né? Sabe, você não consegue sair. Não vou me comparar ao Kurt Cobain, mas você turva tudo, não sabe o que está acontecendo. É um baixo

"Minha problemática é outra. Saiu da coisa do rock'n'roll. A minha coisa agora é manter a sanidade, tentar manter as coisas no seu lugar"

anjinho, presentinho e tudo mais. Mas ai de mim se não der a atenção que eles merecem

O Raul Seixas costumava dizer que ficava frustrado depois de tocar para dez mil pessoas e achar que só duas ou três entendiam o que ele estava falando. Isso acontece com você?

Não. A questão da compreensão é muito complicada. Eu por exemplo, não entendo nada de absolutamente nada. Eu vou levando a minha vida. Com a minha experiência de vida, interpreto as coisas de uma determinada maneira, mas eu posso estar errado. Não é uma questão de entender ou não, é uma questão de se identificar, e eu acho que todo fã da Legião se identifica. Porque senão eles não cantariam as nossas músicas, não teriam o carinho que têm pela gente. Mas tem o seguinte, o que a gente sempre falou foi: "seja sua própria pessoa", e o que vejo em alguns fãs é a anulação da própria pessoa por causa da Legião Urbana, e eu acho isso péssimo.

Satyricom na estrada. A não ser que você tome uma outra postura. Por exemplo, agora o Dado (*Villa-Lobos*) e o (*Marcelo*) Bonfá viajam com as meninas e as crianças. Mas a vida na estrada é uma coisa muito louca

Você não sente falta da estrada?

Não, eu odeio a vida na estrada. O que dificulta pra mim é a relação com os fãs, eu sinto uma responsabilidade muito grande. Hoje em dia, a Legião Urbana só existe por causa do público. Sinceramente, eu tô com uma outra idade, uma outra visão da vida. Eu vou escrever uma música sobre o que, reclamando do meu cartão American Express? Não tenho problemas de espinhas, não tenho problemas com meus pais, não quero ficar catando drogas, não tenho problemas de namorar uma menina ou namorar um garotão. Minha problemática é outra: saiu da coisa do rock'n'roll. A minha coisa agora é manter a sanidade, tentar manter as coisas no lugar e não deixar o mundo interferir na minha vida. Mas essa coisa dos fãs, é sempre necessário você ter um cer-

registro geral

Nome completo: Renato Manfredini Junior
Nascimento: 27/03/1960
Formação: Brasileiro, classe média, superior completo
Signo: Áries, ascendente Peixes
Número: 27
Cor: Azul
Religião: Nenhuma
Sangue: Bom
Partido político: Nenhum

astral terrível. Eu tive essa postura do Kurt. Eu entrava no palco pra, sabe Mas agora não! Quero continuar a fazer shows este ano, depois a gente vai gravar um disco novo, a Legião – o Dado e o Bonfá já estão trabalhando em algumas coisas. Vai ter o ILTA (*convenção da Associação Internacional de Lésbicas e Gays*), que eles vão fazer aqui no Rio de Janeiro e eu tô a fim de participar de alguma forma, talvez fazendo o show do *Stonewall*, mas eu não posso falar nada ainda

O que se diz é que o Cobain era uma pessoa contestadora e que de repente se viu completamente usado e não segurou

Eu acho que ele era um artista extremamente talentoso, extremamente sensível e supergente finíssima. Chegou um ponto em que ele passou a depender da droga para se relacionar consigo mesmo e com o mundo, sem perceber que isso é o que quebra a sua espiritualidade. Eu acho muito bonito o

"O problema do Kurt Cobain foi a droga, né? Não vou me comparar a ele, mas é um baixo astral, e eu tive a mesma postura do Kurt"

Robert Plant e o Jimmy Page dizendo "quando a gente usava heroína nossa espiritualidade foi pro buraco". E vai Se você tá quebrando o teu ritmo e tua energia, você vai pagar por isso É espiritualidade zero. Se você encher esse copo pela metade, tem gente que vai achar que ele está quase vazio, mas tem gente que vai achar que ele tá quase cheio. O Kurt Cobain expressava as coisas boas e ruins que ele via no mundo, mas com a droga, né? Eu acho chato o que aconteceu com o Kurt Cobain, mas tudo aconteceu por um motivo. O chato é que ele é o melhor que apareceu em trinta anos! As músicas do cara eram muito boas. Mas o trabalho do Nirvana era muito perigoso, aquilo era querer virar Cristo, ele apanhando de segurança no seu próprio show, sou eu apanhando de segurança no show do Emerson, Lake & Palmer no Canecão Quer coisa mais babaca do que qualquer um apanhar de segurança em show do Emerson, Lake & Palmer no Canecão, meu filho? (*risos*)

O que você falaria sobre drogas oito anos atrás?

Eu não falaria nada, porque eu tinha uma postura tão contra tudo e contra todos que se você me falasse "não come isso que é veneno", eu chegava e comia mesmo. Eu sou ariano eu aprendo dando cabeçadas. A minha serenidade, até a minha própria insegurança, é um dom, porque eu sofri tanto. A questão é que eu não tinha que tomar droga coisa nenhuma, tinha que tomar na cabeça. Sai desse canto Renato, pára com tadinho de mim. Tadinho de mim? Foda-se! A vida é difícil mesmo. Ah, eu sou poeta, sou artista... Foda-se! Não vou ficar incomodando os meus amigos Eu tinha uma postura rebelde, completamente idiota Eu achava assim: "ah, eu tô destruindo meu próprio corpo e ninguém tem nada com isso"

Você renega o seu passado?

Não, eu não renego meu passado. Se tivesse que fazer tudo de novo, eu faria tudo de novo, porque é da minha personalidade. O legal é que eu aprendi. Também, morrer de overdose depois dos 27 anos não é de bom tom (*risos*). Ficar que nem o Syd Barrett? Eu sou muito mais o Iggy Pop, o cara com 50 anos e arrebentando, falando tudo que queria falar

Qual é o melhor cinema do mundo e quais filmes te marcaram?

O cinema independente americano é muito bom. Eu gosto muito dessas produções independentes de temática gay que têm aparecido agora Gosto do trabalho do Todd Haynes, do Gregg Araki um *asian-american* (*risos*), o cinema italiano... Eu acho que o cinema brasileiro tá vindo com uma força total, a produção de curtas está muito legal. Tem uma galera fazendo coisas muito legais.

Você tem vontade de trabalhar com cinema algum dia?

Ah, é o meu sonho, fazer roteiro e música também, mas é mais complicado. Não sei, planos a gente sempre tem. Como é aquela frase? "Quem mais sonha é quem mais faz". Eu sonho o tempo todo, desde os tempos em que ouvia "Born To Run" do Bruce Springsteen e queria fazer o mesmo com uma superbanda num superpalco. Eu ainda vou ganhar dois Oscar. "And the winner is. . Oh my God, Renato Russo!" (*risos*). Aí eu subo pelo lado errado, sabe aquela coisa assim

E em quais categorias você vai levar o Oscar então?

Direção e roteiro. Mas eu ainda não decidi se melhor filme estrangeiro também. E no ano seguinte eu sou convidado pra ser presidente do júri. Bobagem! Isso tudo são sonhos. Mas voltando ao cinema, o australiano está muito forte, Enquanto houver gente querendo falar, acontece O que eu tô um pouco emburrado é com o cinema comercial americano. Chegou num ponto em que eu adivinho as histórias. É aquele pequeno mundo de Hollywood. Se você vai pros Estados Unidos é gritante. Eu estive em Nova York agora, e o que tá morrendo gente de Aids, mas é muita gente, é o holocausto. Todo mundo que trabalha com foto, cinema, etc... Todo mundo! E ninguém fala sobre o assunto, não é como aqui, e a sociedade inteira ignora isso. A televisão americana é absurda. Mas tem outras coisas boas, a programação infantil é muito legal Eles ficam alimentando as crianças com essas coisas belas, mas o que vai ser delas quando crescerem? Vira tudo grunge de Seattle! É o Eddie Vedder! Vira tudo doente

O que te dá prazer hoje em dia?

Ah, tanta coisa. Os meus amigos, a minha família trabalhar, cigarro. Cigarro é foda' Eu tô tentando parar mas não consigo, eu adoro. Além de ser um vicio eu gosto, mas isso não conta, cigarro não me dá prazer. Bons filmes, bons videos, música, muita música

O que são bons amigos para você?

É quando você encontra uma pessoa que olha na mesma direção que você, compartilha a vida contigo e te respeita como você é. Uma pessoa com a qual você não precisa ter segredos e que gosta até dos teus defeitos. Basicamente, é aquela pessoa com quem você quer compartilhar os bons momentos e os maus também

dúvidas, dúvidas...

Beatles ou Nirvana? Sex Pistols
Palco ou estúdio? Estúdio
Rio de Janeiro ou Brasília? Rio de Janeiro
Punk 77 ou Punk 94? *Ambient music* e tribal
Cinema ou teatro? Cinema
Fama ou anonimato? Anonimato
Cabeça ou coração? Coração
Letra ou música? Música
Amor ou paixão? Amor
Vida ou morte? Vida
Onde você gostaria de estar agora?
Aqui mesmo

campeão dos campeões

Nenhum grupo do rock brasileiro foi tão bem-sucedido quanto a Legião Urbana nas dez edições do Prêmio BIZZ, realizadas de 85 a 94. Ao todo, somadas as votações de críticos e leitores, a banda levou nada menos que 34 prêmios.

É claro que Renato Russo é o protagonista dessa história. Em dez votações, ele foi eleito oito vezes o melhor vocalista brasileiro. Já como letrista, Renato emplacou quatro primeiros lugares e foi unanimidade de público e crítica em 87, ano de *Que País É Este*.

"Faroeste Caboclo" ainda conseguiu um feito único na história do Prêmio BIZZ. A saga sertaneja foi escolhida a melhor canção em dois anos seguidos, em 87 (na votação da crítica) e em 88 (na dos leitores).

Na última edição do Prêmio BIZZ, a Legião levou três na votação dos leitores: melhor show, melhor vocalista e melhor letrista.

salada italiana

O líder da Legião Urbana fazendo um disco de música pop italiana? O estranhamento inicial é mais do que natural, principalmente se lembrarmos do primeiro disco solo de Renato, o sensível e panfletário *The Stonewall Celebration Concert*.

Ainda sem título definido, o novo disco nasceu graças ao resgate das origens de Renato Manfredini Junior. "Não sei se eu já tinha uma atração pela música italiana por ser descendente de italianos. A idéia do disco surgiu quando estava em Cremona (*a terra dos bisavós de Renato*) e percebi como a temática das canções pop da Itália de hoje é parecida com a da Legião", diz.

O repertório do álbum é composto por canções nitidamente pop, e até mesmo algumas incursões pelo delicado terreno do popularesco. Este é o caso das três músicas de Laura Palsini que foram incluídas no disco. Uma espécie de Angélica italiana, a cantora causou rusgas entre Renato e seus amigos italianos. "Eles ficaram horrorizados, porque todos são muito politizados", diz o cantor.

No outro lado da moeda, há canções de artistas como Fiorella Manoia – que gravou "O Cu Do Mundo", de Caetano Veloso, com direito à participação do próprio –, Claudio Baglione, Pino Daniell e Renato Zero.

os dez mais de 94, por Renato Russo

A iniciativa foi dele. No final da entrevista, Renato nos perguntou: "vocês querem que eu faça uma lista das melhores músicas de 94?" Precisamos dizer qual foi a resposta?

"La Golondrina" - Caetano Veloso
"Alta Noite" - Marisa Monte
"Puteiro Em João Pessoa" - Raimundos
"Casi Un Segundo" - Paralamas Do Sucesso
"Hemingway/Escorpiões" - Sex Beatles

"Listen Up" - Oasis
"Strangers" - Portishead
"Just Like Scherazade" - Zero Patience
"We Are The Pigs" - Suede
"Take A Bow" - Madonna

De onde vem os teus amigos? Eles são os mesmos do passado?

Alguns são os mesmos e outros não. Eu não tenho muitos, mas tenho bons amigos. Se eu contar realmente, não devem passar de cinco. Mas tem outros.

Os meninos da Legião estão entre eles?

Sim, mas como a gente tem uma relação de trabalho, é diferente. Tem o fato de eu ser gay, e uma distância que eu coloco. Porque acho o Dado o homem mais gostoso do mundo (*risos*). E o Bonfá o homem mais gostoso do mundo, entendeu?

Heterossexualmente falando, você acredita no chavão de que homens e mulheres não podem ser amigos?

Isso é mais complicado ainda. Existe o momento em que vai pintar a atração. Mas também, quando existe uma amizade plena e o sexo aparece, é um outro tipo de sexo, uma coisa mais de compartilhar. Eu acredito que pra haver paixão você não pode conhecer a pessoa a fundo, senão entram outras formas de se relacionar, sem aquela coisa da paixão cega e tudo. E na relação hetero existem tantas regras que de repente cortam uma naturalidade que há na amizade. As regras mudam. Mas é tão complicado. Eu estou vivendo uma relação agora com esse cara supergente fina, mais jovem que eu, e a gente não tem problema, tá tão legal.

Ao que parece, você é uma pessoa que trabalha muito com limites e regras...

Isso é da minha formação. Eu não nasci com uma visão de saber as coisas como elas são. Eu só vou saber se alguma coisa é quente porque eu conheço o frio. Eu me coloco limites. Trabalho muito assim, tem até um amigo que fala, "hum Renato, você e suas regras!" Mas, ora bolas, é a minha formação, eu sou classe média e regra do começo ao fim.

A música é um canal para você esquecer essas regras e limites?

Não, porque eu sou um cara muito disciplinado no trabalho. Existe o momento de criação e existe o momento de trabalhar. Tem aquele dia que você tem aquela idéia ótima pra escrever um livro, e depois têm os dias em que você vai escrever o texto, fazer as correções. Mas os dois casos são interessantes, porque eu gosto do meu trabalho.

O que você acha dessa nova onda do punk e a "new wave da new wave"?

Eu acho que não é uma coisa da imprensa, acho que é uma coisa da garotada. O punk foi muito importante, e o que é impressionante é perceber que o punk foi mais importante do que eu achava que era. Eu tive sorte de participar, eu tô com 34 anos e tinha 17 em 77. Foi assim: "oba, tá pra mim". Mudou o mundo pop completamente, de uma maneira que só os Beatles, os Rolling Stones e a "invasão britânica" conseguiram. Ficou, né? Deve ter algum motivo porque o Elastica tá fazendo aquele som. O rock'n'roll é isso. Depois do *Album* (*disco do PIL, de 86*) o John Lydon não pode fazer nada de interessante. Mas o que eu acho impressionante é como as coisas vão se reciclando. De repente, tentou-se um revival dos *sixties*, que não aconteceu. Mas agora tá vindo com força total.

E no Brasil?

No Brasil a gente tá com uma cena muito legal. É legal que estejam aparecendo tantas bandas novas e que o pessoal das antigas tá dando força; os Titãs com o Banguela e o Dado com o Rock It! (*ambos selos independentes*). Acho que os Raimundos são um sopro de vida. Foi ótimo, daqui a pouco vai ter a vingança dos Raimundos: os críticos vão falar mal mas eles vão continuar fazendo discos, com o seu público e vendendo. Gabriel O Pensador é uma figura superlegal. O Gabriel tem 19 anos. A gente esquece, o cara tem 19 anos! Raimundos é a segunda ou terceira geração de Brasília!

Quais são as suas referências musicais brasileiras?

Brasileiras, muito muito mineiro. Beto Guedes e Milton, mais até do que Caetano. Comprei muito Egberto Gismonti, muito Milton, *Clube Da Esquina Dois*. Até Ronnie Von, tem um disco dele que é tão bonito, eu vi num sebo outro dia e quase comprei. Mas acabei desistindo de comprar pra não me decepcionar. É um que tinha a música que ele fez pra filha dele, era (*cantarola*) "Alessandra..." (*risos*). Mas era legal! Mutantes, Rita Lee ouvi até cansar aquele *Fruto Proibido*. Foi o primeiro show de rock que eu vi na minha vida. Chico né, porque Chico era o comunista que toda mãe queria ter como filho. Meu pai comprou *Construção*, ele ouvia Ângela Maria e minha mãe umas coisas mais antigas. O tempo vai passando e eu vou respeitando cada vez mais a música brasileira. Eu era muito esnobe. Isso até a gente entrar pro meio e ver como sofre o músico, como funciona essa máfia do direito autoral, das gravadoras... Esses caras são uns heróis.

"Acho que os Raimundos são um sopro de vida. O sucesso deles foi ótimo, daqui a pouco vai ter a vingança dos Raimundos: os críticos vão falar mal mas eles vão continuar fazendo discos e vendendo"

Levantamos da mesa e Renato nos convidou para uma visita ao estúdio onde estava sendo gravado o novo disco solo, de músicas italianas (leia texto a seguir). Antes ele precisava passar num hotel para buscar um amigo italiano que estava no Rio de Janeiro. Enquanto Renato tomava banho, Tereza fazia reservas para o jantar no Enotria, um dos restaurantes mais caros da cidade.

Descemos as escadas do prédio de volta ao calor. Flanando pela rua em busca de um táxi, num passo descompassado, ombros arqueados, Renato Russo usava com sabedoria o disfarce da loucura. ■

ENFANT TERRIBLE

IDO CINEMA AMERICANO MISTURA JOHN TRAVOLTA VICIADO EM HEROÍNA, HUMOR NEGRO E ESTES SÃO A RECEITA DE "TEMPO DE VIOLÊNCIA" – "PULP FICTION", SEGUNDO O DIRETOR DE "CÃES DE ALUGUEL". CONTA POR QUE TARANTINO DO CINEMA

Dork, geek, dweeb, nerd. São os termos americanos imediatamente sugeridos à descrição do sujeito num primeiro encontro ao vivo com Quentin Tarantino. Em bom português: "bobo", "caretão", "zé mané", "bunda mole"

Altão e desengonçado, vestindo uma espalhafatosa camisa havaiana, meio barrigudo (ele batalha intermitentemente para perder peso) e começando a ficar precocemente calvo, o queixo proeminente e a fala excitada e ininterrupta de alguém quase incapaz de conter uma potente catadupa de palavras e "causos". Em pessoa Tarantino lembra mais um universitário mimado, há pouco emergido do absoluto anonimato e logo estragado pela súbita (e vertiginosa) ascensão ao posto de "favorito da vez" entre a elite intelectual hollywoodiana; o geniozinho recém-descoberto, uma ilha de auto-satisfação e de arrogância nascente cercada de puxa-sacos e deslumbrados por todos os lados.

Não que ele pareça antipático – pelo contrário, a presença dele é, de certa forma, agradável e bastante amistosa. E, ao comentar com entusiasmo uma cena ou um outro filme de outro diretor, o faz com o entusiasmo de quem de fato ama o cinema. Mas ele dá a impressão de se sentir na posição de quem pode fazer ou falar qualquer coisa na certeza de que tudo o que fizer ou falar será celebrado como manifestação de genialidade. Com ponto de exclamação.

DEPOIS DO SUCESSO, TARANTINO PASSOU A SER TRATADO COMO A COISA MAIS SENSACIONAL A ABENÇOAR O MUNDO DO CINEMA DESDE A INVENÇÃO DO PÃO DE FORMA FATIADO

Desde a explosão de Tarantino – iniciada com sua estréia como diretor e roteirista, *Cães De Aluguel*, e culminada com o prêmio máximo do Festival de Cannes do ano passado, por *Tempo De Violência – Pulp Fiction* (que estreou no Brasil em março) –, o jovem cineasta vem sendo tratado como a coisa mais sensacional a abençoar o mundo do cinema (como gostam de dizer os americanos) desde a invenção do pão de forma fatiado. Por força de apenas quatro roteiros (acrescente-se os de *Amor À Queima-Roupa* e de *Assassinos Por Natureza*) e de somente dois filmes por ele dirigidos. Tarantino tornou-se "o novo Martin Scorsese" ou o *enfant terrible* da violência no cinema"

Parte da badalação é plenamente justificável: de fato, Tarantino é capaz de escrever cenas e diálogos ágeis, bem-humoradíssimos, impactantes, e só isso já o destaca do ramerrão pasteurizado que grassa na indústria. Ele também tem o talento de escolher bem o elenco de seus filmes: as presenças de John Travolta e Samuel L. Jackson como dois mortíferos capangas filosóficos, e de Bruce Willis como um boxeador cioso de seu orgulho próprio, transformam *Tempo De Violência – Pulp Fiction* num filme especialíssimo, não apenas (o que não é o caso) no quesito elenco. E as trilhas dos filmes de Tarantino são de uma elegância enciclopédica, misturando formatos díspares e ressuscitando clássicos antigos e semi-obscuros para a garotada que hoje vai ao cinema

John Travolta e Bruce Willis durante as filmagens

Embalos em tempos de violência: Uma Thurman e Travolta

Abaixo, Tarantino faz uma ponta em seu próprio filme, ao lado de Harvey Keitel

Por outro lado, tanta festa reflete menos as qualidades (inegáveis) de Tarantino e mais uma falta de talentos em Hollywood, onde a primeira coisa um pouquinho mais "diferente" é endeusada

Diferentemente de um "cineasta revolucionário", Quentin Tarantino é, em essência, um rato de videoteca que absorveu, digeriu. E agora está pondo para fora cem anos de cinema. Há quem denuncie, inclusive, uma quase total falta de originalidade em seu trabalho, argumentando que aquilo que para muitos é novidade não passa de uma cópia reestruturada (às vezes nem isso) de filmes desconhecidos do grande público e que Tarantino, ex-balconista de videolocadora, pôde estudar minuciosamente

Quando Quentin foi a Cannes – onde *Tempo De Violência – Pulp Fiction* foi tão badalado que John Travolta chegou às lágrimas ("Nunca um trabalho meu foi tão unanimemente elogiado", o ator diria mais tarde) –, no ano passado, chegou até a ser confrontado por um jornalista americano, do jornal alternativo *Film Threat*, com a acusação de que *Cães De Aluguel* não passaria de uma cópia de *City On Fire*, do chinês Ringo Lam. Para surpresa geral, Quentin assumiu o "parentesco", e ainda disse que muito dos seus filmes é "emprestado" de outros. "Se é bom, eu uso", disse. Por essas e outras ainda tem gente fuçando locadoras buscando semelhanças entre *Tempo De Violencia – Pulp Fiction* e filmes obscuros

"ESPERO FAZER UNS TRINTA FILMES. MUITOS DELES SERÃO SOBRE CRIMES. EU NÃO PENSO APENAS EM CENAS VIOLENTAS, MAS SIM NA HISTÓRIA TODA".

Não é só de filmes alheios que ele nutre seus roteiros. Como revelaria em uma entrevista em novembro passado em Nova York, regada a vinho (para ele, uma anomalia em termos de Hollywood, onde todo mundo se controla ao máximo para revelar o mínimo de si, principalmente – à imprensa), a agudeza das falas de seus personagens nasce do convívio social de Tarantino. "Presto atenção nas conversas dos outros e depois uso em meus filmes o que ouvi", explica.

"O que aconteceria se meus personagens conversassem sobre o mesmo assunto que falavam as outras pessoas (*que observei*)?", continua. "O tópico é interessante, vamos ver no que vai dar. Não para ver como eu concluiria a conversa, mas para ver até onde os personagens levariam o papo."

Assim, portanto, que os personagens de Travolta e Jackson abrem *Tempo De Violencia – Pulp Fiction* com uma longa discussão a respeito das pequenas coisas que diferem os Estados Unidos da Europa. Mais precisamente os nomes de sanduíches do McDonald's em Paris ("Le Big Mac", "royale com queijo") e o hábito "nojento" dos europeus mergulharem suas batatas fritas em molho de maionese (contra o catchup dos americanos). Tarantino morava em Amsterdã (de onde o personagem de Travolta retorna para os Estados Unidos) quando estava escrevendo o roteiro de *Tempo de Violência – Pulp Fiction*. É assim que os mesmos personagens elaboram teorias homéricas a respeito da existência ou não de conteúdo sexual numa massagem de pé feita por um homem numa mulher

Dois momentos de Uma Thurman em *Tempo De Violência – Pulp Fiction*. O cartaz do filme foi inspirado nas capas dos livros do gênero literário que dá o seu título original – *Pulp Fiction*

MARCADO PARA O SUCESSO

A história de Quentin Tarantino parece até um enredo de filme B. "Eu queria um nome que pudesse encher uma tela de cinema por inteiro", diz Connie Zastoupil, a mãe do cineasta, que inspirou o nome de seu filho de um dos personagens encarnados por Burt Reynolds.

Típico "rebelde sem causa", em vez de ir para a escola o adolescente Quentin passava horas no cinema. Aos 13 anos, começou a escrever roteiros. Três anos depois, a escola era coisa do passado: Tarantino começava a atuar como ator no teatro comunitário de seu bairro. Durante o dia, era o operador de um cinema pornô. "Para mim era a situação mais irônica: eu finalmente tinha conseguido um emprego num cinema e ele passava exatamente os filmes que eu não queria ver. Eu odiava filmes pornôs."

Quando tinha 22 anos, Tarantino conseguiu um emprego como balconista em uma locadora de vídeos em Manhattan Beach, no sul da Califórnia, a Video Archives. Eis aqui um dos mais folclóricos episódios da carreira do diretor: "As pessoas acham que eu aprendi cinema porque trabalhei lá. Na verdade, eu consegui o trabalho porque conhecia cinema", contou à revista *Vanity Fair*. Ao mesmo tempo, Tarantino arriscava os primeiros passos como diretor. Seu primeiro filme chamava-se *My Best Friend's Birthday Party* (*A Festa De Aniversário Do Meu Melhor Amigo*), que depois de quatro anos de produção, acabou sendo engavetado.

Depois de cinco anos na Video Archives, Tarantino resolveu dedicar-se *full time* ao cinema. "Trabalhar numa locadora foi como fazer uma faculdade, o lugar onde passei os meus 20 anos. Quando eu fui embora, sabia que iria alcançar o sucesso. Não sabia o quanto iria demorar, mas eu tinha certeza. Sempre soube", diz o diretor.

O resto da história já virou lenda. em meados de 89, quando Tarantino finalizava os roteiros de *Amor A Queima-Roupa* e *Assassinos Por Natureza*, o diretor resolveu fazer um filme. Só o título estava pronto: *Cães De Aluguel*. O roteiro ficou pronto três semanas e meia depois, U$ 1,6 milhão foi levantado e Tarantino logo começava a dirigir atores como Harvey Keitel e Steve Buscemi.

Cães De Aluguel foi alçado imediatamente à condição de obra-prima. Depois de tanto alarde, veio *Tempo De Violência – Pulp Fiction* – um repeteco do sucesso de *Cães De Aluguel*, com direito até mesmo à Palma de Ouro do Festival de Cannes. Em pleno fechamento desta edição, surgiu a notícia de que *Tempo De Violência – Pulp Fiction* recebeu sete indicações para o Oscar. Conquistando Hollywood com apenas dois filmes, Tarantino conseguiu transformar-se num dos maiores prodígios de seu tempo sem abrir mão de sua personalidade. ***H. G.***

No filme, uma massagem no pé da esposa (Uma Thurman) de seu chefão teria custado a fala de um dos capangas que são colegas de Travolta e Jackson: o capanga é jogado de um edifício e sofre danos cerebrais com a queda.

"Durante as filmagens", lembra Tarantino, "meu parceiro (*e produtor*), Lawrence Bender, virou para mim e disse 'Quentin, você acabou com a festa de todos os homens americanos. Você chamou a atenção para essa mentira assumida que a humanidade perpetua através do tempo'. Porque não há nada de inocente numa massagem de pé."

Um jornalista inglês – que, como todos os súditos da Rainha, trata Tarantino como se o cineasta fosse um astro de rock (cópias autografadas do *script* de *Tempo De Violência – Pulp Fiction* são *best-sellers* atualmente na Grã-Bretanha) – decide bater na velha tecla da "violência excessiva" nos filmes de Quentin. E o diretor revida com uma curta, simples, mas eficiente aula de cinema para principiantes – e "mulas" em geral.

"Eu não raciocino em termos de violência", diz Tarantino. "Veja só: se criar uma boa sequência musical fosse tudo o que Vincent Minnelli tivesse feito, ele não seria o Vincent Minnelli que hoje conhecemos. Ele pensava em termos do filme como um todo, na história que tentava contar. O formato musical permitia a ele explorar o (*mundo ou o assunto*) que pretendia explorar. No mais, ele fez também filmes não musicais. E eu só fiz dois filmes até agora (*risos*)."

JOHN TRAVOLTA CHEGOU ÀS LÁGRIMAS COM OS AFAGOS QUE RECEBEU DEPOIS DE "TEMPO DE VIOLÊNCIA – PULP FICTION": "NUNCA FUI TÃO ELOGIADO", DISSE

Eu raciocino não em termos de seqüências violentas, mas em termos da história. Agora, o gênero dentro do qual estou trabalhando... estou fazendo filmes sobre crimes. E o fato da violência expelir de dentro deles não é pouco ortodoxo, faz parte do gênero. Se eu fizer um capa-e-espadas, garanto a você que pelo menos duas lutas de espadas o filme terá. Garanto, não, prometo! (*risos*)."

O inglesinho está em pleno êxtase, bebendo cada palavra como se fosse o elixir da vida eterna.

"Espero vir a fazer uns trinta filmes. Muitos deles serão sobre crimes. Mas existem montes de outros gêneros com os quais eu gostaria de trabalhar. Mesmo que meus dois próximos filmes sejam sobre crimes, ainda tenho toda uma vida pela frente para fazer o que eu quiser."

Difícil é imaginar Quentin Tarantino de fora do universo violento do crime e das drogas. Ele pode parecer bobo, mas encontrou a embalagem perfeita para que possa exibir os abismos dos valores sociais.

Em uma uma das cenas mais fortes de *Tempo De Violência – Pulp Fiction*, John Travolta aplica uma injeção de adrenalina no coração de Uma Thurman, que está morrendo de *overdose*. Picado pela agulha da seringa tamanho família, o coração de Uma desperta em um choque salvador.

Tarantino pode não ser o salvador de Hollywood, mas foi capaz de aplicar um choque muito bem-vindo no ultimamente insosso cinema americano. ■

STEVIE WONDER EM TEMPOS DE PAZ

O grande nome da música negra americana está de volta ao *showbiz* depois de oito anos fora dos palcos. A versão anos 90, STEVIE WONDER estreita relações com a mãe África – seu novo disco, *Conversation Peace*, nasceu de uma viagem a Gana – e continua preocupado com os problemas sociais dos Estados Unidos a ponto de reverter as rendas de sua turnê para uma campanha contra a fome. Foi com essa *vibe* que Stevie Wonder recebeu Sérgio Martins para uma entrevista exclusiva às vésperas de um concerto em Miami

Sexta-feira, dia 27 de janeiro. A decisão do *Superbowl* – o campeonato de futebol americano – deixa os habitantes de Miami enlouquecidos. Todos os hotéis da cidade estão lotados e é raro você não topar nas ruas com alguem usando produtos – tipo boné, camisetas – com o logotipo do *Superbowl*. Alheio a tudo isso, o Hotel Doral, um dos mais elegantes de Miami Beach, outro tipo de frenesi. O *staff* da Motown, gravadora especializada em música negra, tomou de assalto o Doral para receber Stevie Wonder – que daria um show em Miami na noite seguinte.

A paparicação em torno do cantor é justificada. Stevie Wonder está com disco novo – *Conversation Peace* –, depois de oito anos sem gravar, com exceção da trilha de *Febre Da Selva* (91), do diretor Spike Lee. O cantor também saiu em turnê pelos Estados Unidos, a primeira desde 88. A renda da *Natural Wonder Tour* – mais uma mostra da faceta politicamente correta de Wonder, que já cantou em prol dos aidéticos e ofereceu seus prêmios a Nelson Mandela – será revertida para uma campanha contra a fome. "Os shows estão sendo gravados", revela um assessor da Motown. "E devem virar um disco ao vivo."

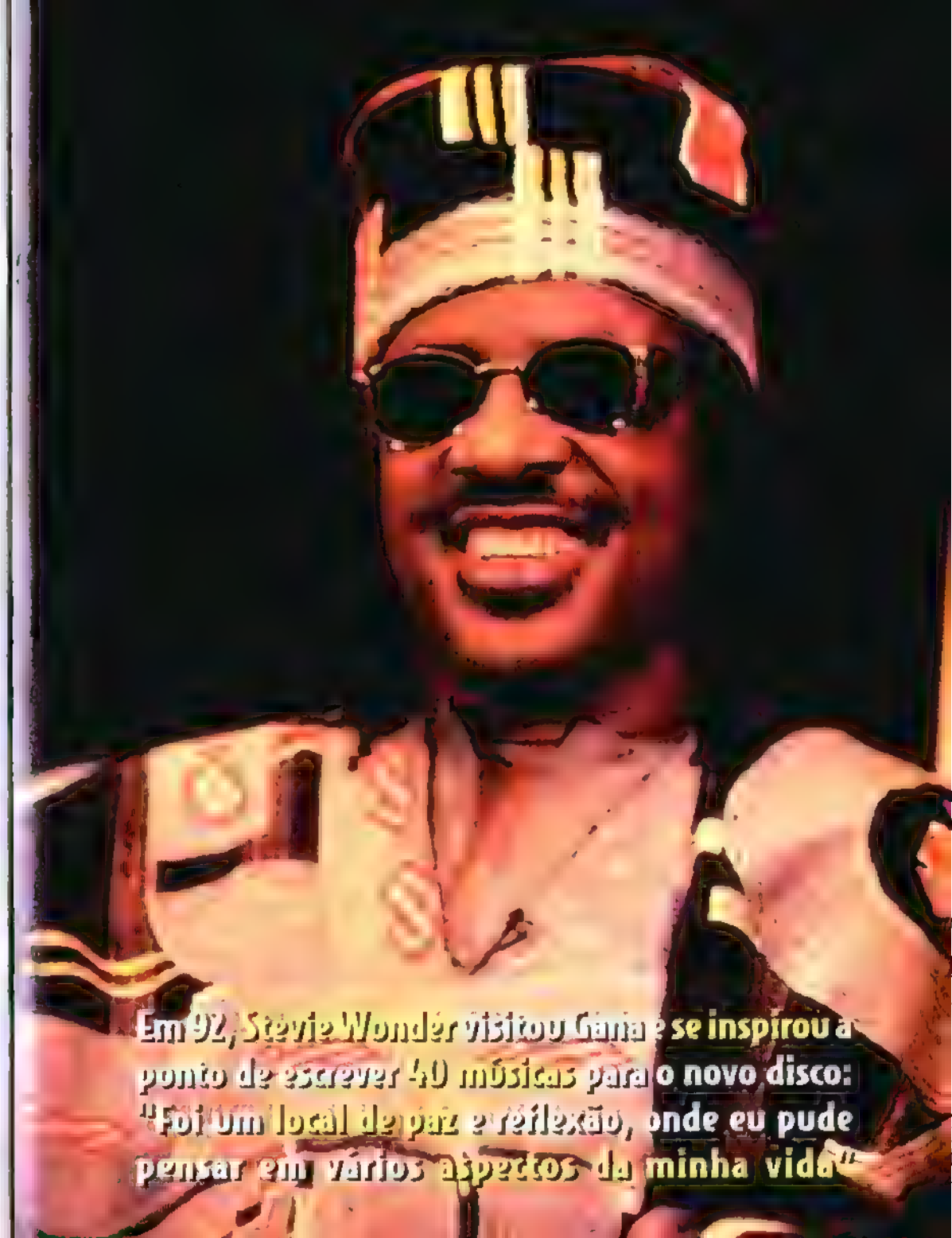
Eu apareço no hotel às 15h30 – horário marcado para a entrevista exclusiva – e descubro que Wonder nem havia chegado a Miami. Conformado com o atraso, passo a limpo a carreira do cantor. Stevie Wonder é um dos poucos talentos da Motown que ainda gozam de um certo prestígio. Michael Jackson virou um doido de pedra, cultivando estranhas amizades com a garotada e sua voz tem uma qualidade cada vez menor – quem viu os shows dele no Brasil, no final de 93, pôde comprovar isso. Marvin Gaye, outro pinel (chegou a pensar que iria ser assassinado no palco), foi morto pelo pai em 84 e tinha sérios problemas com drogas. Outros grupos, como os Temptations, são uma pálida lembrança do passado, trocando de integrantes a cada semana.

Wonder, ao contrário, manteve-se firme. Nascido cego há 45 anos no Estado de Michigan, Estados Unidos, ele compensou a falta de visão com um ouvido fora do comum – dizia-se que aos 6 anos de idade, adivinhava o valor de uma moeda pelo seu som – e aos 12 anos já era um astro da Motown, emplacando "Fingertips Pt. 2" em primeiro lugar na parada americana da revista *Billboard*. Wonder tem uma pilha de prêmios musicais acumulados e até mesmo em sua fase menos criativa, na década de 80, chegou a faturar um Oscar. A balada "I Just Called To Say I Love You", da trilha do filme *A Dama De Vermelho*, ganhou o prêmio de melhor canção de 84.

O ex-Little Stevie Wonder aparece na suíte presidencial do Hotel Doral às sete da noite. Ele está mais gordo e veste uma roupa com detalhes africanos. Ao contrário dos seus assessores, o cantor recusa champanhe, queijo camembert e outras iguarias e desfruta durante a entrevista de torradas com manteiga e suco de frutas. Wonder está pronto para ser questionado sobre o novo disco.

UMA CONVERSAÇÃO DE PAZ

"*Conversation Peace* nasceu sob uma forte influência política e social", começa Wonder. "Isso se deve ao fato de eu ter tido o prazer de visitar e morar em Gana (*na África*). O país me passou vibrações que eu nunca havia sentido, como os aromas, a comida e os costumes do povo. Eu me apresentei em Gana em julho de 92 e voltei a África em janeiro e fevereiro do ano seguinte, onde escrevi cerca de 40 canções."



Fotos de J. C. Suito

WONDER PASSA A LIMPO 30 ANOS DE CARREIRA EM MIAMI

O clima era de celebração quando Stevie Wonder subiu ao palco. "Hoje, Miami é a casa de Stevie Wonder. E como vocês estão na minha casa, vão ter de se divertir e cantar as minhas músicas", intima Stevie Wonder, ao abrir o show, no James L. Knight Center, um hotel-teatro no centro de Miami. Na seqüência, o cantor revisitou os maiores clássicos de sua carreira para uma platéia em êxtase ao ver e ouvir de perto uma das grandes lendas da música negra americana.

Wonder é o tipo de artista que se preocupa com o politicamente correto. Reúne uma tradutora para surdos-mudos (presentes no canto do palco), fala dos objetivos de sua turnê (arrecadar dinheiro numa campanha contra a fome) e volta e meia discursa sobre os direitos dos negros e pede ovações para o pastor negro Martin Luther King.

Mas, apesar do discurso de Wonder ser tão bom a ponto de eu querer virar americano só para votar no cara, é na parte musical que o ex-menino prodígio da Motown arrasa. Wonder é acompanhado por uma orquestra de 36 músicos e um quarteto de vocalistas – o grupo 4 Real – do balaco. Wonder é um excelente anfitrião ao ponto de contar a história de suas músicas ou pedir para que o público o acompanhe.

Wonder e suas vocalistas: Miami se rende ao papa do soul

Em "For Your Love" – primeiro single de Conversation Peace – ele chega a ensinar o refrão da música ao público antes de toca-la. Em "Maybe Your Baby" ensaia uma gincana vocal entre homens e mulheres do teatro.

No repertório, muita coisa de Talking Book (Discoteca Básica BIZZ 110), outras de Songs In The Key Of Life. Até mesmo "Blowin' In The Wind", versão do cantor para a música de Bob Dylan, não fica de fora. As músicas são jogadas em blocos, há uma parte política, onde Wonder canta "Big Brother", "You Haven't Done Nothin'", uma ácida crítica ao governo Nixon, e "Village Ghetto Land".

A outra parte do show é proibida para cardíacos. Stevie manda de uma vez só "My Cherie Amor", "Signed, Sealed And Delivered", "Sir Duke", "I Wish", "You Are The Sunshine Of My Life" e encerra com "Superstition". Entre um bloco e outro, o cantor coloca cuidadosamente as músicas de Conversation Peace. A mais curtida é "Sensuous Whisper", que no disco tem a participação do saxofonista Branford Marsalis e da cantora Anita Baker.

O show termina com "Another Star", outra de Songs In The Key Of Life. À essa altura, o público – eu inclusive – está em êxtase, esquecendo das suas cadeiras e dançando sem parar. Fim do espetáculo, penso que se todo mundo pudesse ver de perto um cara como Stevie Wonder em ação, o mundo seria um pouco melhor. A última coisa que se soube de Wonder é que ele foi visto numa badalada boate de Miami Beach, azarando uma deusa de cobre.

S.M.

Wonder, um artista identificado ao máximo com sua origem afro-americana volta a bater na tecla "social e religiosa" quando perguntado se aproveitou algum ritmo local em sua música. "O fato de ter composto *Conversation Peace* em Gana não quer dizer que eu levei meus instrumentos para a África, copiei os ritmos e sons em meu computador para escrever as músicas do disco. Gana me influenciou a partir do momento em que é um local de paz e reflexão, onde eu pude pensar em vários acontecimentos da minha vida e dar um novo ponto de vista sobre isso. Essa foi a maior contribuição de Gana a *Conversation Peace*."

"Não sou fã de gangsta rap, mas há muita coisa que eles falam que deve ser levada a sério.

Música é um reflexo da sociedade e existe um pessoal frustrado com promessas não cumpridas"

Falo que sou do Brasil e Wonder se empolga. O cantor se apresentou em nosso país no ano de 71, justamente quando saía das músicas de temática amorosa da Motown para um estilo mais sério, com críticas sociais. Aliás, sempre que pode Wonder deixa escapar na entrevista que deseja tocar na América do Sul. "Eu toquei em duas cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro. Me diverti bastante, os ritmos do Brasil são incríveis e em todos os lares as pessoas ouvem música" diz. "Espero voltar a compartilhar meus dias e minhas noites com vocês."

Já que gostou do Brasil, pergunto o que lembra do país. "Eu conheci Sérgio Mendes. Me recordo daquela música (*cantarola uma canção de Antônio Carlos & Jocafi*) Você abusou/Tirou partido de mim..."

Na conversa eu retomo a carreira de Wonder, que começou com 12 anos de idade e ainda se mantém na ativa. Isso numa época em que o mercado musical não era tão selvagem, com ídolos infantis fabricados todos os dias. "Eu sinceramente acho que a história se repete de tempos em tempos. Numa época em que não há nada de novo sob o sol deve existir alguém que vai ter as mesmas experiências que eu tive, mas num estilo e numa época completamente diferentes."

O "nada de novo sob o sol" me faz pensar no grupo inglês Jamiroquai, onde o vocalista Jason Kay é freqüentemente comparado com Wonder. O Jamiroquai possui uma sonoridade muita próxima às dos discos de Wonder na década de 70. "Eu acho que eles fazem um bom trabalho com os instrumentos que eu costumava usar", observa Wonder. "E hoje em dia você pode notar que existem cantores que foram influenciados por mim quando eu era um garotinho – e eles eram bebês. Fico feliz em saber que ouvem a minha música, da maneira que eu também ouço a que eles fazem."

Wonder também não percebe nada de novo (no sentido revolucionário da coisa) no novo soul – um título dado aos novos artistas do gênero que despontam nas paradas americanas. "Para mim é apenas uma nova maneira, um jeito novo de dizer as coisas. Por quantos anos as pessoas ainda se encantam com as canções de amor? Elas nunca vão se encher disso. E quantas maneiras existem de você dizer que deseja fazer amor com uma pessoa? É tudo dito de um jeito que parece ser a primeira vez que alguém aborda esse assunto. Acho que R. Kelly está fazendo um bom trabalho. Boyz II Men também é um grupo bastante talentoso."

O lado politicamente correto de Wonder se manifesta quando o assunto é *gangsta rap*. O gênero musical seguido por Snoop Doggy Dogg, Dr. Dre e outros bambas vem sendo criticado nos Estados Unidos – inclusive por Dionne Warwick, amiga de longa data de Wonder – devido ao forte teor de violência nas letras. O que ele acha do *gangsta rap*? "Não sou fã deles mas há muita coisa do que eles falam que deve ser levado a sério. A música sempre foi um reflexo da sociedade em que vivemos e você tem de trabalhar com o fato de que há um pessoal frustrado com o que está acontecendo e furioso com promessas de mudança que nunca vieram."

Wonder não perde nem o bom humor quando perguntado sobre o seu trabalho e música prediletos. "Eu ainda não os fiz. A vida é algo que ainda está acontecendo, há muitas coisas para se descobrir. Eu aprendi uma porção de coisas em minha vida antes de *Conversation Peace* e vou aprender muitas outras coisas quando gravar meu próximo disco. O meu projeto depois de *Conversation Peace* é gravar um álbum *gospel*." ■

INFORME PUBLICITÁRIO

CAIA NO EMBALO. DE CORPO INTEIRO.

Não importa qual é a sua; heavy metal, reggae, axé music ou até uma balada de blues.
Afinal, cada um tem um gosto musical. Mas qualquer que seja o gênero de música que você curta o motivo básico é um só: o ritmo, o som e a emoção que provocam em você.
E quem curte som está sempre ligado, no mais alto astral.
No corpo da gente acontece o mesmo. Como uma banda afinadíssima tudo funciona na maior harmonia. E é prá não quebrar esse ritmo todo que a gente tem que cuidar de um detalhe super importante, evitar a desidratação. Ela chega de mansinho, depois de qualquer agito, de qualquer esforço maior e ataca. A princípio com a sede. Se você ingerir líquidos e repor rapidamente tudo o que foi perdido através da transpiração, tudo bem. Senão começam a pintar sintomas mais bravos como dor de cabeça, cansaço, câimbra e baixa do rendimento físico.

NÃO PERCA O RITMO, NÃO ESPERE SENTIR SEDE.

O ideal é a gente nunca esperar a sede chegar. Ingerir líquidos sempre: antes, durante e depois de qualquer atividade física.
E nessa tarefa você pode contar com Gatorade, uma bebida isotônica leve, com baixa concentração de carboidratos e que dá uma tremenda sensação de leveza e bem estar.
Gatorade tem o balanceamento correto de líquidos e sais minerais e é absorvida pelo organismo 30% mais rápido que a água, o que representa uma hidratação imediata e eficiente no organismo.
Por isso não importa qual foi o agito. Se você ensaiou com sua banda a noite toda, se você balançou o corpo ao som de reggae ou se praticou esportes ou qualquer atividade física. Gatorade vai bem em todas. Se liga e não deixe cair o pique!

Foto ilustração André Stoler /Produção Andrea Santos / (blusa) Alexandre Herchcovitch e Elisa Steca (colar)

JOGO DE IMAGEM

Em Nova York e São Paulo, de repente virou chique uma mulher dizer que está apaixonada por outra. Será culpa dos *clubbers*? Da Aids? Dos homens que tratam mal o sexo frágil? Da k.d. lang? Ou é tudo fachada? Robert Halfoun e Cláudia Grechi mergulham no *underground* moderno para entender essa liberação sáfica

Sinal dos tempos. Na festa de fim de ano do bar Buwiri, o mais badalado de Manhattan (NY), freqüentado por nomes do *showbiz* e do mundo *fashion*, em toda a população local era possível contar nos dedos o número de casais heterossexuais.

A partir dessa informação, a primeira imagem que vem à cabeça é de um lugar lotado de bichas dando pinta para todos os lados. Redondo engano. Mulheres acompanhadas de mulheres eram a maioria absoluta no ambiente.

Ao contrário do estereótipo "caminhoneira" criado anos atrás, essas mulheres são extremamente femininas, bonitas, jovens, bem arrumadas e ao primeiro olhar, não tenha dúvida, fazem qualquer macho cair babando. Apesar da alta concentração de mulheres no local, ironicamente para alguns homens que estão atrás de companhia, passar uma noite num lugar como o Buwiri pode ser uma tortura daquelas que ficam entranhadas na memória para o resto da vida.

Além de fisicamente maravilhosas, as meninas não trazem aquele ranço pentelho de grupos que fazem da sua opção sexual um motivo para levantar uma bandeira. Afastadas quilômetros de distância do que se pode chamar de *lesbian chic* ou pejorativamente de sapatão, se erguem alguma bandeira, é a delas próprias.

O que motivou o comportamento dessa nova geração foi a glamourização do homossexualismo feminino através da estética elegante que as *lesbian chic* vêm impondo desde 93 (quando a revista americana *Vanity Fair* publicou a sugestiva foto da modelo Cindy Crawford fazendo a barba da sapata k.d. lang).

A partir daí, mulheres que valorizam seu lado gay e outras que estão deixando emergir seu lado bissexual resolveram mostrar a cara, assumir sem problemas que transam outras mulheres e despontam sem preconceitos na mídia e em vários segmentos da sociedade. Por aqui, nos clubes da moda (distantes de serem casas de atitude gay), em grandes centros como São Paulo, é fácil perceber a presença de mulheres que andam em grupos e descaradamente flertam entre si.

Como no clip da música "Crazy", do Aerosmith, onde as gostosas Liv Tyler e Alicia Silverstone vivem um "caso de amor" mas não dispensam as brincadeiras com um bonitão, surge também um grupo de meninas pós-adolescentes, sugestivamente chamadas de "sandalinhas", que não tem o menor pudor de anunciar que gostam de meninas e meninos.

Sente o drama, com o visual de gatinhas da TV, elas se azaram mutuamente e numa molecagem provocante tentam até ganhar a namorada do cara da mesa ao lado. E o cara, é claro, se tiver o mínimo de jogo de cintura, acaba levando a namorada e a pretendente para uma festinha a três.

Num bar mauricinho sem a menor tradição de freqüência gay, Cláudia Grechi, que foi a campo fazer essa reportagem, foi objeto de um verdadeiro assédio sexual. "Eu estava bebendo com um amigo e reparei que algumas mesas adiante, três meninas não paravam de nos olhar. Pensei que o cara que me acompanhava fazia um tremendo sucesso. Doce ilusão. Ele levantou para ir ao banheiro e a azaração ficou explícita: o alvo era eu. No melhor estilo cafajeste, as garotas acenavam,

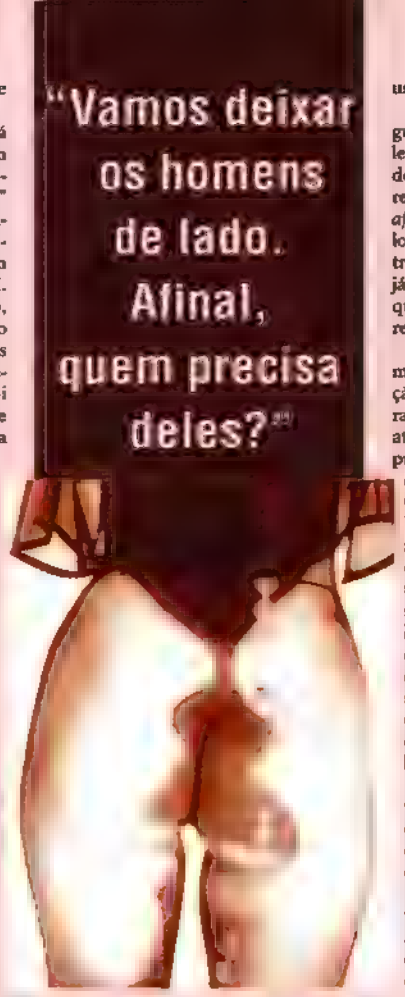
jogavam olhares e faziam todo tipo de insinuação", conta.

A azaração entre meninas não está restrita a bares e discotecas. Até em shopping centers elas chegam a se comportar como verdadeiras "profissionais" quando o assunto é conquista. Até mulheres casadas são "vítimas" de abordagem. Numa loja de sapatos num shopping da moda em São Paulo, M.M. (que pediu para não ser identificada), casada e com uma tremenda aliança no dedo, depois de receber vários elogios da vendedora quanto à sua beleza e elegância, ao concluir a compra foi fulminada por um olhar revelador e teve seu número de telefone solicitado para um passeio depois do expediente.

Na mídia, a atitude liberada das mulheres traz pontos extremamente positivos. Ao invés de causar espanto e até repúdio num determinado segmento da sociedade, as propagandas e filmes estão exterminando o preconceito sobre o posicionamento bissexual entre fêmeas. Estamos chegando ao ponto em que as namoradinhas de Madonna não fazão mais tanto barulho, a não ser pela popularidade da *popstar*.

A agência de publicidade Young & Rubicam, na campanha publicitária da lingerie Du Loren, que insinua a liberação das fantasias sexuais da mulher, usou recentemente a imagem de duas guapas se beijando. O publicitário Marcos Silveira, criador da campanha, diz que ela é um reflexo do que acontece na sociedade e que a transa entre mulheres faz parte das fantasias femininas. "A propaganda mostra um momento específico no mundo. Não é direcionado para lésbicas, está longe disso. Mas as mulheres me dão os sonhos e eu os transformo em anúncio", diz. A campanha idealizada por Silveira, que já teve freiras de calcinha e até juízas dominadoras, ajudou a levar a Du Loren do terceiro ao primeiro lugar em vendas de lingeries.

Outros setores da mídia também vêm explorando abertamente a relação homossexual entre as mulheres. O filme *As Feras*, do cineasta Walter Hugo Khouri, que está em fase de produção, é baseado na temática lésbica e antes mesmo de ser lançado já está dando o que falar. Na história, a personagem principal, vivida pela modelo e agora atriz Cláudia Liz, é uma garota de 25 anos que tem um caso com seu professor e ao participar de uma montagem teatral acaba envolvida pela diretora da peça e ainda conquista o coração de outra atriz. As principais cenas de sexo do filme, especialidade de Khouri, são de transas entre mulheres. Nos EUA, a revista *Movieline* está cotando o livro *Hollywood Lesbians* (que revela o "outro lado" de atrizes famosas do passado) como mais um grande *hype* do momento. Definitivamente elas estão por cima (ou por baixo, como quiser).



Na moda, um dos desfiles que fez mais sucesso no badalado Phytoervas Fashion realizado em fevereiro em São Paulo, foi o da grife Divas, baseado inteiramente na atitude homossexual. Na passarela, as modelos sugeriam uma postura gay, incluindo ingênuos beijinhos na boca e vestindo camisetas que impunham a opção de cada uma. "G", para gays, "L", para lésbicas e "S", para simpatizantes.

As camisetas da grife Divas podem ser um excelente adereço para algumas meninas que querem parecer modernas. Atualmente, belas mulheres dizerem que transam uma fêmea estonteante virou uma grande maneira de autopromoção.

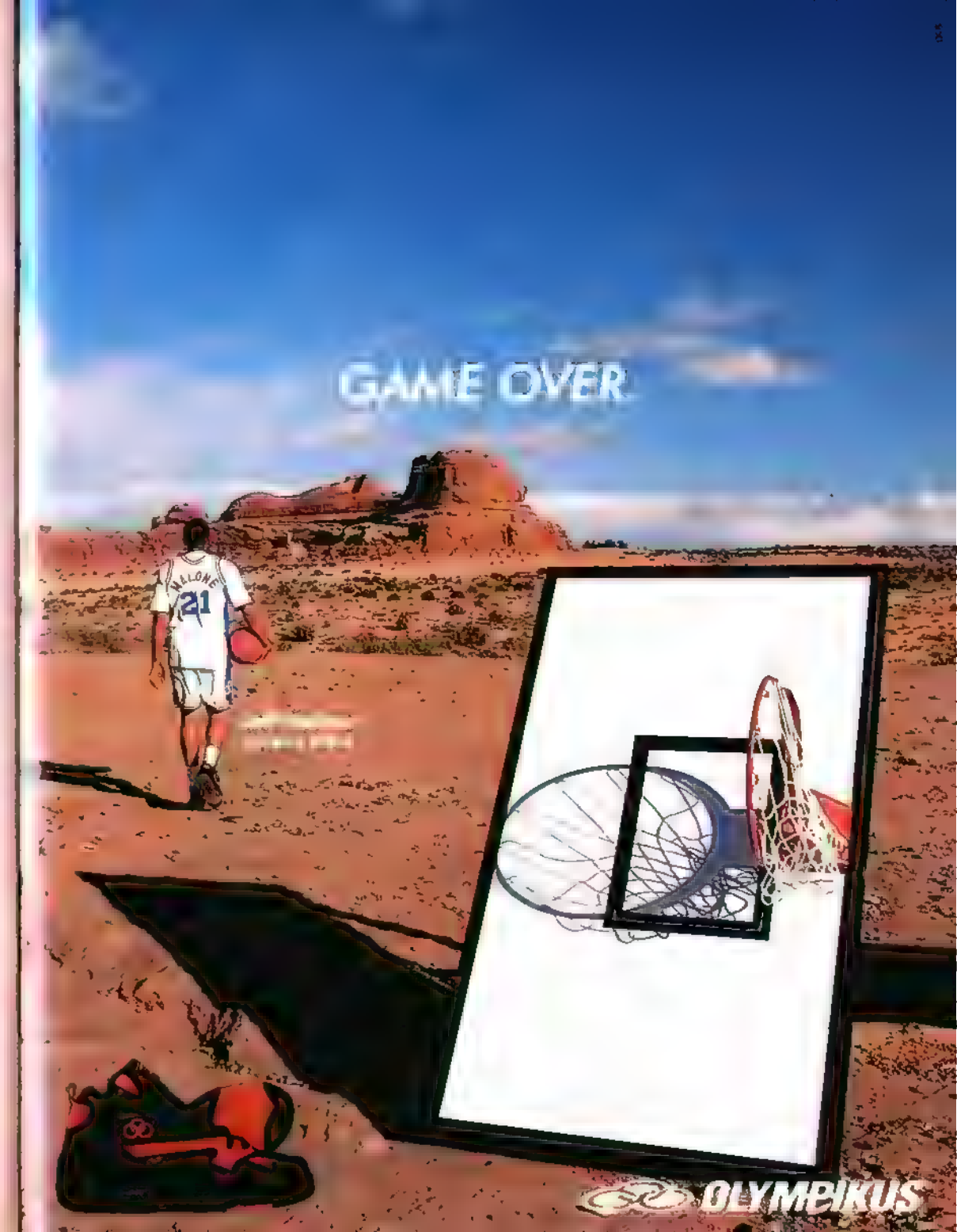
A modelo Luka Faleiro, a gostosa das guitarras que "abalou as estruturas" dos leitores da BIZZ na edição de setembro de 94, fez sucesso com a declaração na revista masculina *Sexy*, que mantinha um *affair* apaixonado com a também modelo Núbia de Oliveira. Núbia, que diz ter transado com mais de trezentos homens, já havia declarado à revista *Marie Claire* que seu prazer é muito maior quando se relaciona com mulheres.

Mas a nova face do comportamento das mulheres pouco tem a ver com satisfação sexual. Mais um motivo para os caras que estão na retaguarda tomarem uma atitude. O filme *Boys On The Side*, que promete ser um dos mais falados de 95, estrelado pelas atrizes Whoopi Goldberg, Drew Barrymore e Mary-Louise Parker, conta a história de três mulheres que sofreram em mãos masculinas (uma é lésbica, outra foi violentada pelo namorado e a terceira contaminada pelo vírus da Aids). Elas descobrem numa viagem de carro pelos EUA que jamais terão a cumplicidade que têm com mulheres ao lado de homens. O filme termina num bar de lésbicas, com uma postura um tanto quanto ingênua do tipo "vamos deixar os homens de lado. Afinal, quem precisa deles?".

O enredo do filme tem reflexos na vida real e explica um dos pontos que estão levando as mulheres a mudarem ou assumirem um "novo" comportamento.

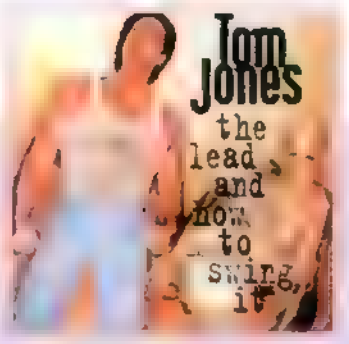
Num universo nada promocional e totalmente distante do mundo da moda, assustadas com a Aids e decepcionadas com a falta de carinho que uma parcela de manés vem dedicando às suas parceiras, mulheres "comuns" também estão procurando relações homossexuais. Para a jornalista Márcia Neder, diretora da revista *Nova*, o comportamento homossexual entre as mulheres não pode ser considerado, em hipótese alguma, uma novidade. As obras da década de 20 da escritora alemã Anaïs Nin são uma das provas disso. "A Aids vem precipitando um comportamento homossexual. A mulher solteira está com medo de sair transando por aí. Até ela conhecer um cara que realmente vale a pena, ela se diverte com a melhor amiga", diz Neder.

O que está mudando é a maneira da sociedade encarar o posicionamento mais liberal entre as mulheres, quebrar tabus seculares e acompanhar as mudanças trazidas pelo final do século. Se essa onda é temporária ou não, só o futuro poderá responder. Se os homens podem tirar proveito disso, depende do talento de cada um. ■



LANÇAMENTOS

O velho galã "solta a franga"



TOM JONES

ZTT/Warner

The Lead And How To Swing It

O que fazer depois que se conquistou o mundo? O cara foi o símbolo de Las Vegas, bateu recordes de cachês e vendeu discos como ninguém. As mulheres jogavam calcinhas para ele, que foi copiado e invejado por nada menos que o maior de todos os ídolos pop, Elvis Presley. Mas ainda assim, o seu nome se tornou um sinônimo de tudo o que o rock'n'roll condenava como cafona e ultrapassado.

O sucesso de *The Lead and How To Swing It* se deve principalmente à mudança em algumas regras do mercado pop. Depois que Madonna transformou seu palco em *cabaret* decadente da Alemanha dos anos 30, o *camp*, a cafonice volta a ser aceita. Assim, Tony Bennett é catapultado pela MTV, enquanto até Frank Sinatra grava duetos improváveis com gente como Chrissie Hynde. Por isso, não há nada mais *kistch* do que ver esse Tom cinqüentão, com pinta de bofe (mas não é!) cantando – ou melhor – berrando *dance music*. Não que isso fosse novidade para ele: em 88, ele foi convidado por esse mesmo selo ZTT (de propriedade do produtor Trevor Horn) para gravar uma inusitada colaboração com o grupo The Art Of Noise, interpretando "Kiss" (Prince), em um arranjo tecnopop.

E falando em coisas improváveis, basta olhar a lista dos produtores desse disco: Flood (que trabalha com sons considerados "modernos" como o U2), Youth (baixista do Killing Joke, que derivou para a *dance music*), Teddy Riley (outro especialista no som de pistas), etc.

Ou seja, aquele tipo de gente que nem se atreveria a andar do mesmo lado da calçada de Jones tempos atrás. Até mesmo a presença de Jeff Lynne, um agregado de velhos *rockstars* dos anos 60, pareceria deslocada.

O que vale aqui é mais o evento, nem tanto o disco. Jones até que se sai bem, nas faixas de *dance music* – "Situation" (se os Pet Shop Boys soubessem cantar, soariam assim), "I'm Ready" e "If I Only Knew" (onde ele improvisa um rap) conseguem livrar a cara do velho *crooner*.

A baladinha "I Wanna Get Back With You" tem a participação da voz de Tori Amos (o que, na verdade, não acrescenta muito). A faixa "A Girl Like You" é curiosa, só por ter sido escrita pelo trio new wave The Wolfgang Press – que até acompanha o cantor na gravação. Mas a única música do álbum que lembra um pouco o Tom Jones dos velhos tempos é "Show Me", uma levada soul com metais. "Lift Me Up" – a faixa produzida por Lynne – é apenas insossa.

Sem dúvida, o referencial mudou. Tom Jones não é mais aquele cara de *smoking* que a sua tia gostava. Agora é o bofe musculoso que coloca todos para dançar nas pistas e pode ser o novo ícone da tribo *dance-gay*. PAULO CAVALCANTI

Ilustração Sérgio Barbo

BONS VENTOS NA NOVA ONDA

Robert Zabrecky, baixista e líder do Possum Dixon

POSSUM DIXON

Interscope/Warner ○ N

Possum Dixon

Esqueça todo o "buxixo" em torno da tal da The New Wave Of The New Wave, com seus ditos "luminares" como Echobelly, Elastica e S*M*A*S*H. Se não for pedir muito, tente deixar de lado até o Green Day – trio punk/pop que, através de um clip veiculado pela MTV, faturou o Prêmio BIZZ de revelação 94 entre os leitores.

Os grupos citados acima – e inúmeros outros – atualmente vêm tentando reviver o espírito anárquico e visceral consolidado pelo punk rock e pela new wave na virada dos anos 70/80. Mas a maioria deles não ultrapassa o estágio de clones puros e simples das bandas que os inspiraram. O que quer dizer muito pouco para quem se embrenhou por esses estilos durante seu apogeu, apesar dessa "nova onda" aparentemente satisfazer àqueles que chegaram ao rock a partir do grunge.

No entanto, uma exceção deve ser feita ao quarteto Possum Dixon, de Los Angeles, que em seu álbum de estréia detona um som capaz de agradar tanto os neófitos como os antigos órfãos do punk e da new wave.

O grupo foi batizado com o nome de um foragido da lei que apareceu no programa de TV *America's Most Wanted* – uma espécie de *Aqui Agora* ianque – e tem como figura-chave Robert Zabrecky, que toca baixo acústico e elétrico, além de ser o principal compositor e vocalista. Completam o time Robert O'Sullivan (guitarra/piano/gaita/vocais), Celso Chavez (guitarra) e Richard Treuel (bateria).

Lógico que não se pode exigir originalidade absoluta dos caras. Pelo contrário: às vezes as influências são escancaradas, mas muito bem digeridas pelo pique do grupo em canções bem delineadas e com letras espertas. É o caso do hit "Watch The Girl Destroy Me" (um híbrido de The Clash com country rock) ou de "She Drives" (algo como os Sex Pistols encontrando The B-52's). Em outras faixas, as referências musicais são mais explícitas: vide "Invisible", "Pharmaceutical Itch" e "Executive Slacks" (The Police, The Jam e Talking Heads revisitados, respectivamente).

Mas o PD foge da mera cópia e passa – em apenas 31 minutos que duram as onze faixas do disco – uma vitalidade da qual as bandas "badalhadinhas" carecem. *Celso Pucci*

SHERYL CROW

A&M/PolyGram ○ N

Tuesday Night Music Club

Ela é uma caipira do Missouri ("só conheci o MacDonald's no ano passado") que sacode o *showbiz* americano. Alçada ao topo da parada da *Billboard* com a música "All I Wanna Do", Sheryl virou o maior *hype* dos últimos tempos. Foi elogiada por Mick Jagger e participou de um show dos Stones no ano passado.

Neste álbum, a mistura do som country com outros gêneros e um tratamento moderno das influências caipiras surpreendem. Momentos como "Solidify", "What I Can Do For You" e "We Do What We Can" são exemplos claros de como ampliar os horizontes musicais sem abandonar as raízes. *Robert Halfoun*

VÁRIOS

Warner ○ N

Dance It Again, Sam! 2 – The Flashback Remixes

Para a alegria das "faustetes" aeróbicas e das *drag queens* performáticas, saiu outro volume dessa coletânea, com mais alguns hits clássicos revisitados pelo batucum tecno "oba-oba".

"Jump" (do Van Halen) com o Hit'N Run é infame, o Ministry Of Sound faz feio em "Let's All Chant" e até Aretha Franklin está mais para vadia do que para diva em "Jump To It". Só Kim Mazelle & Jocelyn Brown salvam "No More Tears (Enough Is Enough)", mas Bob Dylan não escapa: "Like A Rolling Stone", com *samples* absurdos, virou rap fajuto. *Luis A. Pecora*

CIRURGIA MORAL

Discovery ○ N

Cérebro Assassino

Resumo da filosofia do Cirurgia Moral: vida de bandido não é fácil. O grupo de Brasília, formado em 93 por Rei, e pelos DJs W e China, mostra uma cartografia do mundo do crime. Não há moral – só fatos, tiros, estupros e a ética dos encarcerados. *Gangsta rap* em versão nacional. As bases ("Produtos Das Mentes", "De Arma Em Punho"), na maioria com baixo/guitarra/bateria, são do pessoal que tocou com o Câmbio Negro no primeiro disco. O CM, aliás, é apadrinhado pelo Câmbio Negro: o DJ Jamaika cuida das mixagens e da produção, enquanto o vocalista X aparece em "Pague Pelos Seus Atos". É o rap do Planalto Central que mostra suas armas. *Jeferson De Sousa*

INDECENT OBSESSION

Warner ○ N

Relativity

Esta armação intercontinental (dois ingleses e dois americanos) consegue a proeza de soar como um cruzamento da pior fase do Duran Duran com o Wet Wet Wet. A velha fórmula pop de juntar uns bonitinhos que fazem música-chiclete para FMs parece não funcionar com o Indecent Obsession. Não há faixa de destaque, pois todas parecem ser a mesma: pop/brega animado por *backing vocals*. As exceções: "Lady Rain" e "Fixing A Broken Heart", baladas onde o ouvinte não sabe se chora ou se ri com a dor-de-cotovelo do cantor lamentando não saber por que "ela" o deixou. *Cláudia Grechi*

pirralho do demônio

O soturno e mal-humorado Glenn Danzig (o segundo a partir da esquerda)

DANZIG

American/Warner ○ N

Danzig 4

Glenn Danzig é um sujeito estranho. O líder da banda de metal que leva o seu sobrenome parece um mix de Jim Morrison com Arnold Schwarzenegger. Soturno, sempre vestido de negro, sua reputação de mal-humorado vem desde os tempos em que comandava a banda The Misfits (um ícone entre os punks de Nova Jersey em meados dos anos 80). Ele possui a fama de flertar com Satã e se meter com magia negra, ocultismo e coisas do gênero. Canções como "Heart Of The Devil", "Snakes Of Christ" e "Am I Demon?", pinçadas de seus três álbuns anteriores (*Danzig 1*, *Lucifuge* e *When The Gods Kill*) cuidaram de manter essa imagem viva. E "Brand New God", faixa de abertura do novo disco, afirma este seu lado "religioso".

Pela primeira vez, Danzig chega às paradas. Mas seu humor melhorou. É inegável que faixas como "Little Whip", "Cantspeak" e "Going Down To Die" fazem de *Danzig 4* um álbum mais pop e acessível, enquanto "I Don't Mind The Pain" e "Sadistikal" são duas das melhores coisas que ele já fez. O "monstro", afinal, não é tão feio quanto parecia. *Ivan Mizanzuk*

DIGA DANZIG...

Fazendo jus à sua fama de *bad boy* irascível, foi com visível má vontade que ele falou com a BIZZ por telefone, direto de Los Angeles.

■ Ao perguntar se Danzig mexe mesmo com satanismo, ele se irrita: "Isso é besteira, não sei de onde tiram estas histórias. Como podem saber se estou mesmo envolvido com isso?", reclama. "Fazer canções é como escrever um livro de ficção. São apenas personagens e não eu mesmo."

■ Ao falar sobre o disco novo, Danzig se anima. Puxa fundo o ar, funga e diz que não vê muitas diferenças entre este e o anterior – *When The Gods Kill*. "O meu trabalho progride continuamente, cara."

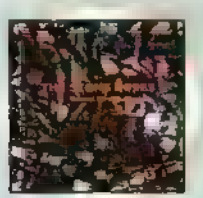
■ O sucesso de "Mother" o transformou? "Não. Pode ser que o público tenha mudado, mas eu continuo o mesmo. 'Cantspeak', por exemplo, é uma canção que fala de solidão. Eu às vezes me sinto solitário e esse tipo de coisa atinge um monte de pessoas. É provável que estejamos falando a mesma linguagem."

■ "Son Of A Morning Star" (do novo álbum) tem uma levada jazzística. Danzig gosta de jazz? Finalmente, ele responde rindo: "Eu adoro blues, cara. Mas jazz, não. É o tipo de coisa para otário, é muito chato."

■ Indagado sobre a censura, ele confirma que sofre pressões: "Este país tem coisas legais e muitas outras estupidas, cara. A censura é uma delas", resmunga. *I.M.*

Nau! Oba! Epa! Ops! Argh! ○ CD ◔ Vinil ▭ Cassete N Nacional I Importado

QUEBRANDO O SILÊNCIO



THE STONE ROSES

Geffen/BMG-Ariola

Second Coming

O último estouro do rock britânico – antes da vassalagem hiperbólica e desnecessária, concedida ao Suede – foi The Stone Roses, o quarteto oriundo da lendária Manchester, que debutou em 89 com um álbum irretocável, sublime em todas as suas multifacetadas ambiências de guitarras fluidas e de melodias transmutadas em poesia.

No encarte, o vocalista Ian Brown, ainda criança

Silêncio profundo. O grupo se tornou a grande piada – de mau gosto – do rock inglês porque levou cinco (!) anos para consumar o segundo disco – dizem as más línguas que o selo Geffen recusou várias fitas da banda, alegando a péssima qualidade do material gravado.

Verdade ou não, o fato é que *Second Coming* marca o retorno triunfal do grupo. A abertura já é um delírio: "Breaking Into Heaven", onze minutos de circunvoluções instrumentais, em uma melodia quebrada. O *indie guitar/dance* da estréia está em "Straight To The Man" e "Begging You", mas há flertes com The Byrds, Isergia, baladas estradeiras e peso zepelliniano (como em "Tears", que lembra "Stairway To Heaven"). E o vocal lasso de Ian Brown é sustentado pela guitarra magnífica de John Squire e por uma seção rítmica poderosa. *Humberto Finatti*

THE EAGLES

Geffen/BMG-Ariola

Hell Freezes Over

Poucos conseguiram traduzir de forma tão sincera o espírito do rock californiano da primeira metade dos 70 quanto The Eagles, banda-mutante liderada pelo guitarrista/vocalista Glenn Frey e o baterista/vocalista Don Henley. Se o passado remete a glórias, infelizmente o presente é de chorar.

Renascidos das cinzas – o último disco é de 79 –, o grupo agora nos brinda com o álbum *Hell Freezes Over*, um trabalho *mezzo Unplugged* (a parte na qual presta alguma coisa), *mezzo* inédito (o desastre total).

As quatro canções novas – que abrem o CD – formam uma salada que nem merece ser comentada ou ouvida: comece o disco direto pela quinta faixa.

Já as versões acústicas para os clássicos "Tequila Sunrise", "Hotel California" e "In The City" só servem para nos lembrar o quanto os Eagles eram legais nos anos 70.

O teatro da "volta dos mortos-vivos" rodou os Estados Unidos, emocionou "ex-ripongos" e virou especial da MTV. Coisa para americano ver e se lambuzar. Pena que o bagulho não bate em quem já está vacinado contra embustes desse calibre. *Hélio Gomes*

CÓDIGO 13

Eldorado

Reação Em Cadeia

Eles são brancos, fazem rap, estão na estrada desde 87. Em 90 lançaram um EP que tinha a participação de MC Jack. Era o que poderia ser chamado de *hip house* (*house* com levadas e batidas rap), algo que estava em alta há cinco anos. *Reação Em Cadeia* é bem produzido, o que o diferencia da maioria dos discos de rap nacional, feitos sem muita grana. As letras legais beiram o inofensivo (ao brincar com a história de João e Maria pornograficamente). Outros destaques: "Foge Garoto" e "Raças Diferentes" – com *samples* de "Five Minutes Alone" (Pantera). *Lourival C.S. Junior*

JAMIROQUAI

Epic

The Return Of The Space Cowboy

Existe um ponto crucial na vida de todo artista: é quando, depois de uma boa estréia, chega a hora de gravar o segundo álbum. O vocalista Jason Kay e o pessoal do Jamiroquai – pena – não passaram no teste. *The Return Of The Space Cowboy* é fraco, com músicas datadas – que parecem saídas de alguma fita demo de Stevie Wonder, com quem Kay é comparado frequentemente – e introduções que parecem não ter fim. Há exceções como a balada "Half The Man" ou o balanço de "Just Another Story". Mas é pouco para quem já tinha sido saudado como uma das boas revelações surgidas na música pop. *Sérgio Martins*

VÁRIOS

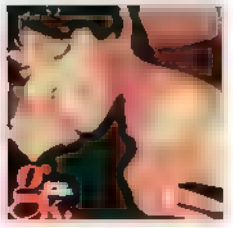
MCA/BMG-Ariola

Symphonic Music Of The Rolling Stones

Ouvir este disco é como bater um prato de feijoada coberto de chantilly. É uma coisa certa que a combinação de orquestra com temas de rock já gerou monstros horripilantes, mas esta "obra" ultrapassa todos os limites.

Você é capaz de imaginar a London Symphony Orchestra brandindo os violinos em versões meladas de "Street Fighting Man" e "Jumpin' Jack Flash"? Ou "Gimme Shelter" e "Sympathy For The Devil" nas vozes de um coral infantil?

Pois há momentos piores, como Marianne Faithfull manchando seu passado glorioso em "Ruby Tuesday" e o próprio Mick Jagger (!) corroborando toda a melaca, em um arranjo intimista para "Angie". *Celso Pucci*



GLADYS KNIGHT

RCA/BMG-Ariola

Just For You

"Eu sou de um tempo em que a música tinha estilo e tocava no coração. Eu quero voltar a esse tempo". Gladys Knight, uma das grandes damas da *soul music* e da gravadora Motown, abre com esse discurso um *medley* ao vivo em seu novo álbum. Ouvir música negra hoje em dia é um jogo de paciência, por causa de tantos ritmos pré-programados e de vocalistas que confundem gritaria com emoção. Gladys é – ao mesmo tempo – precisa, controlada e emotiva, qualidades que gente como Mariah Carey e Whitney Houston, por exemplo, não têm. Para aqueles que se educaram ouvindo Motown, o *Philadelphia sound* e a verdadeira e brilhante *soul music*, este é o disco ideal. O que vem provar que nem sempre as vozes de veteranas nos decepcionam. *Paulo Cavalcanti*

cantando na lama

Trezentos mil "sonhadores" em dois dias de sol e sujeira

VÁRIOS

A&M/PolyGram

Woodstock '94

A edição 94 do festival de Woodstock podia se chamar "Mudstock", em alusão ao mar de lama, mijo, restos de pizza e vômito que cobriu cerca de trezentos mil "sonhadores" nos dias 13 e 14 de agosto em Saugerties, Nova York.

E chega ao Brasil o CD duplo que reuniu os principais artistas do evento. Talvez por estar em número superior, a nova geração cavou a inclusão dos torpes Collective Soul, Blind Melon e Sheryl Crow. Pelo menos, os gurus do Green Day se esbaldaram em "When I Come Around", e os Nine Inch Nails provaram sua vocação *search and destroy* com "Happiness Is Slavery". Sobreviventes do *flower power* como Bob Dylan e Joe Cocker ficaram aquém dos bons dias. E quem sintetizou tudo? Crosby, Stills And Nash em... "Deja Vu". *Arthur G. Couto Duarte*

SLADE EM CENA
OTÁVIO ROCHA
JORGE PESCARA
PROGRAMAÇÃO DE SINTETIZADORES FÁBIO RIBEIRO
SHACKLE POINT JOE MOGHRABI
M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

EDITORA AZUL

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade Claudio Santos
Diretora Comercial Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araujo
Diretor Financeiro Pedro Frazão

BIZZ

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: [illegible]
Editores-Assistentes: [illegible]
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Coordenador de Produção: [illegible]
Arte: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Colaboradores • Textos: [illegible]
Fotos: [illegible]
Ilustrações: [illegible]
Revisão e Preparação de Textos: [illegible]

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benyamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Anovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liege de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lucia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Fábio Gomes, Jorge de Oliveira, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lucia Bertiua, Ana Maria Lobo, Miriam Horta
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Pensionato, Alex Sander, Igor Assan, José Soares, Tieko Kuniyuki

Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zalla

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649) edição 116 Março de 1995) **São Paulo. Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777 CEP 05479-900 tel. (011) 816-7966 Caixa Postal 66254 CEP 05389-970; telex. (011) 83178 fax (011) 813-9115 **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 15º andar salas 1534/35 CEP 20020-080 Centro tel (021) 532-0313 fax (021) 532-1468 CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Ltda. Quinta Pau Varre, Azinhaga dos Fetais, 2685 Camarate Lisboa. **Assinatura:** Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. [illegible] da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgarmos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista **Serviço ao assinante** tel (011) 823-9222 **Números atrasados:** (as seus últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque); ao preço da última edição em banca por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor Dinap S/A Caixa Postal 2505 Osasco SP Fax (011) 810-4800 Tel (011) 810-6800. O pagamento poderá ser feito através de cheque nominal ou pelos cartões VISA, Credicard e Diners.
Fotolito: Fotolinel Ltda. Bureau Azul Diverart
ANER IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. IVC

Muito além do jazz rap

DP (da esq.): Butterfly, Deadlebug & Ladybug

DIGABLE PLANETS

Pendulum/EMI-Odeon

Blowout Comb

Este é um grande trio de hip hop que deu nova perspectiva ao "rap", além de revelar grande sensibilidade na produção deste seu novo trabalho, que recusa o rótulo *acid jazz*.

Ishmael, um dos mentores, cresceu ouvindo jazz, estilo dominante em seu ambiente familiar e referência do seu excelente álbum de estréia.

Em *Blowout Comb*, eles foram adiante com a proposta, afirmando-se como porta-vozes da juventude das ruas do Brooklyn, o famoso bairro nova-iorquino que reflete perfeitamente o dia-a-dia da comunidade negra americana.

É essa narrativa revela o trio mais engajado, tanto na letra de "Borough Check" que traz o *rapper* Guru como convidado ilustre, quanto nos arranjos de "9th Wonder", primeiro single que conta com o lendário DJ Jazzy Joyce.

Além dos nomes acima mencionados o trio investe na promoção de novos talentos como Sulaiman, jovem *rapper* do Bronx. É só conferir "For Corners", faixa que encerra o álbum.

Mas a vez não é só dos homens. Em "Dial 7", Sara Webb, carismática cantora do D-Influence (que aliás já tocou no Brasil), contribui para o momento mais *fresh'n'funky* do disco.

Talvez a excessiva ambiência e consciência urbana tenha resultado em um som um tanto monótono e "cabeça", mas é inegável que o trio merece a maior credibilidade por ser uma das melhores bandas de hip hop do planeta, ou se preferir, de *acid jazz, jazz rap, jazz funk* ou a "bilôla a quatro". *Luis A. Pecora*

JONI MITCHELL

Reprise/Warner

Turbulent Indigo

Teria sido 94 o "ano das mulheres" no rock/pop? Madonna virando "artista séria", fora o estouro das bandas femininas (Hole, L7, Lucious Jackson), da indie Liz Phair e da *rapper* Da Brat.

Mas pouca gente se lembrou de saudar o ótimo disco da veterana (51 anos!) Joni Mitchell. *Turbulent Indigo* é o decimo-sétimo álbum da cantora/compositora canadense, que desde o final dos anos 60 mescla o melhor do folk – com influências de conterrâneos como Neil Young e Leonard Cohen – com sofisticadas melodias pop e incursões pelo jazz.

Assim fez discos antológicos como *Blue* (71), *Court And Spark* (74) e *Mingus* (79, dedicado ao jazzista Charles Mingus). A partir de 82, joni fez uma parceria com o seu marido, o baixista/produtor Larry Klein, que se mostra brilhante neste disco. Apesar da presença de feras como o saxofonista Wayne Shorter, a simplicidade da o com dos arranjos em "Sex Kills" (que lida com o paradoxo entre a comercialização do erotismo e o temor da Aids), "Not To Blame", "The Magdalene Laundries" (ambas com tons feministas, que não descambam para a babaquice), e "The Sire Of Sorrow (Job's Sad Song)", que lembra a sua fase áurea. *Celso Pucci*

CARLY SIMON

Arista/BMG-Ariola

Letters Never Sent

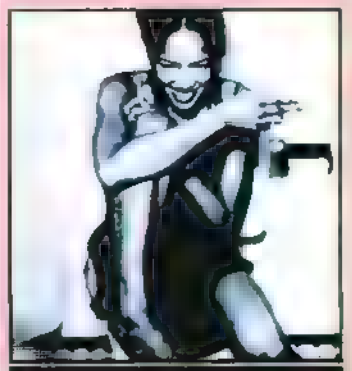
Após várias incursões por trilhas de filmes, Carly volta ao pop retomando o seu passado de autêntica *folk singer*. Na linha de "canções escritas como cartas – nunca enviadas – aos entes queridos", há faixas de arrepiar: "Like A River", dedicada á mãe morta recentemente, e "Davy", com a presença do tecladista Andreas Vollenweider (espécie de "troca de figurinhas", pois ela participou do mais recente álbum do musico). Há vinhetas escritas/interpretadas por Ben Taylor, filho de Carly e James Taylor, mas nenhuma concessão ao pop descartável de seus ultimos discos. *Toninho Spessoto*

EDIE BRICKELL

Geffen/BMG-Ariola

Picture Perfect Morning

Edie, a atual senhora Paul Simon, alimenta uma fascinação pelo *bitter sweet*. Refletindo isto este álbum é genuinamente inspirado. A balada soul "Good Times" apresenta um *break* declamado por "mister vozerão" em pessoa – Barry White. Em "Tomorrow Come", Brickell convocou os *backing vocals* das Dixie Cups, lendario *girl group* dos anos 60. A boa produção de Simon é outra bola dentro (se ele fizesse isto em seus discos solo seria uma beleza!). Um disco que não vai ser badalado, nem estourar em vendas, mas garantirá aos *old timers* tardes agradáveis de audição. *Paulo Cavalcanti*



A modelo não decepciona estreando em disco

Uma voz na passarela

NAOMI CAMPBELL

Epic

Babywoman

Quem pensou que Naomi Campbell seria a pior armação dos ultimos tempos, dançou. A beldade segura (e bem) o seu álbum de estréia no *métier*. Bem assessorada e com uma voz surpreendente, vai emplacar alguma das faixas nas pistas mais divertidas. Quase parece uma "Madonna *cover*", nos vocais e nos arranjos.

A ótima "Love & Tears", que abre o disco, lembra "Erotica" Naomi arrisca-se no tecno-pop em "I Want To Live" (sem sair queimada) e surpreende em "Ride A White Swan" que, pasmem, lembra "Summer Of The Drugs" do Soul Asylum (!!!). No meio de tantas bonitonas que são lançadas como cantoras do dia para a noite, Naomi não decepciona com sua voz de *babywoman* e com uma produção de primeira. Mas o melhor fica por conta do encarte com belas fotos da moça e a lista de agradecimentos hitária – Linda Evangelista, Kyle Machachlan e Johnny Depp, entre outro(a)s do *international jet set*. Coisas de modelo. *Cláudia Greco*

GANHADORES DA PROMOÇÃO DEPECHE MODE

GANHADORES DOS CD's E PÔSTERS

Paulo Eduardo de Albuquerque - Suzano - SP
Edimilson Teixeira da Silva - São Paulo - SP
Ana Maria de Jesus - São Paulo - SP
Marco Antonio Xavier - Cotia - SP
Nick Ellis - Rio de Janeiro - RJ
Paulo de Tarso Cutinho Viana de Souza Campinas - SP
Edison Alex Kreis - Curitiba - PR
Emani Antonio Pinheiro Garrido - São Luis - MA
Christiana Costa Lima da Rocha Rio de Janeiro - RJ
Suzana Reiko Fukumoto - São Paulo - SP

GANHADORE DOS LP s

Rodrigo Mendes Ribeiro - Possa Quatro - MG
Simone Aparecida de Macedo - Suzano - SP
Regilucy Adnana Brandão Ferreira São Paulo - SP
Jefferson V.A. Longaray - Camaqua - RS
Patricia Kras Borges de Medeiros Porto Alegre - RS
Reginaldo D. Martionr - Lorena - SP
Daniel Braga Favoreto - Curitiba - PR
Rubem Carlos Moura - Mendes - RJ
Antonio Adilson Soares de Lima - Natal - RN
Edimilson Teixeira da Silva - São Paulo - SP
Geisa Cristina Lemos da Cunha Martinho Campos MG
Santiago Castro - Porto Alegre - RS
Carlos Niederauer Rauber - Porto Alegre - RS
Altamirando Luquini Leal Jr. - Salvador - BH
Daniel Pawlowskij - Jaraguá do Sul - SC
Antonio Manuel Pontes Correia Neves Belo Horionte - MG
Edgar Umbelino de Souza - Maringá - PR
Leonardo David P. Resende Belo Horizonte - MG
Carlos Sidney de Assis - São Paulo - SP
Max Gouveia Gerth - São Paulo - SP

PROMOÇÃO:
REVISTA BIZZ
Warner Music

LANÇAMENTOS

GUITARRA ESQUIZÓIDE

KING CRIMSON

Discipline

Vrooom

THE ROBERT FRIPP STRING QUINTET

Discipline

The Bridge Between

DAVID SYLVIAN/ ROBERT FRIPP

Virgin

Damage

Maio de 94: exatamente dez anos após o album *Three Of A Perfect Pair*, o King Crimson renasce das cinzas. A formação é praticamente a mesma desde 80: Robert Fripp (guitarra), Adrian Belew (guitarra/voz/letras), Tony Levin (baixo/stick) e Bill Bruford (bateria), com o reforço de Pat Mastelotto (percussão) e Trey Gunn (fera do stick e compositor que quase desbancou Levin da banda).

Foi assim que nasceu *Vrooom*, CD de apenas cinco faixas, mais uma vinheta. O som não mudou muito: alterna aquelas sequências de *riffs* hard/epilépticos com momentos de lirismo. Confirma que Fripp permanece na vanguarda, mas não supera outros trabalhos recentes do guitarrista, como o que fez junto ao vocalista David Sylvian (ex-Japan), parceria das mais criativas e felizes que já surgiram no rock.

Inquieto e ativo, Fripp gravou dois discos com Gunn: *The First Day*, em parceria com Sylvian, e *The Bridge Between*, creditado a The Robert Fripp String Quintet, uma curiosa experiência com cordas que incluía até releituras "frippertrônicas" de Bach.

Da colaboração Sylvian/Fripp, surgiu o disco pirata *A New Dream*, de boa qualidade técnica, gravado durante um show em Tóquio. Mas a resposta da dupla a esta edição não-oficial foi ainda melhor: *Damage*, CD banhado em ouro, acondicionado numa belíssima embalagem, com o melhor da turnê. JEAN YVES DE NEUFVILLE

DAN PENN

Sire/Warner

Do Right Man

Um dos maiores tesouros musicais inexplorados de toda a música pop é o acervo de fitas demo que registra os trabalhos do mitológico Dan Penn, compositor e produtor vinculado a mais fina flor da *soul music* feita durante os anos 60 e 70.

Seu campo de ação era os estúdios Muscle Shoals, no Alabama e em Memphis. Vez ou outra, vinha trabalhando em Nashville.

Penn sempre foi um sujeito extremamente fascinante. Tanto é verdade, que o empresário Jim Dickinson vivia dizendo – sem brincar – que ele era uma espécie de licantropo: dependendo da lua, era possível observar seu cabelo crescer e se eriçar, enquanto seus ossos mudavam sob a pele.

Exemplo magnífico de modéstia, ele lançou apenas dois álbuns com as próprias gravações, observando o "breve" espaço de 21 anos (!) entre um e outro.

Portanto, agarre o recente *Do Right Man* e deixe-se enfeitiçar por um artista de verdade. Um homem íntegro e não um desses invertebrados que a indústria fonográfica nos impinge a toda hora. RENÉ FERRI

TRILHAS SONORAS

ZHAO JIPING

Milan

Raise The Red Lantern

A trilha de *Raise The Red Lantern* (*Lanternas Vermelhas*), de Zhao Jiping, um dos mais respeitados compositores chineses, é indicada para amantes de sonoridades exóticas. É um retrato da cultura tradicional da China, já que Jiping sublinhou as intrincadas tramas do filme de Zhang Yimou com referências rítmicas e melódicas inspiradas na Ópera de Pequim. Muita percussão, melodias quase atonais e vocais agudos, dissonantes para padrões ocidentais.

Um detalhe: o selo Milan também colocou no mercado a trilha mais melosa do novo *Yimou, Tempos De Viver*, também de Jiping.

ZBIGNIEW PREISNER

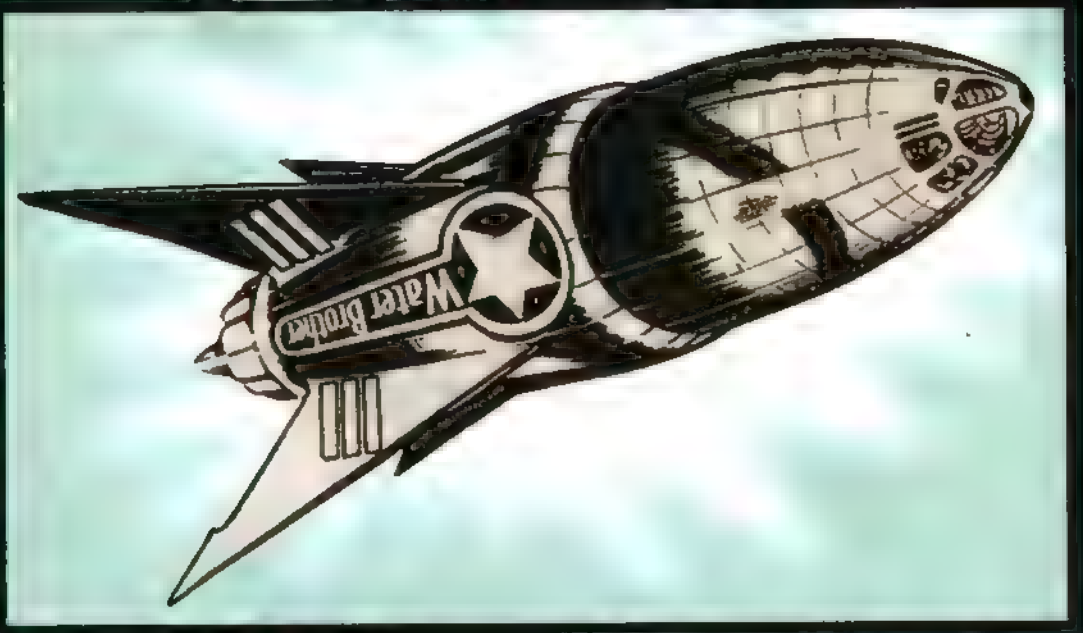
Virgin

Trois Couleurs Blanc

Ao contrário da trilha de *A Liberdade É Azul* – sinfônica e imponente – e de *A Fraternidade É Vermelha*, calcada no Bolero de Ravel, as melodias de Zbigniew Preisner para *Trois Couleurs Blanc* (*A Igualdade É Branca*) são pontuadas pela suavidade e por silêncios expressivos. Como no filme, os temas, em ordem cronológica da narrativa, marcam presença após a mudança do protagonista para a Polônia, em tangos que abrem espaço para cordas e os timbres melancólicos do oboé e do clarinete. CHRISTIAN PETERMANN

BIZZ INFORMA

SHOWS ABRIL



VIPER
COMA RAGE TOUR 95

BRYAN FERRY

PANTERA

BEASTIE BOYS

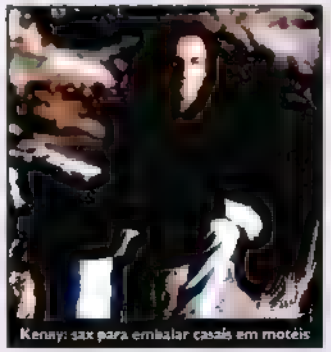
apoio: BIZZ

realização e produção: Water Brother

RÁPIDO & RASTEIRO

Nnenna: vocais jazzísticos de primeira linha

No geral, os discos presentes nesta seção deveriam vir com uma tarja de alerta aos incautos – "o Ministério da Saúde adverte: o conteúdo da coluna *Rápido & Rasteiro* é prejudicial aos ouvidos". Mas enfim, em meio aos refugos, surgem algumas coisas valiosas. Começando pela prata – ou latão – da casa: o **NENHUM DE NÓS** ressurge das cinzas para faturar seu quinhão na onda *unplugged*. **Acústico Ao Vivo** (PolyGram) traz o grupo com um bom naipe de músicos convidados, tocando hits como "Sobre O Tempo", "Extraño", "Ao Meu Redor", e as inevitáveis "Camila, Camila" e "O Astronauta De Mármore" (aquela versão que assassinou "Starman", de David Bowie). Nada contra o disco (bem produzido). O problema é que nenhum de nós agüenta ouvir mais aquelas canções "carne-de-vaca" Mas o acústico dos gauchos não é nada perto da coletânea **Latin Rock Nights** (Warner), que mostra nomes do pop latino no festival de Montreux de 94. Que é um evento importante da música mundial, ninguém discorda. Mas daí a reunir numa única noite **MIGUEL BOSÉ**, **PRESUNTOS IMPLICADOS**, **FITO PAEZ** e **JORGE BENJOR** (a exceção honrosa), acaba sendo boxe para elefante E quem se lembra da baba pop **ALPHAVILLE**, que fazia sucesso nas listas das FMs "descoladas"?



Kenny: sax para embalar casais em motéis

Pois é, os caras voltaram com **Prostitute** (Warner). O título faz jus ao álbum, que traz um baticum pop/dance descartável e onde não falta uma homenagem a Beethoven (!) na faixa que leva o seu nome Menos pior é **ROZALLA**, que retorna com sua *dance music* aeróbica em **Look No Further** (Epic), para a alegria das *drag queens* de plantão. Título da primeira faixa: "I Love Music". Não seria o contrário? A turma do jazz também se faz presente. Quem afirma que o gênero não se renova deveria ouvir **NNENNA FREELON** em **Listen** (Columbia). Com a produção a cargo do expert Bill Friser e com feras como o baixista Ron Carter, ela destila temas suaves, improvisos e malabarismos vocais de primeira (vide "Sol Cycle") O mesmo não pode ser dito do insistente sax de **KENNY G**, que retorna com **Miracles – The Holyday Album** (Arista/BMG-Ariola). Especialista em trilhas sonoras para embalar casais que pululam em *drive-ins* e motéis, o cara parece continuar mais preocupado com as madeixas do que com a (falta de) qualidade da música que faz Como se não bastasse, Kenny agora arrumou um discípulo: **ANDY SNITZER**, que emula o "mestre" solando com seu sax sobre uma base de "sintetizador de churrascaria" (*a la* Lincoln Olivetti) E o blues nacional? O vocalista **ANTONIO QUINTELLA** vem tentar responder uma velha questão no CD **Araribóia Blues** (Niterói): seria possível palatar blues cantado em português? Parece que não, pois os seus temas com *feeling* e *punch* são alinhavados por letras pueris na língua de Camões Já o quarteto americano **FAT TUESDAY** vem chegando com **Everybody's Got One** (Columbia), com uma simpática mostra de *garage rock* de nuances pesadas, resvalando na clonagem explícita do Dinosaur Jr. e dos Meat Puppets, mas até que o saldo final se torna positivo.

Humberto Finatti

GRAVADORA INDEPENDENTE ■ Discovery – SDS Edifício Miguel Badja, Bloco L lj. 89 Fone: (061) 226-5484/ Fax: (061) 562-7488/Brasília (DF).

RECEBA PELO CORREIO - PAGUE AO RETIRAR
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
FONE: (011) 299-7478
MALHA MERCERIZADA
TAMANHOS P, M, G.
TE 71
TE 76
TE 73
TE 69
TE 72
TE 65
TE 77
TE 66
TE 68
TE 62
TE 60
TE 64
TE 67
TE 49
TE 59
TE 63
TE 58
TE 20
TE 61
TE 70
TE 39
TE 43
TE 42
TE 53
TE 47
TE 52
TE 17
TE 50
671
FRENTE
677
674
659
662
670
628
602
629
336
673
PREÇOS
MANGA CURTA (MC) - R$ 12,00
MANGA LONGA (ML) - R$ 15,00
ESPECIAL M CURTA(TE) - R$ 18,00
ESPECIAL M LONGA(LTE) - R$ 22,00
NVIE O CUPOM AO LADO (OU XEROX) P/:
TAMP - RUA HELIODORA, 321
EP 02022-051 - SAO PAULO - SP
OCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO
ARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA
AIS PRÓXIMA DE SUA CASA.
REF TAM MOD. REF TAM MOD.
BZ-116
NOME
END
CEP CID EST
Stamp Rockwear

bolsa de discos

		ARTHUR G. C. DUARTE Estado de Minas, MG	FABIAN CHACUR Diário Popular	HAGAMENON BRITO Correio da Bahia, BA	HEIJO GOMES BZ22	IONE SASSA MTV	JÉFERSON DE SOUSA BZ22	JULIANA RESENDE [illegible]	SERGIO MARTINS BZ22	TÁRIK DE SOUSA Jornal do Brasil RJ	TOM LEÃO O Globo, RJ
7,60	TOM PETTY • Wildflowers (Warner)	7	9	7	10	6	8	5	10	8	6
7,20	THE BLACK CROWES • America (American/Warner)	6	7	6	9	8	7	7	9	6	7
7,12	PAULO MIKLOS • Paulo Miklos (Warner)	•	8	9	5	7	7	6	7	8	•
6,85	ALCEU VALENÇA • Maracatus, Batuques E Ladeiras (BMG-Ariola)	•	7	6	7	6	7	•	7	8	•
6,62	BRYAN FERRY • Mamouna (Virgin/EMI-Odeon)	8	10	6	•	7	6	5	6	5	•
6,33	VÁRIOS • Burning For Buddy – A Tribute To The Music Of Buddy Rich (Warner)	6	6	5	7	•	•	•	•	7	7
5,77	BOYZ II MEN • II Motown/PolyGram	5	6	7	3	6	7	•	6	7	5
5,00	PET SHOP BOYS • Disco 2 (EMI-Odeon)	5	6	8	0	8	5	6	0	8	8
4,80	SUEDE • Dog Man Star (Rude/PolyGram)	7	6	5	3	8	5	4	0	5	5
3,85	LAURIE ANDERSON • Bright Red/Tightrope (Warner)	9	3	4	1	•	3	•	0	7	•

parada

EUA álbuns 04/02 Billboard

1. GARTH BROOKS • The Hits (Liberty)
2. GREEN DAY • Dookie (Reprise/Warner)
3. THE EAGLES • Hell Freezes Over (Geffen)
4. BOYZ II MEN • II (Motown)
5. PEARL JAM • Vitology (Epic)
6. THE CRANBERRIES • No Need To Argue (Island)
7. TLC • Crazysexycool (Arista)
8. MARY J. BLIGE • My Life (Uptown)
9. OFFSPRING • Smash (Epitaph)
10. NIRVANA • [illegible] New York (Geffen)

EUA singles 04/02 Billboard

1. TLC • "Creep" (Arista)
2. BOYZ II MEN • "On Bended Knees" (Motown)
3. REAL McCOY • "Another Night" (Arista)
4. MADONNA • "Take A Bow" (Maverick/Warner)
5. BON JOVI • "Always" (Mercury)
6. DESTREE • "You Gotta Be" (Music)
7. BLACKSTREET • "Before I Let You Go" (Interscope)
8. 4 P.M. • "Sukiyaki" (Island)
9. INI KAMOZE • "Here Comes The Hotstepper" (Columbia)
10. MELISSA ETHERIDGE • "I'm The Only One" (Island)

GB álbuns 04/02 NME

1. CELINE DION • The Colour Of My Love (Epic)
2. THE BEAUTIFUL SOUTH • Carry On Up The Charts (Go! Discs)
3. PORTISHEAD • Dummy (Go! Disc)
4. OASIS • Definitely Maybe (Creation)
5. ETERNAL • Always & Forever (EMI)
6. VARIOS • Pulp Fiction (MCA)
7. THUNDER • Behind Closed Doors (EMI)
8. JIMMY NAIL • Crocodile Shoes (Eastwest)
9. BLUR • Parklife (Food)
10. VAN HALEN • Balance (Warner)

GB indie 04/02 NME

1. THROWING MUSES • University (4AD)
2. THE BLACK DOGS • Spanners (Warp)
3. OASIS • Definitely Maybe (Creation)
4. THE WOLFGANG PRESS • Funky Little Demons (4AD)
5. VARIOS • Planet Dog – The Peel Sessions (Strange Fruit)
6. BETTIE SERVEERT • Lombrey (Beggar's Banquet)
7. LINKLE • The Time Has Come EP (Mo'Wax)
8. VARIOS • Dope On Plastic (React)
9. VERUCA SALT • American Thighs (Minty Fresh/Hi-Rise)
10. SWANS • The Great Annihilator (Young God)

EU A JOVEM PAN

TODO MUNDO OUVE

NEW ROCK
FONE: (011) 280 2952
FAX: (011) 881 9789
CAMISETÃO FC (T)
R$ 21
TAM.: M,G
REF T72
REF T83
REF T85
REF T84
REF 73
REF T76
REF T75
REF T77
REF T86
REF T81
REF T82
REF T87
REF T79
LOJA 1: RUA CAPOTE VALENTE, 242, PINHEIROS, SP/SP
FONE: (011) 280 2952
LOJA 2: RUA 24 DE MAIO, 62, 2º AND., L-334, GAL. DO ROCK, SP/SP, FONE: (011) 222 5406
MANGA CURTA (MC)
R$ 14,50
TAM.: P,M,G
DONINGTON PARK
REF 421
REF.419
REF.417
V 10
V 03
V 07
BERMUDÃO CANVAS (V)
BORDADOS EXCLUSIVOS
R$ 28
TAM.: M,G
COMO COMPRAR:
SEDEX (ENTREGA URGENTE): Junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra. Pague as despesas postais somente ao retirar a mercadoria no correio.
ENCOMENDA SIMPLES (ENTREGA ENTRE 15 E 25 DIAS): Junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra mais as despesas do correio (Região Sudeste = R$ 4, demais regiões: R$ 6) e receba a encomenda em casa.
IMPORTANTE! A encomenda só será enviada após a compensação do cheque e pedido só será atendido mediante o envio do cheque nominal à New Rock.
TOTAL DA COMPRA, R$
BZ-116
NOME
END.
Nº
CEP
FONE
CIDADE
ESTADO
ENCOMENDA SIMPLES
SEDEX
MOD.
REF.
COR
TAM.
Preencha corretamente o cupom acima e envie para:
New Rock - Rua Capote Valente, 242, SP/SP, 05409-000.

Uma década de rock hupiniquim

Esta coletânea mostra como os **TITÃS** já foram mais variados musicalmente. **Titãs 84–94** (Warner) reúne em dois CDs – que podem ser comprados juntos ou separadamente – toda a evolução do grupo.

Os caras começaram na década de 80 com um pop/rock no estilo anos 60, resvalando na breguice até assumirem uma opção pelo rock pesado, nos seus dois últimos discos – *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora* (91) e *Titanomaquia* (93).

Arnaldo Antunes, Toni Bellotto, Nando Reis (em cima), Charles Gavin, Sérgio Britto (ao centro), Branco Mello e Marcelo Fromer

Entre uma fase e outra, a banda lançou pelo menos duas obras-primas do rock nacional – *Cabeça Dinossauro* (86) e *Õ Blesq Blom* (89).

O primeiro foi um disco cheio de revolta e com letras beirando o inconformismo – vide pérolas como "Polícia" e "Igreja". *Õ Blesq Blom* mostrou uma faceta mais experimental do grupo, descobrindo a dupla pernambucana Mauro & Quitéria (na introdução de "Miséria") e brincando com o som de computadores (em "Deus E O Diabo").

Além das faixas citadas, os dois álbuns ainda trazem outros hits dos Titãs como "Flores", os reggaes "Família" e "Marvin", a levada funk de "Diversão" e muito mais. Para enriquecer esta coletânea faltou apenas a canção "Insensível", do álbum *Televisão* (85). *Sérgio Martins*

O rei do rock'n'roll & seu seguidor britânico

Dez CDs de Elvis Presley e uma coletânea dupla de Cliff Richard relembram dois ídolos

Dando continuidade à série *40 Anos De Rock'N'Roll*, iniciada no fim de 94, a RCA/BMG-Ariola lança dez títulos de **ELVIS PRESLEY**, todos de valor histórico.

Elvis' Golden Records Volume 3 (63) trazia clássicos como "It's Now Or Never" e "I Feel So Bad", enquanto **Elvis' Golden Records Volume 4** (68) apresentava Elvis em músicas muito famosas como "Love Letters" (Kathy Lester) e "What I'd Say" (Ray Charles).

Às trilhas de **G. I. Blues** (60) – com uma regravação de "Blue Suede Shoes" – e **Blue Hawaii** (61), que lançou a balada "Can't Help Falling In Love With You", soma-se **That's The Way It Is** (70), trilha do documentário *Elvis É Assim*. **From Elvis In Memphis** (69), foi o primeiro disco que ele gravou em Memphis desde os tempos da gravadora Sun, nos idos dos anos 50, e **Elvis is Back!** (60) surgiu assim que Elvis saiu do exército. O chamariz de **Pot Luck With Elvis** (62) era "Kiss Me Quick".

O pacote se fecha com dois títulos gospel, que nunca haviam saído no Brasil: **His Hand In Mine** (61) e **How Great Thou Art** (67), o único disco a dar um Grammy para Elvis enquanto ele esteve vivo *Toninho Spessoto*

Cliff: um recordista em vendas na Inglaterra

CLIFF RICHARD foi um fenômeno. O cantor inglês conseguiu colocar mais de cem músicas nas paradas de seu país (um recorde!). Sem contar que, ao lado do seu grupo The Shadows (veja a *Discoteca Básica* desta edição), foi o artista mais significativo do rock inglês pré-Beatles.

O CD duplo **The Hit List** (EMI-Odeon), com 47 faixas, comemora os 35 anos da longa e variada carreira de Cliff. Desde o roqueiro durão de "Move It" (seu primeiro hit, de 58), passando por seu lado baladeiro ("Living Doll", "Traveling Light", "I Love You"), o country "The Minute You're Gone" (que emplacou um primeiro lugar em 65, no auge da beatlemania) e a inesquecível "Congratulations" (68), chegando até o início dos anos 90, quando lançou a sua música que mais vendeu, o tema natalino "Mistletoe & Wine". *Paulo Cavalcanti*

Memórias requentadas do punk

CDs medíocres de uma trinca de bandas seminais

Se andam falando do ressurgimento do punk rock – com grupos como o Green Day, que já vendeu mais de 2 milhões de discos –, nada mais oportuno do que estes três relançamentos patrocinados pelo selo Roadrunner. São eles. **The Massacre**, com **THE EXPLOITED. From Here To Reality**, do **G.B.H.**, mais **Hell And Back Together: 1984-1990**, do **T.S.O.L. (True Sounds Of Liberty)**.

Os dois primeiros forjaram seu som nos primórdios do movimento, na Inglaterra, nos idos de 78. O trabalho de ambos era calcado no *hardcore* de protesto, com apelos políticos e sociais. Mas, posteriormente, as duas bandas foram modificando as respectivas sonoridades até se fixarem na tênue linha que separa o *hardcore* do *thrash*. Esta é a fase registrada nos CDs lançados (ambos de 90).

Já o T.S.O.L. é outra história. O quarteto californiano conseguiu lançar dois ou três álbuns excepcionais (tendo entre eles o obrigatório *Change Today?*, de 84), mas depois promoveu uma metamorfose revoltante em sua música. Os caras deixaram os cabelos compridos e o metal baba entrou em cena. Infelizmente, a maioria das faixas da coletânea cobre esta fase asquerosa, ainda que tenha o clássico supremo deles, "Flowers By The Door" (em versão inferior à original, diga-se). *Humberto Finatti*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO!: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU!: Idolos da Juventude
CARICIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAUDE É VITAL!: Prevenção e Saude

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VIDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel: (011) 816-7866 Fax (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro CEP 20020-080 Tel. (021) 532-0313 Fax (021) 532-1486 - Cx 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed Venâncio III sala 202 CEP 70300 - Brasília DF - Tel. (061) 321-0305 - Fax (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 sala 103 - CEP 60050-000 Fortaleza/CE - Tel. (085) 254-1668 Fax. (085) 252 2131
Minas Gerais: M A M. Publicidade e Repres. Ltda. Av.Contorno 8000 - sala 1101 - Ed Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax. (031) 291-6470
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais R. Cândido de Abreu, 526 cj. 604- Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel. (041) 253-4048 Fax (041) 252-2644
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av Marechal Câmara 160 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS Tel. (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge 8 - Cond. Village II - Florianópolis/SC Tel./Fax (048) 232-0519

Clássicos

Antes dos Stones

Ronnie Wood em estréia individual (*à frente*) e seus chapas – entre eles, Keith Richards (*ao fundo*)

Uma dúvida permanece: por que em seu primeiro disco solo ele se chamava **RON WOOD** e no segundo assinou **RONNIE WOOD**?

Seja como for, tanto a sua estréia individual (**I've Got My Own Album To Do**, de 74) como o disco posterior (**Now Look**, de 75) – agora lançados pela Warner – já pressupunham o destino deste inglês boa praça. Criado na *swinging London* nos anos 60, ele tocou baixo no Jeff Beck Group, antes de aderir à guitarra secundando Rod Stewart no grupo The Faces.

Mas a grande "bocada" para Wood surgiu exatamente após estes dois álbuns, quando ele foi convidado para substituir Mick Taylor nos Rolling Stones. Não foi à toa que em ambos Keith Richards deu "canjas" generosas – até assinando parcerias inéditas com Mick Jagger ("Act Together" e "Sure The One You Need") no primeiro. O sucessor, por sua vez, contou basicamente com a mesma "turminha" (que incluía os teclados de Ian McLagan, dos Faces) e a participação/co-produção do *soulman* Bobby Womack. Petiscos "stoneanos". *Celso Pucci*

Altos e baixos de Sting

Quando **STING** se desfez do seu grupo, The Police, para encarar a carreira solo nem todo mundo punha fé na iniciativa do cantor e compositor. Ele, contudo, chegou a surpreender a todos com seu primeiro disco, *The Dream Of The Blue Turtles* (85), no qual o jazz dava a tônica. Dez anos depois, Sting prova que sobreviveu. Mas haja altos e baixos... **Fields Of Golds – The Best Of Sting: 1984/1994** (A&M/PolyGram) teria a intenção de mostrar o melhor da trajetória do músico inglês. Quase consegue, ao trazer canções do primeiro disco e outros momentos brilhantes ("Englishman In New York", "We'll Be Together"), mas aí ninguém vai me fazer entender o porquê de terem enfiado a tal "Fragile", uma das músicas mais horrorosas de que se tem notícia, e ainda por cima em duas versões – uma delas, aquela abominável, em português. E daí deixaram "Bring On The Night", sua música mais legal, de fora. Aliás, esqueceram de todas do disco homônimo. Imperdoável. *Jeferson De Sousa*

Som do próximo milênio

Criador multimídia em caixas de luxo

Após 23 anos de um percurso musical que passou por quase todas as modalidades de arte – da pintura à cibernética, incluindo a produção em estúdio de grupos como Talking Heads e U2, nada mais normal que **BRIAN ENO** tenha optado por montar uma antologia de sua obra.

Menos previsível é a beleza e a originalidade das duas caixas, cada uma com três CDs, em forma de cubos (mais um livreto informativo), que o compositor, instrumentista, artista plástico e criador multimídia projetou. A embalagem do par de pacotes – **Enobox I & 2** (Opal) –, ambas primorosas na programação visual, estão à altura de seus respectivos conteúdos. A primeira caixa reúne 54 peças instrumentais,

Brian Eno: um precursor da *ambient music*

enquanto a outra agrupa uma seleção de 55 faixas cantadas, tudo isso remasterizado pelo processo Super-Bit Mapping (SBM) criado pela Sony, cuja definição de vinte *bits* – o comum para um CD são dezesseis *bits* – põe relevo e cores nos detalhes sonoros, os quais seriam imperceptíveis de outra forma. Esse tipo de sofisticação técnica é relevante no caso da música de Eno, feita de texturas sobrepostas, depositadas por camadas e repleta de nuances, como se fosse uma tela impressionista.

Esta antologia dupla vem oferecer um amplo painel da arte de Brian Eno. A primazia vai para a caixa instrumental, que destaca o lado da *ambient music*, uma de suas invenções. Muito além de uma sucessão de notas agradáveis, a arquitetura sonora se baseia em influências estilísticas tão diversas quanto a música polifônica da Renascença, escalas orientais, ritmos africanos, Debussy, Ravel, Erik Satie, invenções de John Cage e filosofia zen, sem esquecer daquele prazer imediato do pop – apontando para o que deve ser a música do próximo milênio. *Jean Yves De Neufville*

SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ULTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
FONE: (011) 288-4847

records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas
• New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE
• VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

GANHADOR
DA PROMOÇÃO
JAMAICA

"Jamaica sobre todas as forças"

LÚCIO G. QUEIROZ
Av. Epitácio Pessoa
Lagoa - RJ

REVISTA
BIZZ

Sony Music

Força primitiva

CD duplo com o melhor da música visceral do quarteto The Troggs

Simplicidade com sofisticação no som dos "diabos de Andover"

Os "diabos de Andover" ganharam uma inesperada promoção nos últimos anos, desde quando o R.E.M. pagou tributo a eles no álbum *Athens And Over* (92). E mais ainda com o recente sucesso da *cover* de "Love Is All Around" feita pelo Wet Wet Wet.

Archeology: 1966-1976 (Fontana) é, até esta data, a melhor compilação do quarteto **THE TROGGS**, cobrindo os dez anos mais produtivos da carreira de Reg Presley (voz), Chris Britton (guitarra), Peter Staples (baixo) e Ronnie Bond (bateria).

A música básica e despojada destes heróis facilita os equívocos em coletâneas, mas aqui estão 52 faixas absolutamente pertinentes. Não há nenhuma dispensável.

A banda possui uma força natural, tem uma das grandes verdades nas mãos: sua música parece sempre viva, fresca e desafiante, não importa quanto tempo se passe ou quantas vezes seja ouvida.

Reg é um gênio primitivo, intuitivo e – contraditoriamente – sofisticado, ao mesclar rock visceral com canções descaradamente melodiosas. Eles foram os precursores do heavy metal, do punk rock, do minimalismo e ainda criaram clássicos do pop psicodélico. Não é o bastante? *René Ferri*

Entre dois "Bobs"

Antologias nacionais com luminares do som americano

Na verdade, ambos têm bem pouco em comum, a não ser o fato de galgarem os primeiros postos da parada americana, a cada novo álbum ou compilação editada. E com estes dois CDs, agora lançados no Brasil, não poderia ser diferente.

Mas os méritos destes discos são diversos. **Greatest Hits Vol. 3** (Columbia), o CD de **BOB DYLAN**, não possui sequer a unidade das duas antologias anteriores do menestrel.

Vale as exceções antigas – como "Knockin' On Heaven's Door", "Tangled Up In Blue", "Hurricane" – e recentes (sua associação com Daniel Lanois em

Oh, Mercy, de 89, incluindo o *outtake* "Dignity"). O grosso do material, no entanto, concentra-se na fase em que Bob converteu-se ao cristianismo (entre 79 e 84), com canções que passam longe dos momentos mais inspirados do cara.

Já **BOB SEGER AND THE SILVER BULLET BAND**, bem menos essencial que Dylan, vem se adequar bem ao formato deste **Greatest Hits** (Capitol/EMI-Odeon), com sua mistura de hard rock e baladas soul. "Turn The Page" (73), "Night Moves" (76) e "Against The Wind" (80) soam simpáticas reunidas em uma coletânea como esta. *Celso Pucci*

O Melhor Rock de
Raul Seixas

A Gente Curte Ao Vivo !!

Show de 74 de apresentação das músicas do futuro LP, GITA, em versões raras e inéditas além de várias fotos exclusivas.

"Trata-se de um registro imperdível dos anos dourados de rebeldia, genialidade e questionamentos de Raul Seixas". O Estado de São Paulo - Caderno2 *por Juliana Resende*

Globo Vídeo
ELDORADO

JÁ À VENDA EM CD, LP & K-7

Vídeo

Um olhar nos bastidores

O que acontece por trás das câmeras que gravam Axl & Cia.

GUNS N'ROSES
The Making Of Estranged – Part IV Of The Trilogy!!!
Direção: Agust Jakobsson. 60 min. Geffen/BMG.

Atenção: esse cara parece o Slash, mas não é!

O clip de "Estranged", retirado do álbum *Use Your Illusion*, era inicialmente para ser uma espécie de continuação do já clássico "November Rain". Axl Rose mudou de idéia e o vídeo se transformou na maior superprodução vista na indústria dos clips.

The Making Of Estranged... mostra durante uma hora de imagens o quanto "hollywoodiana" foi a produção do vídeo dos **GUNS N'ROSES**. As câmeras por trás das câmeras revelam coisas impressionantes: os segredos dos efeitos especiais e o clima – até com o uso de dublês (como o de Slash, na foto ao lado) nas quase uma dezena de locações.

Mostra ainda, além da versão completa do clip, os depoimentos dos envolvidos no projeto – tal como o diretor Andy Morahan – e uma entrevista com Axl Rose em que ele faz um desabafo e diz que, apesar do conteúdo *nonsense* da história, "Estranged" é "muito emocional". Declara que a música retrata o momento difícil que ele estava passando após o divórcio da sua ex-mulher e que se orgulha de ser o primeiro *popstar* a expor tanto seus sentimentos mais íntimos.

Uma obra que vai além de ser um artigo exclusivo para fãs do grupo. ROBERT HALFOUN

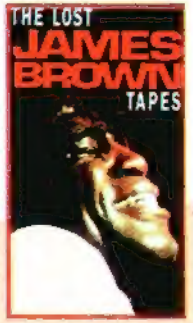
THE WHO
Thirty Years Of Maximum R&B – Live
Direção: Vários. 155 min. Polydor/PolyGram.

Pete Townshend, da banda **THE WHO**, em Londres, 65: "Antes, os músicos tentavam imitar no palco o som que conseguiam no estúdio. Hoje, o que se faz é levar o som do palco para o estúdio".

Impressionante nas gravações de estúdio, The Who era ainda maior ao vivo. A afirmação é confirmada em **Thirty Years Of Maximum R&B – Live**, que chegou para complementar a caixa homônima de quatro CDs.

Não há motivos para reclamar. O vídeo traz 27 clássicos da banda, além de depoimentos do vocalista Roger Daltrey, de Pete Townshend e do baixista John Entwistle sobre os anos de ouro da banda. Enfim, eis aqui um vídeo que mostra de forma impecável toda a majestade deste quarteto. HÉLIO GOMES

JAMES BROWN
The Lost Tapes
Direção: Eric Thiermann, Rod Cowe & Robert Sheridan. 76 min. Gravity/BMG.



Estas tais fitas estavam perdidas? Então deveriam continuar assim! Isso porque **The Lost Tapes** contém um show em Santa Cruz (onde?) no ano de 79, que captura o *soulman* em um ponto baixo. No fim dos anos 70, em pleno rescaldo da *disco music*, ninguém queria saber do cara. E sua performance sem brilho só confunde mais as coisas. O show parece que foi feito numa quermesse. À esta altura, **JAMES BROWN** já tinha colocado a antiga eletricidade no piloto automático.

Claro que ele canta seus velhos cavalos de guerra ("Please, Please, Please", "Papa's Got A Brand New Bag") sem se importar muito. E que cristão agüenta a versão de vinte minutos de "Sexy Machine"? O melhor é o figurino de Brown: um elegante paletó de lapela prateada. No fim da fita, ele dá uma entrevista de quinze minutos sobre a sua vida. Ao menos, é mais curta do que "Sexy Machine". PAULO CAVALCANTI

CREAM
Fresh Live Cream
Direção: Martin Baker. 75 min. Castle/PolyGram.

Em três anos de vida (de 66 a 69) o **CREAM** – grupo que foi formado por Eric Clapton (guitarra/voz), Jack Bruce (baixo/voz) e Ginger Baker (bateria) – fez o diabo com uma receita à base de blues pesado e psicodelia, até que os egos dos caras inflaram, encurtando a vida do trio. **Fresh Live Cream** (só disponível em cópias importadas) mostra um pouco disso. Feito para comemorar a entrada deles no *Rock'N'Roll Hall Of Fame* – em 93 –, o vídeo traz cenas inéditas (como Baker numa competição de bateria), além de clássicos como "Sunshine Of Your Love", "White Room" e a versão para "Spoonful" no Revolution Club, em Londres, com Eric Clapton empunhando a sua guitarra pintada com motivos psicodélicos. SÉRGIO MARTINS

Jukebox — Suzi Quatro

O som da banda de Suzi misturava a energia rocker dos anos 50 com o glitter rock da década de 70

Aos 14 anos, ela largou a escola e formou com suas três irmãs o grupo The Pleasure Seekers. Quando a banda estava para acabar, o produtor inglês Mickie Most conheceu Suzi e se interessou por aquela adolescente rebelde, convidando-a para seguir em carreira solo.

Formou uma banda de apoio com Len Tuckey (guitarrista, que depois se casaria com Suzi), Alastair McKenzie (tecladista) e Dave Neal (baterista). Contando com o auxílio da dupla de compositores/produtores Nicky Chinn e Mike Chapman (Sweet, Blondie), ela teve os primeiros hits: "48 Crash" e "Can The Can" alcançaram o topo das paradas em 73. Outros sucessos vieram através de canções fortes como "Devil Gate Drive", "The Wild One" e "If You Can't Give Me Love".

Ela provou que as mulheres podiam fazer rock'n'roll de verdade

O som que ela fazia era uma encarnação da energia *rocker* dos anos 50 misturada com o movimento *glitter* do período.

Com a eclosão do punk, sua presença não foi mais tão requisitada, pois já era época de uma "outra Suzi" – a Siouxsie Sioux – e mulheres como Patti Smith, Lydia Lunch, além de grupos femininos como The Slits e The Runaways.

Tendo desbravado o caminho para todas estas garotas, Suzi Quatro pôde então se casar e se dedicar a um outro sonho seu, que era ser atriz. Sua incursão mais importante nesse sentido foi quando passou a atuar em um seriado televisivo de enorme sucesso nos Estados Unidos – *Happy Days* –, onde fazia o papel de uma roqueira dos anos 50.

Nada mais apropriado para justificar a fama de Suzi Quatro, uma artista que provou de forma definitiva que as mulheres podiam fazer rock'n'roll de verdade. SÉRGIO BARSO

Do L7 para Joan Jett, até se chegar a **SUZI QUATRO** foram vinte anos de liberação feminina dentro do universo do rock'n'roll.

É lógico que sempre existiram mulheres neste cenário eminentemente masculino, onde as garotas geralmente se prestavam ao papel de *groupies*. Mas depois de Suzi ter aparecido, a história do "sexo frágil" dentro do meio musical teve que ser mudada.

Com presença forte, agressiva, vestindo uma jaqueta de couro e empunhando o seu baixo, ela compunha, cantava, tocava e despontava como verdadeira *frontwoman* no início dos anos 70, bem diferente das meigas cantoras e dos *girl groups* das décadas anteriores.

Nascida em 50 na cidade de Detroit (berço da Motown e de "barulheiras" notórias como MC5, The Stooges e Alice Cooper), Suzi pertencia a uma família de músicos, na qual se destacavam seu pai, Art Quatro (líder de um trio de jazz), e seu irmão Michael (que também perambulou pelo rock).

Discografia selecionada

■ **Suzi Quatro** (73, Bell/Toshiba) O álbum de estréia da baixista/vocalista talvez seja seu disco mais importante por conter os hits "48 Crash", "Can The Can" e a versão para "I Wanna Be Your Man", de Lennon & McCartney. Disponível em CD apenas na Europa e no Japão.

■ **The Wild One – The Greatest Hits** (90, EMI) CD que reúne vinte faixas de Suzi gravadas entre 73 e 79. Disco editado nos Estados Unidos, Europa e Japão.

THE SHADOWS
The Shadows

PERFORMANCE

Lançamento 1961 ■ **Produção** Norrie Paramor ■ **Faixas** "Shadoogie" • "Blue Star" • "Nivram" • "Baby, My Heart" • "See You In My Drums" • "All My Sorrows" • "Stand Up And Say That!" • "Gonzales" • "Find Me A Golden Street" • "Theme From A Filleted Place" • "That's My Desire" • "My Resistance Is Low" • "Sleepwalk" • "Big Boy" ■ **Notas** O álbum *The Shadows* chegou ao primeiro posto da parada britânica e permaneceu nela por mais de um ano (57 semanas) • Ao se juntarem, os Shadows chamavam-se The Drifters, mas mudaram de nome devido ao grupo vocal homônimo de rhythm'n'blues americano • Os Estados Unidos foram o único país onde os Shadows se lançaram sem sucesso. Suas únicas duas edições americanas na época foram compilações: *Surfin' With The Shadows* (63) e *The Shadows Know* (65), deslocadíssimas em um selo especializado em música negra (Atlantic, de Nova York) • "As gravações dos Shadows eram como uma guerra civil. Vi os caras ensaiando dias a fio e, depois de discussões acaloradas, finalmente concordavam no arranjo e na apresentação de um tema. Então, de repente, durante as sessões de gravação, eles decidiam que não estava legal e detonavam tudo de novo" (das *liner notes* escritas por Cliff Richard) ■ **Formatos** Disponível em CD na Europa e Japão, em edição acoplada ao segundo álbum, *Out Of The Shadows* (62), selo EMI.

Em julho de 79, o jornalista inglês Peter Frame escreveu que o selo EMI deveria erigir uma estátua para Hank Marvin, "o mais influente de todos os guitarristas". E o mote dele ainda continua valendo.

Marvin, tal como Jet Harris (baixo), Bruce Welch (segunda guitarra) e Tony Meeham (bateria) tocaram – separados – em grupos que foram parte da história do rock mais seminal feito na Inglaterra (Five Chesternuts, The Vipers...), antes de se juntarem como The Shadows, a banda de apoio do cantor Cliff Richard.

Os "reis do rock'n'roll instrumental" *(à partir da esquerda)*: Bruce, Hank, Tony & Jet

Ao iniciar sua carreira, independente de Richard, com números instrumentais, o quarteto acertou em cheio, criando um estilo inteiramente original. A formação musical deles, bem como o lado visual, seguiam um padrão próprio. E logo no segundo single – "Apache", editado em julho de 60 –, chegaram ao topo e nunca mais ficaram fora das paradas. Somados seus hits àqueles em que acompanharam Richard, os Shadows detém um recorde impressionante de assiduidade nas *charts* inglesas, deixando para trás campeões como Elvis Presley e os Beatles.

The Shadows, seu primeiro álbum, foi lançado em setembro de 61, quando o grupo ainda comemorava um segundo compacto a chegar no topo das paradas. "Kon Tik" também foi o quinto *top five* deles no intervalo de apenas um ano! Já o álbum tinha canções ("Shadooguie", "Blue Star", "Gonzales") que vieram a se tornar *de rigueur* no repertório daqueles inúmeros grupos que os imitavam.

E isso virou uma febre mundial. Em todos os cantos, os Shadows geraram uma quantidade incrível de imitadores. Os guitarristas não só copiavam o toque sutil de Marvin na Fender Stratocaster como – não raro – também botavam aqueles óculos de aros grossos, para se assemelhar ainda mais ao seu ídolo.

Este álbum de estréia, com *liner notes* de Cliff Richard, destaca o produtor e maestro-arranjador Norrie Paramor, que sempre gostava de acrescentar cordas aos temas dos Shadows.

Na época do lançamento do disco, Tony Meeham e Jet Harris deixaram o grupo. Harris, o *bad boy* do rock inglês, seguiu em uma carreira solo acidentada, traumática, com uma série de *comebacks* abortados e um romance de folhetim com Billie Davis.

Mas o legado de Hank Marvin e seus asseclas ainda permanece intocável. O universo musical britânico continua a ter uma dívida impagável para com o grupo The Shadows, os insuperáveis reis do rock'n'roll instrumental. *René Ferri*

OLHA QUEM ESTÁ ESTOURANDO POR AÍ

ROXETTE
CRASH!BOOM!BANG!
O ÁLBUM QUE VENDEU MAIS DE 5.000.000 DE CÓPIAS NO MUNDO

SHOWS NO BRASIL
SÃO PAULO: OLYMPIA - 27 E 28 DE MARÇO
RIO: METROPOLITAN - 30 E 31 DE MARÇO

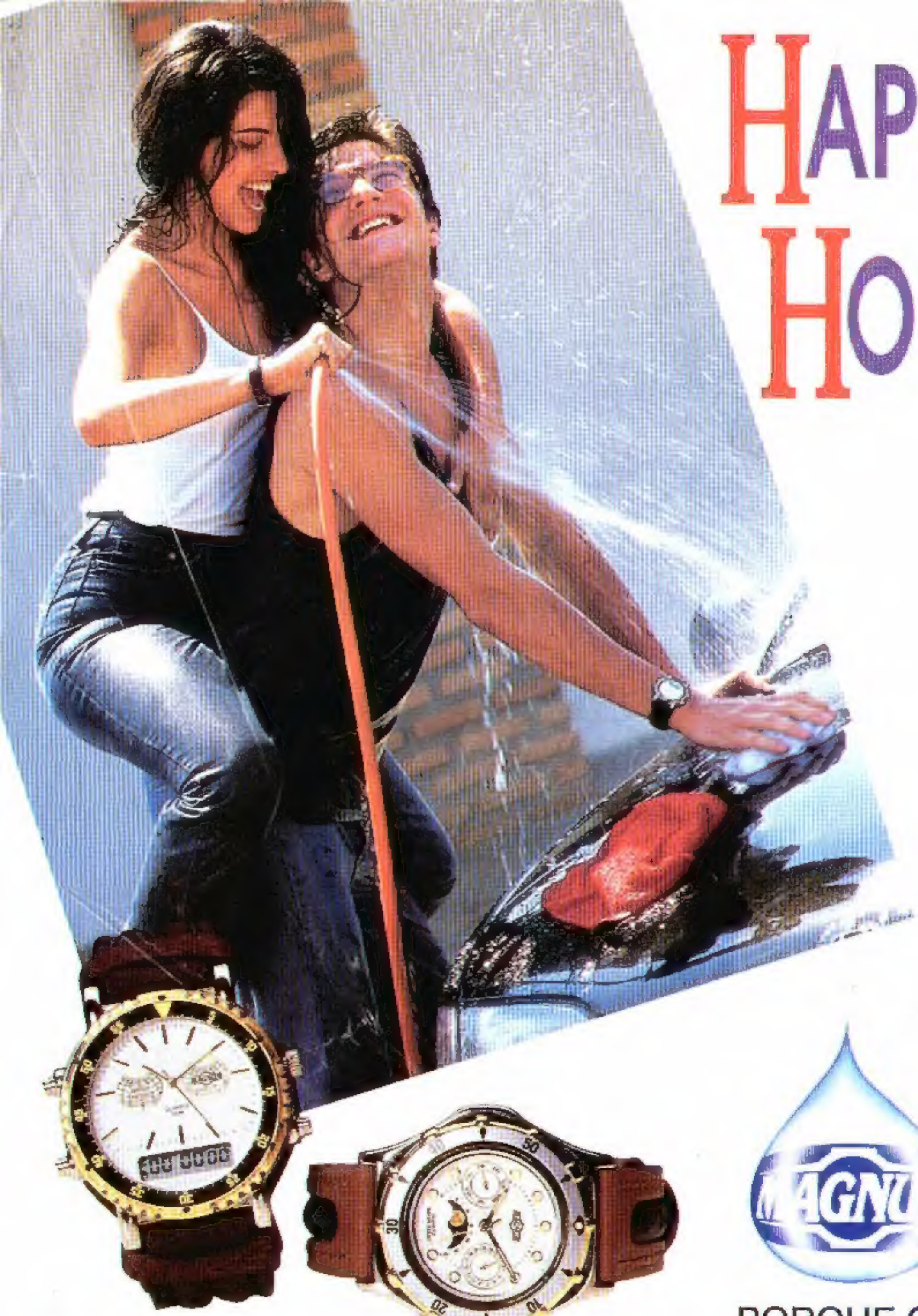
LOOK SHARP!

JOYRIDE

TOURISM

CD K7 LP
EMI

HAPPY HOUR



MAGNUM
Indústria de Amazônia Ltda

PORQUE OS
TEMPOS MUDARAM

FACTU